

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director
MARIO BEHRING

INTERIOR. 20\$000

ASSIGNATURA ANNUAL

EXTERIOR. 25\$000

NUMERO AVULSO. 2\$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO I

NOVEMBRO 1904

N. 11

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

Recebemos desde já assignaturas para o proximo anno de 1905

A importancia das assignaturas e toda a correspondencia commercial devem ser remettidas a J. Schmidt, caixa postal, n. 1085—Rio de Janeiro.

KÓSMOS encontra-se á venda nas seguintes livrarias :

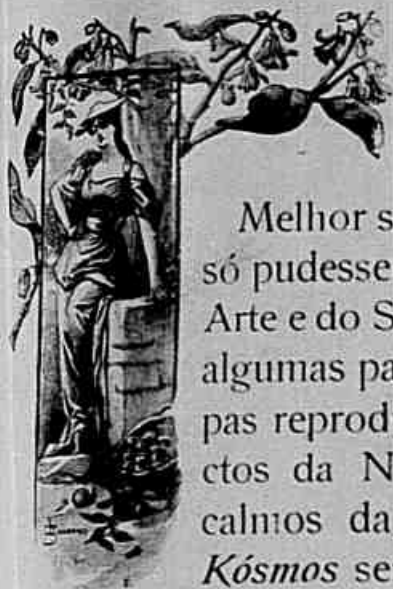
Capital Federal—Laemmert & C.^a, Garnier, Alves & C.^a,
A. Moura, Briguiet & C.^a, S. Gradim.
S. Paulo—Casa Garraux, Laemmert & C.^a, Chiaffarelli & C.^a
Santos—Magalhães & C.^a, Bazar Paris.
Mogy-Mirim—Casa Cardona.
Bello Horizonte—A. Joviano & C.^a
Ouro Preto—Antonio da Costa.
Uberaba—Leschaud & C.^a
S. João d'El Rey—Armando B. Cunha.
Juiz de Fóra—Feliciano da Silveira Bulcão
Bahia—Livraria Dous Mundos
Victoria (E. Santo)—Nelson Costa & C.^a

Fortaleza (Ceará)—Libro-Papelaria Bivar.
S. Luiz (Maranhão)—Luiz Magalhães & C.^a
Belém (Pará)—J. B. dos Santos.
Manãos (Amazonas)—Lino Aguiar & C.^a
Florianopolis (Santa Catharina)—Paschoal Simone.
Campinas—Casa Genoud.
Pelotas (R. G. do Sul)—Pintos & C.^a, —Francisco Meira,
Echenique Irmãos & C.^a
Rio Grande » —Pintos & C.^a—Echenique Irmãos & C.^a
Porto Alegre » —Pintos & C.^a
Parahyba (Parahyba)—Antonio Penna & C.^a
Coritiba (Paraná)—Annibal Rocha & C.^a

São nossos agentes:— Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Mogy-Mirim—Snr. Francisco Cardona. Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jahú—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão. Rio Claro—Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal—Snr. Carlos de Carvalho. Cataguazes—Snr. Julio Guimarães. Sul de Minas—Snr. Urbano Rabello. Petropolis—J. R. Escragnolle. Taubaté—Snr. Braz Curtu.

São nossos representantes:— Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará—Snr. Fernando de Figueiredo Motta. Estado do Maranhão—Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas—Coronel Domingos Andrade. Estado da Bahia—Snr. Vicente Ferreira Lins do Amaral.

Com o proximo numero, a sahir em Dezembro, terminará Kósmos o seu primeiro anno de vida. E', pois, occasião de agradecer o auxilio generoso e espontaneo dos nossos assignantes, rogando-lhes a sua continuação no proximo anno de 1905. Para que não se reproduzam as queixas de muitas pessoas que não puderam obter os 5 primeiros numeros d'este anno, cuja tiragem exgottou-se inteiramente, desde já declaramos abertas as novas assignaturas.



CRONICA

Melhor seria, talvez, que nestas columnas só pudessem achar agasalho as cousas da Arte e do Sonho, — alguns versos de amor, algumas paginas de critica, algumas estampas reproduzindo perfis de mulheres, aspectos da Natureza, recantos pittorescos e calmos da cidade e do campo. Assim, *Kósmos* seria um oasis, em que as almas viessem repousar e sorrir um pouco, entre uma conquista e uma decepção, esquecendo o que a vida tem de rude ou triste.

Mas a Arte não é, como ainda querem alguns sonhadores ingenuos, uma aspiração e um trabalho á parte, sem ligação com as outras preocupações da existencia. Todas as preocupações humanas se enfeixam e misturam de modo inseparavel. As torres de ouro e marfim, em que os artistas se fechavam, ruíram desmoronadas. A Arte de hoje é aberta e sujeita a todas as influencias do meio e do tempo: para ser a mais bella representação da vida, ella tem de ouvir e guardar todos os gritos, todas as queixas, todas as lamentações do rebanho humano. Sómente um louco, — ou um egoista monstruoso, — poderá viver e trabalhar consigo mesmo, trancado a sete chaves dentro do seu sonho, indifferente a quanto se passa, cá fóra, no campo vasto em que as paixões luctam e morrem, em que anceiam as ambições e choram os desesperos, em que se decidem os destinos dos povos e das raças...

A "chronica" de *Kósmos* deve fixar, de mez em mez, o estado moral, a "crise", da existencia carióca. É seria insensato, que, num momento em que toda a cidade soffre, agonisa ou convalesce, — só apparecessem nestas paginas suspiros de poetas egoistas, devaneios de lyrismo abstracto... Uma revista, que se fundasse, no Brasil, para exclusivamente cuidar de cousas de Arte, seria absurda. A Arte é a cupola que corôa o edificio da civilisação: e só pode ter arte o povo que já é "povo", que já sahiu triumphante de todas as provações em que se apura e define o character das nacionalidades.



Justamente, o Rio de Janeiro convalesce agora da sua ultima crise. Não foi propriamente uma doença, — aquillo que tão fundamente abalou a cidade, ha poucos dias: foi uma crise, — crise de idade, crise de desenvolvimento nacional. Um povo não se forma de uma só vez, por milagre: não é com meia duzia de decretos que se civilisa uma agglomeração de homens, dando-lhe cohesão e consciencia.

Essa matula desenfreiada, que andou quebrando arvores e lampeões, vociferando e tumultuando, trocando facadas e tiros de revolvers, — estava, nesses dias de vesania e brutalidade, exercendo uma função natural, e, até certo ponto, providencial. Não ha aqui um paradoxo, — ou uma graçola, que seria de máu gosto: ha uma grande e luminosa verdade. As arruaças d'este mez, — nascidas de uma tolice e prolongadas por varias causas, — vieram mostrar que nós ainda não somos um povo. Amanhã, um especulador politico irá, pelos beccos e travessas em que reside a gente humilde, murmurar que o governo tenciona degollar todos os catholicos, ou fuzilar todos os protestantes, ou desterrar todos os homens altos, ou encarcerar todos os homens baixos. E a gente humilde acceitará, como uma verdade, essa invenção imbecil, como aceitou a invenção da vaccina com sangue de rato pestiferado... E pouco importa que em todas as esquinas se préguem editaes anniquilando a calumnia, e pouco importa que todos os jornaes destrúam a infamia em artigos, em noticias, em annuncios: — a gente que não sabe ler continuará a crer no que lhe disseram, — e a sua revolta brutal e irresponsavel continuará a servir de arma aos especuladores.

No Rio de Janeiro, e em todo o Brasil, os analphabets são legião. E não ha "povo", onde os analphabets estão em maioria. Quem não sabe ler, não vê, não raciocina, não vive: não é homem, é um instrumento passivo e triste, que todos os espertos podem manejar sem receio.

A revolta de agora não foi apenas obra dos desordeiros de profissão: foi tambem obra dos ignorantes, explorados criminosamente pelos astutos.

E não sei bem para que servirá dar avenidas, arvores, jardins, palacios a esta cidade, — se não derem aos homens rudes os meios de saber o que é civilisação, o que é hygiene, o que é dignidade humana.

Dir-me-ão que, em todos os paizes da terra, ha rebelliões e motins. Haverá; mas não ha um só paiz civilisado em que a rebellião se manifeste com a gros-

seira brutalidade e a estúpida organização com que se manifestou aqui. Em primeiro lugar, os levantes militares só se veem na America do Sul, onde, pela falta de educação civica dos povos, a espada se transformou, de defeza de fronteiras em imposição de governo interno. E, pondo de parte o levante militar (que foi uma das phases apenas da revolta), — em nenhum outro paiz da Europa e da America os arruaceiros descarregariam a sua colera sobre as arvores inoffensivas...

Eu, por mim, odeio todos os actos violentos e todas as manifestações da força bruta: mas, entre uma revolução sangrenta e feroz, e uma revolução apenas ignobil e irracional, sempre preferiria a primeira.



Entretanto, não nos envergonhemos demais com essas cousas. Não se trata de uma doença: trata-se de uma crise natural. Os povos também teem as perturbações de dentição e puberdade, que abalam o organismo das crianças e dos adolescentes.

O que urge é comprehender essa crise, e é aproveitar a lição dos factos. Nós não temos unicamente, diante de nós, o problema do saneamento e do povoamento. Com o saneamento apenas, — livrar-nos-emos das epidemias que os mosquitos, os ratos, os microbios transmittem de corpo a corpo, — mas deixaremos, intacta e tremenda, pairando sobre nós, a ameaça das epidemias moraes, que depauperam o organismo social, e o conduzem á indisciplina, á inconsciencia e á escravidão. Tratando apenas do povoamento, feito ao acaso das levas de immigração, sem

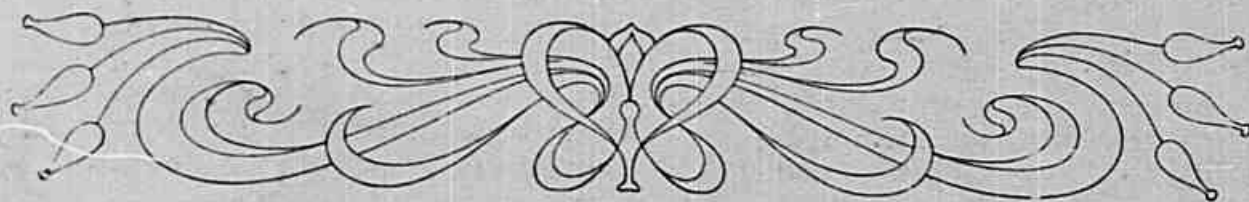
fundar uma escola em cada novo nucleo de povoadores, — conseguiremos sómente augmentar e dilatar o imperio da ignorancia e da irresponsabilidade.

O problema que tem de ser resolvido, juntamente com esses dois, é o da instrucção. E o que dóe, o que desespera, é que toda a gente culta do Brasil tem a consciencia d'isto, e que, ha mais de um seculo, esta verdade, annunciada, proclamada, escripta, em todas as tribunas, em todos os livros, em todos os jornaes, ainda não achou governo que a servisse em terreno pratico.

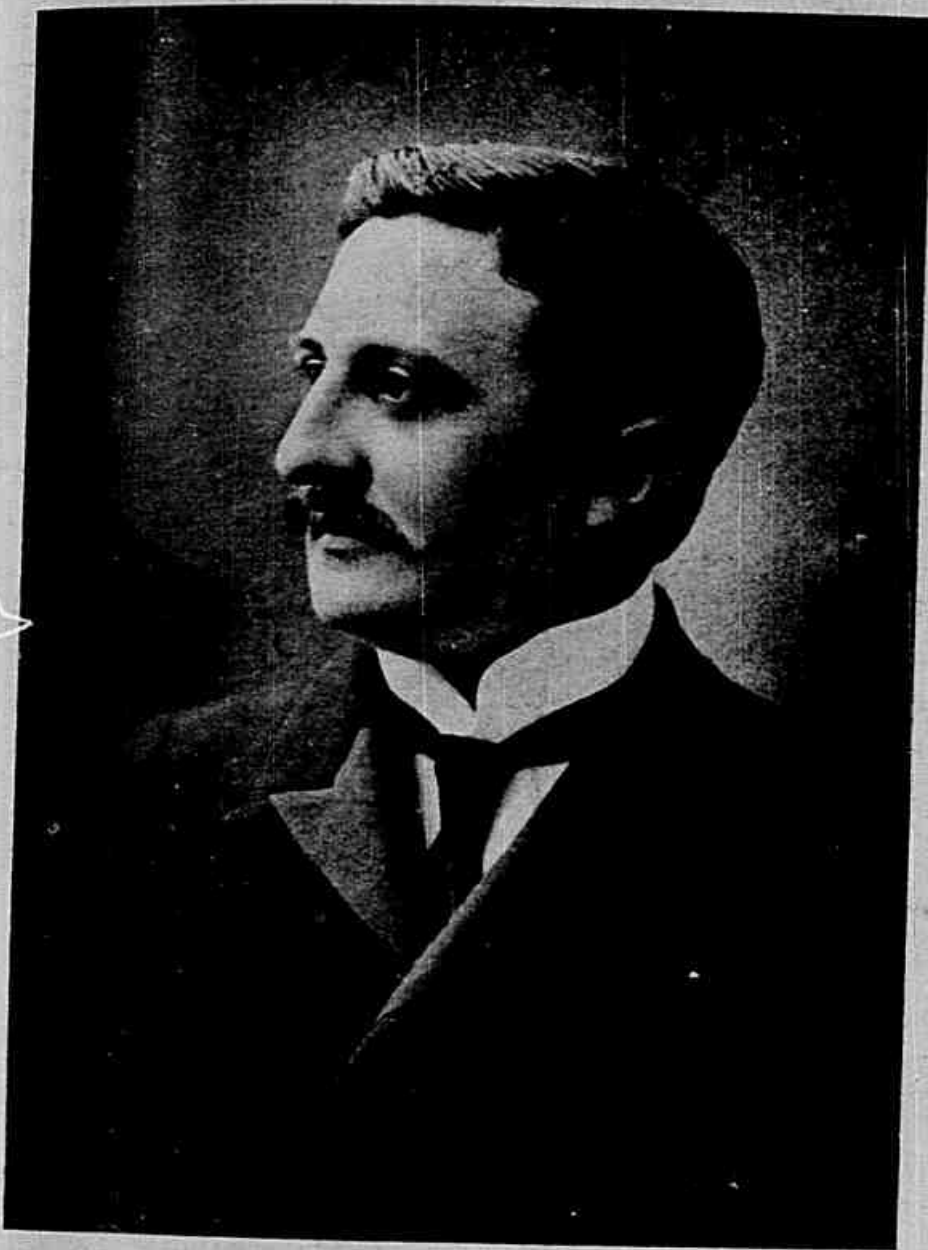
O Brasil está cheio de Escolas Superiores, de Faculdades e de Gymnasios; ainda ha quem queira plantar no seu seio não sei quantas duzias de Universidades; eleva-se, no Rio de Janeiro, um palacio, para abrigar o pedantismo das Academias, que copiam os estatutos da Academia Franceza; quebram-se lanças em favor da criação de um Theatro Normal; grita-se que não ha, em toda a America, Sciencia como a nossa Sciencia nem Arte como a nossa Arte; — e todos esquecem que, para a civilização de um povo, pouco importa que nelle se contem alguns milhares de poetas, de pintores e de cientistas, quando a sua maioria, a sua grande massa de milhões e milhões de individuos, é uma turba-multa irresponsavel de analfabetos...

Ah! quando chegará o dia em que possamos ter menos academias e mais escolas primarias, — menos apparencia e mais fundo, menos rhetorica e mais cartas de *abc!*

O. B.



GRAÇA ARANHA



ESTE nome de Aranha encontra-se na historia do Maranhão desde o seculo do descobrimento dessa região, o XVII. Dessa familia de capitães móres, governadores, soldados, funcionarios e magistrados, descende o escriptor que occupa hoje um dos mais distinctos lugares nas letras brazileiras. E della vem não por alguém daquellas categorias, mas por um jornalista que todo o Norte do Brazil conheceu e estimou no segundo periodo da formação do nosso antigo regimen politico até o seu estabelecimento definitivo—do definitivo das cousas humanas. Foi seu pai Themistocles Aranha, o conhecido redactor do *Paiz* do Maranhão, em certo momento da nossa historia o jornal mais bem feito, mais lido e mais considerado do Norte do Brazil, no tempo em que o jornalismo ainda era, sinão um apostolado, uma digna carreira, e não uma nova forma de industria.

De propriedade e sob a direcção de Themistocles Aranha, a quem Joaquim Serra chamará de «jornalista habil, de phrase calma, substanciosa e cortez, o animador generoso dos talentos novos» durou o *Paiz* de 1863 a 1883 sendo desde 1878 diario. Como jornalista de raça, intelligencia e character, Themistocles Aranha ficava bem no meio dessa geração que deu ao Maranhão o seu eterno renome intellectual. Foi companheiro e camarada

de Odorico Mendes, de João Lisboa, de Gonçalves Dias, de Sotero dos Reis, de Henriques Leal, de Gentil Braga, de Vieira da Silva, de Frederico Correa, e de tantos outros cujo talento era tanto que poude ultrapassar as raias do provincialismo e fazel-os celebridades nacionais.

Desse homem intelligente, liberal, culto e bom nasceu, com uma dignissima senhora da familia Graça do Ceará, na capital do Maranhão, em 21 de Junho de 1869, José Pereira da Graça Aranha, o futuro autor de *Chanaan*.

Em uma bella pagina deste livro sob um claro disfarce, o filho amantissimo lhe commemorara a memoria querida nestas palavras commovidas: Meu pai era a propria doçura, e as imagens delle que conservo no fundo da minha pupilla são de um homem feito de sorrisos suaves e inextinguiveis; tinha uma intelligencia subtil, e aerea, mas o pudor da audacia o entorpecia, e por isso todo o seu grande capital de bondade e de amor ficou sepultado no fundo do seu coração, e o mundo o ignorou...

E diz mais, num trecho capital da sua obra, onde a sua fina intelligencia de escriptor se allia aos seus rarissimos dotes do coração amantissimo, como outro não conheço.

Não, não é daquelles duros cavalleiros dos tempos coloniaes, daquelles despoticos capitães-móres e governadores que procede seu espirito, aquillo a que o seu grande amigo Sr. Joaquim Nabuco chamaria «a sua formação artistica, e menos o seu vasto e generoso sentimento humano esse cabedal lhe veiu directamente deste timido mas intelligente e bom jornalista de provincia, que continha e refreava a sua imaginação e que elle mesmo creava barreiras ao seu espirito», e da mãe, a «mulher forte» de quem elle foi successivamente o amparado e o amparo.

Foi numa atmospheria de intelligencia e amor que lhe correram os primeiros annos, e o trabalho intellectual foi o primeiro que viu. O Maranhão teve a dita e a honra de ser, num certo momento, a terra do Brazil mais povoada de homens de talento e estudo, e de o comprehender e saber apreciar. Essa gloria ella a manteve, conservando com devoção e orgulho a recordação desses tempos gloriosos, quando já elles tinham passado. Muito moço embora—pois apenas conta 36 annos,—o Sr. Graça Aranha cresceu sob a influencia deste culto da sua gloria intellectual, que a sua terra natal era a unica a ter e a ter o direito de tel-a.

Na indagação das suas origens esquecia-me apontar um parentesco que acaso explica o que na doçura da sua indole, na bondade incomparavel do seu coração, ha de revolta, de energia, de capacidade para a lucta, de acção: elle é sobrinho de José Candido de Moraes e Silva, o jornalista revolucionario da época da independencia do Maranhão, o redactor do *Pharos*, com cujo nome o povo o chrismou.

Desse seu parente, personagem famosa nas chronicas da independencia do Brazil septentrional, escreveu Graça Aranha um perfil a Carlyle na *Revista Brazileira*, onde tive a honra de o ter por meu collaborador. Não esqueçamos que foi o mesmo homem, que já então elaborava esse livro de compaixão humana que é o *Chanaan*, livro de amor e de doçura, quem numa carta publica renunciava com indignação continuar a servir, em pingue funcção, a um governo que lhe exigia a pratica de um acto repugnante ao seu sentimento juridico e moral.

Com 13 annos, concluidos os estudos preparatorios na sua terra natal, entrou Graça Aranha para a Academia de Direito do Recife, donde saiu formado em direito com 18. Até 1891 seguiu a magistratura. Neste anno casou e estabeleceu-se no Rio. Quando se aqui fundaram as faculdades livres de direito, foi convidado para professar em ambas ellas, o que fez de 1894 a 1898.

Nunca teve a pressa, a ancia de escrever que em geral caracteriza os nossos moços que se sentem dotados para as letras. Leu muito, estudou muito, cultivou de facto o seu espirito e não o ornou sómente. Reflectiu, pensou, meditou, familiarizou-se especialmente com o que, em todos os tempos e povos, se póde chamar classico. A philosophia e a arte foram as suas predilectas. A preocupação das cousas sociaes veio mais tarde. Os seus collegas de academia, os seus amigos, os seus companheiros de estudos faziam grandissimo caso delle, admiravam-no, estimavam-no. Mas elle se recusava á publicidade, que ainda hoje, sei de fundamento, desestima. Até a epoca em que entrou para a collaboração da *Revista Brasileira*, por mim revivida, em 1900, creio que nada escrevera si não um prefacio para o livro *Concepção monistica do universo* do Sr. Fausto Cardoso. E naquella *Revista*, de que foi um dos mais dedicados e efficazes amigos, escassa foi a sua contribuição. Em cinco annos não deu mais talvez que uns quatro artigos. Todos, porem, reveladores de um talento de primor. Um delles, e sob o disfarce de um pseudonymo feminino, que elle me fez aceitar como de uma senhora real, foi o soberbo conto que achou lugar no *Chanaan*, do casal que recolhe uma criança abandonada, della faz a filha que lhe faltava, ama-a como tal e assiste assombrado o descobrimento por ella dos seus paes verdadeiros, uns miseraveis.

Pelo mesmo tempo, escreveu outros tantos artigos sobre assumptos internacionaes num jornal diario que pouco durou. Esses artigos foram, entretanto, justamente apreciados pela singularidade das idéas, audacia dos pensamentos e vigor da expressão. Nelles apontavam as primeiras demonstrações daquella philosophia social que acharia sua fórmula em *Chanaan*.

E é toda a sua obra literaria antes deste grande livro, que, si para uns, os que tinham a ventura de conhecer o autor, era apenas uma confirmação do que delle sabiam e esperavam, para outros, a grande maioria, era a revelação extraordinaria de um escriptor de genio, como poudeser sem favor o Sr. Joaquim Nabuco.

Imaginado, pensado, posso dizer, no Brazil, intimamente vivido no espirito do autor durante quatro ou cin-

ca annos, este livro foi redigido em Londres onde o poeta—póde-se-lhe, sem abuso, chamar assim—se achava como secretario da missão especial para tratar com o governo inglez, da questão de limites do Brazil com a Guyana Ingleza, e publicado em Pariz pela casa Garnier em 1902.

O successo desse romance não é exagerado dizer incomparavel no Brazil, e não foi só de livraria, mas literario. Commoveu e admirou a todos que o leram. A edição primitiva esgotou-se em poucos mezes e no mesmo anno, teve segunda, que tambem se acha esgotada, devendo breve apparecer a terceira.

Chanaan trazia para a literatura brasileira, não sómente, as faceis novidades de fórmulas literarias, as contrafeições mais ou menos evidentes dos processos literarios exóticos, como aqui soe por via de regra acontecer, mas verdadeiramente um novo sentimento d'arte, uma nova concepção social e sobretudo uma nova sensação da aliança intima e necessaria entre estes dous factos.

Depois de haver passado mais de cinco annos (1898 a 1904) naquella missão voltou agora ao Brazil o Sr. Graça Aranha. Cremos não ser indiscretos dizendo que assim como elle levou d'aqui na mente o romance que lá escreveu, nos vagares que lhe davam os trabalhos da Missão, assim de lá trouxe o novo livro que será aqui escripto, não duvidamos, digno par de *Chanaan*.

Para o Sr. Graça Aranha a literatura, a Arte, como elle prefere dizer, é uma preocupação grave, quasi austera. Elle a estudou funda e carinhosamente, em todos os seus aspectos, nestes annos de Europa, chegando a esta conclusão, que, bem entendida, é a Arte a grande regeneradora da vida.

Da contemplação san de suas obras, da meditação e comprehensão das suas producções mais eminentes, quer no dominio da poesia e da musica, quer no dominio da plastica devem sair as emoções regeneradoras do espirito e do coração humano. E na sua esthetica, como já em *Chanaan* se vê, consubstanciam-se intimamente um profundo sentimento de piedade humana e da pura arte isto é, a sensação funda das cousas, da natureza, da vida, das suas formas e aspectos exteriores e tambem da sua significação intima e mysteriosa.

E' na quasi perfeita unidade destes factos que está a superioridade dessa obra; esperamos que crescendo e desenvolvendo-se o engenho do Sr. Graça Aranha se completará na obra verdadeiramente prima que *Chanaan* nos deu o direito de esperar.



The background of the page is a detailed black and white illustration. On the left, there are several tall, thin trees with sparse foliage. In the foreground, there is a sandy or rocky ground with some low-lying plants. On the right side, there is a large, dense clump of grass or reeds. In the lower right corner, a bird's nest is visible on the ground, containing several small birds or eggs. The overall style is that of a fine-lined drawing or engraving.

O NINHO

O MUSGO MAIS SEDOSO, A USNEA MAIS LEVE
TROUXE DE LONGE O ALEGRE PASSARINHO,
E UM DIA INTEIRO AO SOL PACIENTE ESTEVE
COM O DESTRO BICO A ARCHITECTAR O NINHO.

DA PAINA OS VAGOS FLÓCCOS CÔR DE NEVE
TOMA E POR DENTRO O ALFOMBRA COM CARINHO;
E ARMADO, PROMPTO, EMFIM, SUSPENSO, EM BREVE
EIL-O BALOUÇA Á BEIRA DO CAMINHO.

E A AVE SOBRE ELLE AS AZAS MULTICÔRES
ESTENDE E SONHA. SONHA QUE O AUREO PÓLLEN
E O NECTAR SUGA ÁS MAIS BRILHANTES FLORES;

SONHA... PORÉM DE SUBITO, A VIOLENTO
ABALO, ACCORDA. EM TÔRNO AS FOLHAS BÓLEM...
—É O VENTO! E O NINHO LHE ARREBATA O VENTO.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Archimedes

A ARTE

I

O *Kósmos* apresenta-se como uma—revista artística, scientifica e litteraria;—o publico, porém, a considera uma revista eminentemente artistica. Basta, para se lhe reconhecer este character, attentar na perfeição do trabalho typographico; apreciar a lindeza das gravuras; notar os esmeros da arte, que refulgem nas nitidas e interessantes paginas d'esta publicação, que parece ser a unica d'este modelo entre nós.

Sob tal ponto de vista, fallaremos d'um pouco de esthetica aos leitores, amantes da sciencia, que lança n'alma do paizagista, ou na mente do esculptor, a chamma divina da idéa, que lhes inspira, nos arroubos do enthusiasmo, concepções admiraveis, realisaveis com o pincel, ou com o escopro.

O campo é vasto e já muito roteado, não obstante resta o que respigar com o cuidado de cultor solícito e diligente.

Previno, desde já, aos leitores de que as paginas, que vão ler, não são inteiramente originaes, apenas serão uma d'essas versões, que certos escriptores e criticos reputam—*des paraphrases, ou plutôt ce qu'on designe aujourd'hui sous le nom d'adaptations.*—Todavia é difficil conversar a respeito das artes; a esthetica dos modernos é muito differente da antiga. Novas necessidades, novas aspirações crearam expressões inteiramente estranhas, fórmulas inesperadas, onde palpita o sentimento da vida, onde a materia transforma-se num echo d'essa immensa harmonia da natureza, desde os primeiros arreboes e pompas na primeira hora da criação do mundo ao sopro do Omnipotente, ao rapido—*fiat-lux.*

Quantas questões a esthetica moderna suscita no meio das evoluções sociaes!... D'ahi uma série de systemas—realismo, idealismo, impressionismo etc. etc.

Não se pretendeu que a arte não fosse, sinão a copia servil da realidade material e positiva? Não elevou-se a photographia á altura d'uma das artes modernas? Os idealistas não apavoraram-se diante d'esta invasão de barbaros?

Porque,—pergunta um escriptor moderno,—a photographia, outr'ora tão desprezada dos artistas, pelo contrario, hoje como que domina sobre os confins da propria arte? Ora, eis ahi um fecundo assumpto de conversação esthetica para os leitores do *Kósmos.*

Tem-se fallado muito mal dos photographos e da photographia, escreve outro autor, cujas paginas lemos com vivo interesse. E' verdade que a photographia, tal qual a conhecemos, abunda de muitos defeitos, que são a negação d'arte, sem ser absolutamente a nudez, a realidade, affirmação da natureza: não está tão perto da verdade como não está da natureza. Ella exagera a perspectiva a tal ponto, que uma estrada, tomada de frente, fugindo direito para o horisonte, parece-se com uma pyramide; uma meza quadrada, vista da mesma maneira, mostra-se quasi triangular, ou uma das mãos estendida é mais volumosa do que a cabeça da pessoa, a quem a estendemos.

Em verdade, não ha negar,—a photographia traduz com excessivo desaso as côres, as mais necessarias, de

sorte tal, que um tecto vermelho torna-se escuro, e o céu azul faz-se branco. Observa o autor que, d'esta guiza, suprime o céu e o Mediterraneo e, desde que altera as côres e formas, não conservando aquillo, que é mais importante, não pôde ser considerada capaz de exprimir a realidade. As montanhas de nuvens, enfileiradas no céu, rompem-se, como o papelão dos *para-fogos*: as barcas pintadas de preto, que harmonisavam-se com a onda de azul carregado, ou sombrio, assemelham-se á moscas cahidas dentro d'um vaso de leite. As folhas douradas do outono e os bagos brancos de uvas bem maduras convertem-se em objecto de côr negra, como gottas de tinta preta esparsas por sobre papel. O reflexo do sol tão brilhante se nos afigura o alvor da neve. Uma arvore, vista contra a luz, toma aspecto muito sombrio de tal sorte, que se lhe não pôde discriminar a fórmula.

De mais, tendo assim desprezado a verdade sobre pontos capitaes, a photographia torna-se d'uma exactidão indiscreta e bisbilhoteira acerca de certas minudencias, que causam escandalo.

O escriptor, á esse proposito, diz—*«Como o Intime des Plaideurs»*—a photographia passa pelo principal da scena esthetica, unico objecto, em que fitam-se olhos e corações e estende-se longamente no tocante a ninharias estranhas ao assumpto. Conta parvamente as pedras, que jazem, semeadas aqui e acolá, por sobre a areia da praia, quando não foi capaz de dar ás agoas da corrente uma idéa bem diversa da côr da cabelleira ruiva, arrastada pelo chão. Rigorosa e estúpida, como uma estatística, prosegue o autor, enumera as folhas das arvores, as cortando rudemente, como si fossem folhas feitas de ferro. Os seus traços nada valem; o luzidio das côres negras, ou brancas extremas e juntas umas ás outras, sem ance-nubios de reflexos, sem intervenção de claro-escuro, em fim a monotonia do seu tom, sempre o mesmo por toda parte, sem um accento, sem uma vibração das—*mortalia côrda*—onde se surprehenda alguma impaciencia, onde sintase passageira alegria; onde descubra-se qualquer desfallecimento... esta lamentavel perfeição, equal em mil provas, nas quaes acha-se tudo, que é mechanico e das quaes tudo, que é humano, parece cabalmente estranho...

Estas criticas são justas e razoaveis; mas quem n'as merece? A photographia, ou os photographos? O sol, ou o laboratorio escuro?

Terão os photographos, de facto, empregado meios para evitar taes erros?

Basta breve exame para verificar-se que, em vez de evital-os, ao contrario procuram reincidir nelles.

Para os photographos a secca definição do traço não é um defeito, antes é, uma boa qualidade: é o que elles chamam—fazer LIMPO—e que consideram um defeito e denominam—*flo*—vocabulo de desdem, que, na *gria*, lança á execração publica—a graciosidade, a indecisão, a frescura, tudo, que os artistas procuram, logo no principio da carreira, como dons preciosos.

Quando, desde 1853, continúa o escriptor, cujas idéas reproduzimos, cujos conceitos expressamos, quando Sir William Newton e mais tarde John Leighton e Buss sustentaram perante as sociedades de photographia de seu paiz—que todos os planos não deviam ser igualmente—limpos—e que certas linhas só apenas deveriam figurar sobre o fundo,—provocaram uma procella de protestos... Sacrificar uma herva, um cabello, um calhão, isso nunca! A orientação dos photographos era então, como ainda hoje,—que, quanto mais uma prova mostra, minucias, tanto mais bella é; e, quando as mostra mais niti-

damente,—ainda melhor, porque attinge o fim: importa que, á vista da photographia d'uma cidade, cada contemplador possa contar, uma por uma, as casas e, em cada casa, distinguir as janellas e dizer: aquella é a minha casa e a cortina está fechada!

Todas as perfeições de diaphragmas, de placas, de reveladores, de papeis tem sido feito para obter-se minucias ainda as mais imperceptiveis, uma percepção de preto e branco mais accentuada, vestigios subtis, uma documentação mais rigorosa—todas as cousas, que a sciencia exige em suas investigações, mas que a arte repelle. Não ha de que se espantar, vendo coroados os esforços feitos para obter o que é feio!

A mesma tendencia observa-se quanto á exaggeração da perspectiva.

Muito se tem fallado dos defeitos da *objectiva* e da aberração da *sphericidade*,—mas quando se fallará tambem da aberração dos *operadores*? E' verdade que certos instrumentos deformam as linhas rectas nos cantos da imagem; em tal caso porque escolher aquelles instrumentos? Si notam-se exaggerações de perspectiva nas objectivas de grande angulo, porque não escolhem-se as objectivas de pequeno angulo, que não darão este resultado monstruoso? E, si a objectiva é de grande angulo, porque collocar-a tão junto da cousa, que se vae photographar de modo, que as linhas principaes partam debaixo da prova e sejam assim excessivamente augmentadas na parte inferior da imagem, e diminuidas excessivamente á medida, que sóbem e fogem para o horisonte?

Porque?

Simplemente porque o photographo quer reunir a maior quantidade de cousas possiveis, no espaço do aparelho, afim de ver simultaneamente o que se lhe roja aos pés e o que eleva-se acima da linha do horisonte. Por que em seu desejo de abranger grande somma de minucias e, em sua profunda ignorancia da lei dos sacrificios necessarios, quer alcançar com os olhos o objectivo, já que o não póde fazer com um só olhar. E' assim que nas provas, cuja perspectiva nos incommoda, a photographia vê-se coagida a registrar muitos planos, que não percebia no seu complexo e que nunca teria reunido em sua imagem, não os reunindo na nudez da realidade.

Ahi está o defeito; não vem da objectiva; procede, pelo contrario, de haver mais subjectivo no operador; resulta do seu falso sentimento do bello.

Dai, exclama o critico, dai a este photographo um lapis: elle commetterá, desenhando, os mesmos erros. Dai a um artista a mesma objectiva, o artista não n'os commetterá.

O que tambem não fará é uma paisagem sem céu, como tem praticado todos os *manejadores do collodio*, ou do gelatinabromuro. Acaso deve-se imputar ao aparelho a suppressão da côr local, que é a mais necessaria?

Certamente—quando trata-se d'um céu azul, por que esta côr impressiona mui fortemente a placa de sorte, que não fica, sobre esta placa, alguma cousa para dar um tom á prova e que assim tudo que era azul na natureza, torna-se na imagem—branco. Ha, porém, muitos meios de arremediar este inconveniente.

Ha vidros de diversas côres, que permitem deixar ficar por longo tempo ante a placa as côres, que chegam lentamente, sem deixar atravessar um só raio das côres, que escapam rapidas. Ainda ha o recurso de desenvolver mais, ou menos toda parte do *cliché*. Emfim póde-se,

quando servimo-nos do papel—charbon—de gomme bichromatico, reservar, no acto de tirar-o, um tom para todo céu.

Muito antes de fallar-se no papelão, PARA-FOGO-orthochromatico, um inglez—P. Robinson—estendia céos d'um tom muito firme e variegado sobre os tons das paisagens.

Vê-se, pois, que a ausencia do tom do céu, entre os photographos d'outr'ora, não era devida unicamente á imperfeição da photographia, antes á negligencia dos photographos.

Da mesma sorte elles se privavam dos grandes effeitos da luz, effeitos a Turner e a Claude Lorrain, ensinando que é indispensavel sempre voltar as costas ao sol, não por temerem os accidentes, que podessem sobrevir; mas porque pouco se lhes davam a elles com os effeitos a Turner, do que d'um tom justo para o céu. Elles bem pouco importavam-se, porque estes effeitos artisticos de certo não obtêm-se em geral, sinão á custa da minuciosa e scientifica definição das minucias.

Tocadas em cheio pelos raios do sol, as veias d'uma pedra, as ramas d'uma arvore reluzem mais exactamente. E na representação da figura humana, não é um effeito caracteristico e vigoroso, que se póde inteiramente observar, é um clarão igual, pallido e brando. Para os photographos pois, não sómente não é necessario o accento, ao contrario é prejudicial e, si percebem no CLICHÉ, por sobre a mascara humana, um traço vivaz, uma ruga um pouco sublinhada, um relevo, elles apagam tudo isso com summa destreza, afim de que a epiderme arredonde-se á semelhança d'uma pellicula cheia, e que a sombra espalhe-se sobre o oval da face, como sobre o bojo d'um balão.

Tudo isso referia-se tanto aos photographos, quanto á photographia. Eis ahi porque os artistas tinham toda razão de condemnar as provas, que se lhes mettam pelos olhos;—iam porém um pouco precipitados, asseverando que o processo não poderia dar outras provas. No dia, em que homens de gosto fino e seguro surgiram, deixaram de parte os dogmas photographicos e produziram obras delicadas e harmoniosas.

Já não se acha nenhuma perspectiva exagerada nas scenas do interior dos Srs. Puyo, nem de Demachy; nem minucias inuteis nas paisagens de Bucquet; nem carnes flacidas nas figuras de Mashell, de Kuhn etc.

Onde o céu é azul na natureza, é tal e qual reproduzido na imagem por um tom assaz forte. A mania de fazer inventario, o gosto do arrolamento, hoje condemnado, já inteiramente desapareceu da arte. Hoje os artistas procuram, não as minucias, mas o complexo, o todo; não a accumulção dos factos, mas a simplificação das idéas. Elles têm escolhido—não as horas meridianas, quando tudo se vê, mas as horas crepusculares, quando os objectos apenas desenham-se e deixam-se advinhar. Lembram-se de que é um erro d'arte—o querer definir tudo, pois que diante d'uma cousa definida, nada mais resta á imaginação. O indefinido, pelo contrario, é a senda, por onde se vae ao infinito. Tal valle, tal collina, tal dique, objectos banaes, si lhe virmos todos os contornos, tornam-se, meio encobertos pela bruma, cousa desejavel, porque é menos possuida; curiosa, por menos conhecida..,

O *flou* é justamente para o *limpo*, o que a esperança é para a saciedade. E' o equivalente, n'arte, d'uma das cousas amadas da vida:—esta deliciosa incerteza d'uma alma, onde já penetrou a esperança e ainda não entrou a

seguridade; onde o desejo, que começa a apparecer como realisavel, não deixa de ser avigorado na lucta contra os obices, que o atrapalham; onde tudo promette-se e não dá-se; onde advinha-se e não se confessa; onde as figuras e as paysagens, o céu e a terra—até o proprio amor—apparecem ao impulso de incertas suggestões da alvorada e não sob a torrida, enfadonha e fatigante definição—dos meio-dias...

Tendo dado aos leitores, como materia de passageira conversação, algumas idéas sobre a arte, não queremos privar-os de acompanhar o autor, cujos conceitos continuaremos a reproduzir, ora fielmente, ora com aquella ampla liberdade, que o velho Horacio—pedia e concedia—*pictoribus atque poetis*.

O nosso autor é um critico, que tomou para assumpto de suas observações estheticas a photographia e os photographos.

Mas, perguntarão, o que tem a esthetica—sciencia do ideal, do bello, que Platão denominou o *esplendor da verdade*, o que tem esta grandiosa disciplina intellectual com a photographia, a menos ideal das artes,—antes pura e simples machina...

Esta pergunta, que alguns farão inconsideradamente, obriga-nos á pedir-lhes que attendam bem ás considerações, que o nosso autor expõe a respeito da machina e do artista: num e noutro comprehende-se a arte. O artista e a arte identificam-se. Um vive do outro; si o artista fôr genial, as creações estheticas serão sublimes; a arte, que as exprimir, estará em correspondencia. O nosso autor mostra como, na machina, scintilla a luz maravilhosa do bello; como o artista communica á machina as commoções, que experimenta ao influxo do—*Deus in nobis, agitante callescimus illo*...

No primeiro artigo apontou os defeitos da photographia e os erros e dogmas dos photographos, os processos viciosos, que produziam obras defeituosos, por exemplo, céu sem côr, ou que faziam do azul branco, do preto ruivo, etc.

O autor sustenta que o artista intervem na obra photographica, e discorre amplamente, demonstrando que essa intervenção é triplice.

Elle pondera:—supprimir certos defeitos da imagem photographica é cousa excellente, mas para que esta imagem seja uma obra d'arte, não basta fazer tal supressão, embora sobejem boas qualidades, entre ellas a presença do artista, que logo revela-se; já não se vê uma machina, sente-se uma mão. A arte deverá ser aqui—o *homem accrescentado á machina*, como dizia o illustre philosopho Lord Bacon.

Acabamos de ver, porém, que o homem não estava de todo ausente, pois que uma quantidade de defeitos provinha menos da machina, do que de sua vontade e menos ainda de sua vontade,—do que de sua intervenção mal dirigida: tudo isso notamos no artigo precedente. Pensa-se que esta intervenção reduz-se a bem pouco:—escolher o sitio para collocar o aparelho, aconselhar as attitudes, graduar a luz—eis ahi tudo. O que a placa registra, deve ser conservado, e o que não registrou, não deve ser introduzido. Tudo que o photographo pôde fazer depois, é derramar mais ou menos acido no revelador. Seu genio ousará substituir o *pyrogallol* pelo ferro, ou o papel *aristotipo* pelo de grãos. O que ha de pessoal neste trabalho? Onde o sentimento, a emoção, o accento, que dá um cunho á obra, uma assignatura e faz reconhecer o operario?

Onde o traço, que dirigido pela mão,—resume, synthetisa, por um vestigio, ou signal, uma expressão, uma attitude, caracterizando uma raça, ou epocha do modo, pelo qual fazia o lapis de Gavarni, ou de Forain? Onde o espirito de composição, que reúne na mesma obra documentos tomados em logares differentes? Onde a imaginação que cria o increado, realisa aquillo, que não é real? Onde esta visão personalissima, que faz que Corot, Rousseau e Millet em frente da mesma paisagem, comporiam tres paineis diversos, como as vistas de differentes planetas, entretanto que dez placas, perfectamente ajustadas no mesmo sitio, darão, nas mãos de dez operadores differentes, dez imagens inteiramente eguaes?

Tudo isto não é estranho a uma photographia, por mais bella que seja, como são auzentes as côres, que, unicas, dão ás cousas relêvo, fôrma, distancia e brilho?

Estas objecções são fortes; ainda muito mais o seriam, si tivessem fundamento.

Antes de tudo, pôde-se pedir á photographia as qualidades brilhantes e deliciosas da pintura e da architectura, ou da musica?...

Não se pôde comparal-as, sinão a duas cousas comparaveis: ao lapis, aguada de tinta da China, á sépia, isto é, a toda imagem em negro e branco, ou em uma só côr graduada no tom mais sombrio—quasi preto—até o mais pallido, quasi alvo.

Ainda se lhe pôde permittir ser outra cousa e não se lhe negar o nome d'arte. Si não fosse assim, ter-se-ia de o recusar ás obras de Allongé, ou aos desenhos de Lhermitte, que nenhuma relação têm com o lapis de Ingres. Emfim pôde-se admirar no mais alto grão a probidade de Ingres, a profundeza de Gavarni, a synthese de Forain, a analyse de Caran d'Aché, sem por isso dizer que toda arte de preto e branco mantem-se entre o retrato de *Thomaz Vireloque* e dos desenhos subtis de *Doux Pays*.

De feito, o nosso autor tem razão, porque a questão não versa sómente em saber—si a photographia possui as mesmas qualidades, que os outros processos artisticos, porém si possui alguns, que sejam dignos de serem comparados; si o papel do artista é muito importante para modificar o aspecto d'uma obra; emfim, si intervem muitas vezes para aquinhoar na *produção* e não ter simplesmente parte na *reprodução* e que se tem o talento de accrescentar á belleza do sitio, que a todos pertence—uma idéa, um sentimento exclusivamente seus. Diz o nosso autor que, examinando as operações photographicas, reconhece que o artista intervem em trez momentos differentes.

Primeiro: elle escolhe a natureza do objecto, que se tem de representar; parece simples, mas de certo não é tanto. Na natureza, diz Corot, nunca duas cousas são sempre eguaes e os sectarios do estudo—*après nature*—Berlin e Aligny—consideram haver grande merito—em saber assentar-se melhor do que ninguem. Assim é uma sciencia—o achar o ponto justo d'onde o objecto deve ser visto e considerado e não só o ponto, mas a estação, a hora, o tempo, a razão de ser do motivo.—*Quis, quid, ubi, quibus auxiliis, cur, quomodo, quando*.

Em verdade, o mais bello objecto do mundo poderá ser um mediocre assumpto para um quadro, si não fôr visto sob o angulo apropriado e conveniente—no momento esthetico;—e, por outro lado, que assumptos admiraveis em humilissimas cousas, que nos rodêam—si o coração e os olhos sabem descobri-las?! Uma estrada curva, uma barreira recta, um tecto fumegante, um tronco retor-

cido, uma hastea inclinada, um charco sobre cuja superficie o céu estrellado reflecte-se, tremulo, com suas nuvens, resteadas de luz e de sombras... todos esses nadas ás vezes, inspiram os pintores e lhes geram n'alma admiraveis creações estheticas.

Em derredor de nós, a natureza continuamente pinta paineis subitos, rapidos, porém deliciosos.

Releva não n'os crear—elles existem: releva vel-os, surprehendel-os e reproduzil-os. E' uma fortuita felicidade, disse Julio Breton, quando a natureza nos dá a contemplação d'um painel acabado.—E Fred. Walker, o admiravel pintor de *Habour of Refuge*, reflexiona:—que a composição não é sinão a arte de conservar um feliz effeito percebido no acaso.

Não se pense, affirma o autor, cujas idéas reproduzimos, não se cuide que é indispensavel ir alguém galgar a penedia de Etretat, ou voltear o castello de Chillon, ou subir a torre quadrada de S. Honorato nas Ilhas de Leriins, para traçar uma obra-prima. O paiz o mais pictoresco, a quem não sabe descobril-o, não fornece nenhum assumpto, digno do pincel, nas variações perenes dos paizes monotonos.

Saber vêr! Eis ahi um ponto importantissimo, quiçá insupprível. Mas, ai! quantos artistas, pintores, ou amadores passam pelas paizagens—rente ao bello painél—como os ambiciosos nesta vida, sem vel-o!

E lá se vão embóra, uns e outros carregando a boçeta de tintas em busca de maravilhas longinquas, que as vezes não correspondem ao que esperavam elles, que não souberam vêr os esplendidos desenhos, que os raios crepusculares estendiam em frente de suas moradias!

Tratam-se de figuras? E' a mesma cousa. Si é verdade dizer-se que um problema bem formulado já está meio resolvido, deve-se pensar que ainda é mais—quando uma figura bem talhada está quasi desenhada. O resto é trabalho de destrêza manual e firmêza de vista.

Mas a composição é tarefa melindrosa—de segurança, de intuição d'alma e de iniciativa original. Ora o photographo compõe. Elle dispõe, sinão a imagem, ao menos a realidade. Elle coordena, sinão as linhas, gravadas por sobre a taboa, ao menos as linhas viventes, que lhe perpassam pelos olhos.

Para fazer a SOURCE, o nosso esthetico affirma—não bastar somente saber desenhá, como Ingres: era necessário *compôr*, qual o sabia Ingres. O modelo empregado, de certo, não sabia por si mesmo tomar esta attitude simples, nobre e delicada. O photographo, acaso não faz o mesmo?

A attitude entre o photographo e o artista vê-se até nos conselhos, que dão aos que servem de modêlos. Conhece-se o horror habitual dos retratistas pelos panos sem fenda, sem dobras. A primeira photographa, artista da Inglaterra, Mad Cameron, conta em suas—*Memorias*—uma anedocta, que mostra que este horrôr também a pungia. Os successos e fama de seus retratos de mulher valeram-lhe, uma feita, a carta seguinte:

—«Miss Lydia Luiza Summerhouse Donkins é pessoa, que possui equipagem e, por conseguinte, pode affirmar á M. Cameron que chegará com *toilette* não amarrotada.

«Si Miss Lydia Luiza Summerhouse Donkins ficar satisfeita com o retrato, Miss Lydia Luiza Summerhouse Donkins tem uma amiga, que igualmente possui equipagem e irá também se retratar.

—Resposta de Mad Cameron. Respondo a Miss Lydia Luiza Summerhouse Donkins que Mad Cameron, não

sendo photographo de profissão, lamenta muito lhe não poder fazer o retrato, mas que si M. Cameron o pudesse fazer preferiria muito mais vêr tal *toilette* bem amarrotada (*Annals of my glass-house*).

Enganam-se aquelles, que acreditam que a composição photographica limita-se ao retrato, ou á uma pequena scena do genero moderno vista á luz da officina. Ha photographias de grandes scenas historicas, de personagens fabulosos e num abrir e fechar de olhos rapido. Tem-se tirado retrato de S. Cecilia, do doutor Fausto em seus laboratorios, de Judith entreabrindo a cortina por onde filtra a luz, de Christo morto, estendido por sobre a pedra. Não dizemos que sejam primores d'arte, esmeros de esthetica, não são todavia obras que se desdenhem.

Admiram-se muito, no palacio Doria, em Roma, dous quadrinhos de Von Hontorst, denominados—*della Notte*—que sobrepujam, de modo algum, em audacia e verdade de effeito—as photographias de Puyo—*Vengeance e La Lampe file*. (*Puyo Notes sur la photographie artistique*.)

Os primeiros ensaios de composição historica, photographados, foram tentados na Inglaterra e convém ler, para convencer-se do entusiasmo, que inspiraram, as paginas, em que M. Cameron aprove-se narral-a.

Enganar-se-ia também quem pensasse que as grandes scenas da natureza e da Academia, como a *Vision antique*, são prohibidas á photographia.

O que é esta carruagem fechada, que parou á borda d'uma praia deserta, diante d'um horisonte nú, limitado pelo mar, onde allongam-se sombrias ilhotas? Descem da carruagem estranhas *touristas!* Mulheres, que se diziam desprendidas dos *frescos* das paredes da caza dos *Vettü*, ou sahidas dos estuques das *Thermas de Deocleciano*; após um homem carregando uma caixa, ainda um *gendarme*... etc.

Toda esta gente caminha por cima das hervas crescidas e demora-se em colher flores. O *gendarme* ahi está para proteger a arte das curiosidades indiscretas, ou de zelos intempestivos dos guardas campestres, dos fiscoes etc. Talvez elle não seja absolutamente esthetico. Não figurará no quadro, entretanto a tropa dos figurantes adianta-se.—*l'une emportant son masque, et l'autre son coutrau*—debaixo das oliveiras ao longo da praia, entre as plantas saliferas.

Pela primeira vez, d'esde tempos immemoriaes, os *peplums* sahem dos armazens de accessorios e fluctuam ao ar livre. As aguas reaprendem a reflectir as pregas dos mantos e o vento a insinuar-se na cavidade das plantas. Melhor, do que os velhos espelhos de bronzes que se conservam sob as vitrinas dos muzeos, estas praias dirão ás novas *canephoras*, si arranjam graciosamente as suas açafates.

Não é, de feito, anachronico, levando a *figura roupada* em pleno ar; os photographos restauraram a vida antiga; em verdade esta paizagem nos conserva e reproduz o *meio*, onde acotovellavam-se os contemporaneos de Tibullo. Um piano ficaria espavorido de ser tocado por um homem vestido com um *himation*; mas desde que esse homem divaga pela borda do mar e percorre os bosques, nenhum trajo lhe assenta tão bem e harmoniza-se com as linhas da natureza. O quadro reconhece a figura e lhe sorri. Sob a oliveira—*tarde crescens*—no paiz do—*ver assiduum*—ninguém espanta-se mais de vêr que os jogos e festas, esculpidas sobre os relêvos, revivem.

A *Vision antique* vae passar... O subtil photographo escolheu logar e hora, semblantes e roupas: elle sabe e conhece as *poses* (*) que quer reproduzir; o grupo, que tenciona formar.

Elle já tem dito a seus modelos como *posarão* e em sua mente o quadro já está feito. Copiará a realidade, quando, a realidade lhe facilitar a sua visão—antes não!—calculou a altura das cabeças sobre a linha do horizonte; a extensão das sombras; o angulo dos raios do sol declinando; a passagem da luz sobre o cotovello e as espaldas; as pregas, que fará o vento, quando levantando-se, fluctuar o véo e toda tunica segundo o rythmo, que se observa na VICTORIA DE SAMOTHRACIA. Vae de um a outro lado do penedo. Vinte vezes a attitude foi tomada; vinte vezes abandonada: porque? Ah! não era assim *Ariane!*

Queria-se abandonar o logar, eis sinão quando, de subito, sem querer, em gesto espontaneo,—o modelo realisou o ideal!... Durante um segundo Ariane tornou-se visível—contando aos rochêdos os seus infortunios!—Rápido e subito, qual relampago, o photographo registra sobre a placa sensível tudo que meditou, quiz fazer e preparou desde longo tempo.

(*) «Póses», POSAR—são vocabulos usados por Almeida Garrett nas—Folhas caídas—Parce que tem cauta de naturalisação... Custa muito pouco o baptismo classico dos puristas!..

Ousará alguém dizer que em tudo isso não ha composição, nem intervenção de artista?

Esta intervenção certo não vae além, não perdura; eis a objecção dos criticos.

Ella resume-se na escolha do objecto para paizagem e uma especie de agrupamento quanto ás figuras, como si se puzesse em scena um *tableau vivant*. E quanto outra cousa não fosse—acaso seria um nonada?

Esse desprezo provoca gargalhada; os criticos parecem uns *simplorios*, que de ordinario não julgam os quadros, as paizagens, e estatuas, sinão sob o ponto de vista da escola do assumpto e da disposição dos personagens e nunca sob o ponto de vista da *factura!*—

O nosso autor prosegue noutras considerações, desenvolve e sustenta uma longa serie de criticas, que pesa-nos não podermos reproduzir-as agora, principalmente a demonstração da triplice intervenção do artista na obra da machina. Viram os leitores que si, por um lado, o nosso critico aponta os defeitos da photographia, por outro assignala e engrandece-lhe os meritos, elevando-a á radiante cathegoria da esthetica pela intervenção do sentimento, da idéa, da alma do artista enfim!

Rio de Janeiro—Novembro de 1904.

EUNAPIO DEIRÓ.

OS DE HOJE (*)

(BENEVENUTO BERNA)

NÃO se lhe vá pedir grandiosidades miguelangelescas, refulgencias de genio na estructura cyclopica de colossos, empolgantes desabrimientos de audacia á Rodin ou a elegante voluptuosidade do feminino de Falguière e de Pomeroy, porque a sua indole é outra e outra a sua arte.

Benevenuto Berna possui a observação de um naturalista e a paciencia operosa dos toreuticos. Não trabalha a golpes febris, debastando o barro com a violencia dos inspirados; esculpe com a tactibilidade de quem procura o verdadeiro e deseja chegar a um fim seguro. E por essa qualidade foi um vencedor no curso academico. A sua estatua em gesso—*Excelsior*—deu-lhe a medalha de ouro em 1889, o busto de africano, exposto no anno seguinte, consagrou-o. Estava feito o artista.

Não posso falar d'esse tempo sem me recordar de um contemporaneo seu, que foi um grande talento inutilizado.

Chamava-se Emmanuel Lacaille. Lá se vão uns treze annos, contados de relance, que elle desapareceu na bocarra fria d'uma cóva. Era esguio, tendente p'ra loiro e meigo. O rosto, muito branco, descia em

(*) Este titulo é o do segundo tomo de uma obra, que o auctor d'estas linhas prepara. O primeiro, já muito adiantado, tem por titulo—Os de Hontem.

oval para o queixo onde se aguçavam os pellos macios da primeira barba, e por este desenho brusco a cabeça accusava-se grande, sob o chapéo napolitano que lhe dava o facies romantico dos bohemios artistas.

Naquelle grande cabeça havia idéas grandes, uma confusão de cousas sumptuosas, saber e sonhos, estudos minuciosos de anatomia, amontoados capitulos da Civilisação, leituras predilectas de Augusto Comte, tercetos de Dante e versos de Petrarca, syntheses de operas de Wagner e apontamentos de pathologia. E por esse motivo, aguardando que a mão se lhe ageitasse melhor no manejo dos esboçadores, esperava-se d'elle um d'esses artistas extraordinarios, aos quaes bem cabem os bellos versos de Gautier:

*Sous le laurier mystique et le divin rayon,
Tu t'avances trainé par l'eclatant quadrigé,
Entre la Rêverie et l'Inspiration...*

Mas, não sei porque desgraça, quando o meigo Lacaille dobrava um dos annos da mocidade, o desalento o feriu traiçoeiro, e o moço esculptor foi descendo de tédio em tédio, insentidamente, para a morte.

Em quanto Lacaille mergulhava no pessimismo que o anniquilou, seu companheiro Berna, arrostando com a responsabilidade dos successos collidos, enclausurava-se na officina, consumia proveitosamente as horas em frente do tamborete das *maquettes*.

A sua natureza reflectida e observadora tirou d'esse labor quotidiano a prevista vantagem: em pouco tempo a sua habilidade modeladora conseguiu essa calma segurança que faz do trabalho vindo de suas

mãos uma obra acabada, como deve ser a destinada ao povo, a qual não deixa ao entendimento d'elle a suspeita de a ter comprehendido mal. E' notadamente nos bustos-retratos que mais se accusa essa conscienciosa maneira. Todo o seu trabalho guarda uma pro-

A tal respeito o professor d'esthetica do Collegio de França, o Sr. Eugenio Guillaume, irritado nos seus principios de bom academico, escrevia na circumspecta *Revista dos Dous Mundos*, referindo-se á exposiçãõ d'esculptura em 1882: "Os ensaios de re-

volta são frequentes e particularmente nos bustos. Vêm-se muitos que se apresentam com aspecto mutilado e parecem destroços de estatuas. Um busto não é absolutamente um fragmento: é uma forma creada pela arte. Tira-se-lhe a dignidade e a razão de ser fazendo-se-o igual a um producto do acaso."

Pondo-se á margem o convencionalismo que esta opinião possa conter, não é de todo infundada e censura do conspicuo professor d'esthetica.

O insistente desejo de fazer *original*, que se apega á pretensão de certos artistas, com especialidade os mediores desvairados pela ambição do renome a todo o transe, leva-os a exageros mais ou menos ridiculos pelo injustificavel de seus processos e modos. Ha nisso uma falta de seriedade que, agindo em sentido inverso ao desejado, desmerece o pouco que da obra se poderia aproveitar.

E de facto, não será por ter o thorax lascado de revés ou ponteadõ d'esquirolas como se á viva força houvesse sido arrancado ao corpo, nem por lhe faltar o sóco, nem se lhe abandonar o acabado das roupas ou por se lhe descuidar da massa dos cabellos, que a expressãõ de um rosto, o desenho de uma cabeça, a anatomia, a epiderme, a intensa verdade d'um busto,

sahirão do seu nullo valor para o realce das paradigmas da arte. Grande e poderosa a obra será por si propria, por seu merito incontestavel, seja tallhada a golpes e abandonada no seu acabamento, seja feita aos poucos e pacientemente terminada!



L. Musso & Co.

porção resaltante e se recommenda por um acabamento uniforme, em que não entra o intento de impressionar por um falso vigor nem o de aturdir pela extravagancia que, ao commum das vezes, é confundida com independencia de fazer.

A obra de Benevenuto Berna não apresenta esta pretenção. Os seus bustos são verdadeiramente bustos, executados para uma determinada collocação, concluídos com o maior, o mais religioso respeito pela *semelhança*, porque, antes de tudo, elle é um esculptor naturalista como se dizia ha poucos annos passados.

E não retira o barro ou a plastelina para o molde, não abandona os esboçadores, senão depois de satisfeitas todas as exigencias da *comparação*, depois de *sentir* o seu trabalho.

São desta feitura o do marquez de Tamandaré e do almirante Saldanha da Gama, em bronze, que estão no Club Naval; o do almirante Eduardo Wandenkolk, tambem em bronze, pertencente ao Arsenal de Marinha desta cidade e outros. Serão dessa maneira o de João Caetano, que irá para Nictheroy, e o de Francisco Manoel que deve ser erigido no Passeio Publico por iniciativa do hebdomadario *Tagarella*, e que ainda se acham em barro sobre os tamborettes do *atelier*, á espera dos ultimos retoques que os hão de completar na sua precisa reconstrucção typica, transmittida pela photographia, mas que o esculptor reanimará com o calor de sua mão.

E o que hoje é barro perecível, amanhã será bronze duradouro, fundido sob a direcção e guia do proprio artista nas officinas do Arsenal de Marinha, como tem feito com todos os seus trabalhos, quando os não corta caprichosamente no marmore, á maneira da *Prece*, que é de uma delicada sentimentalidade.

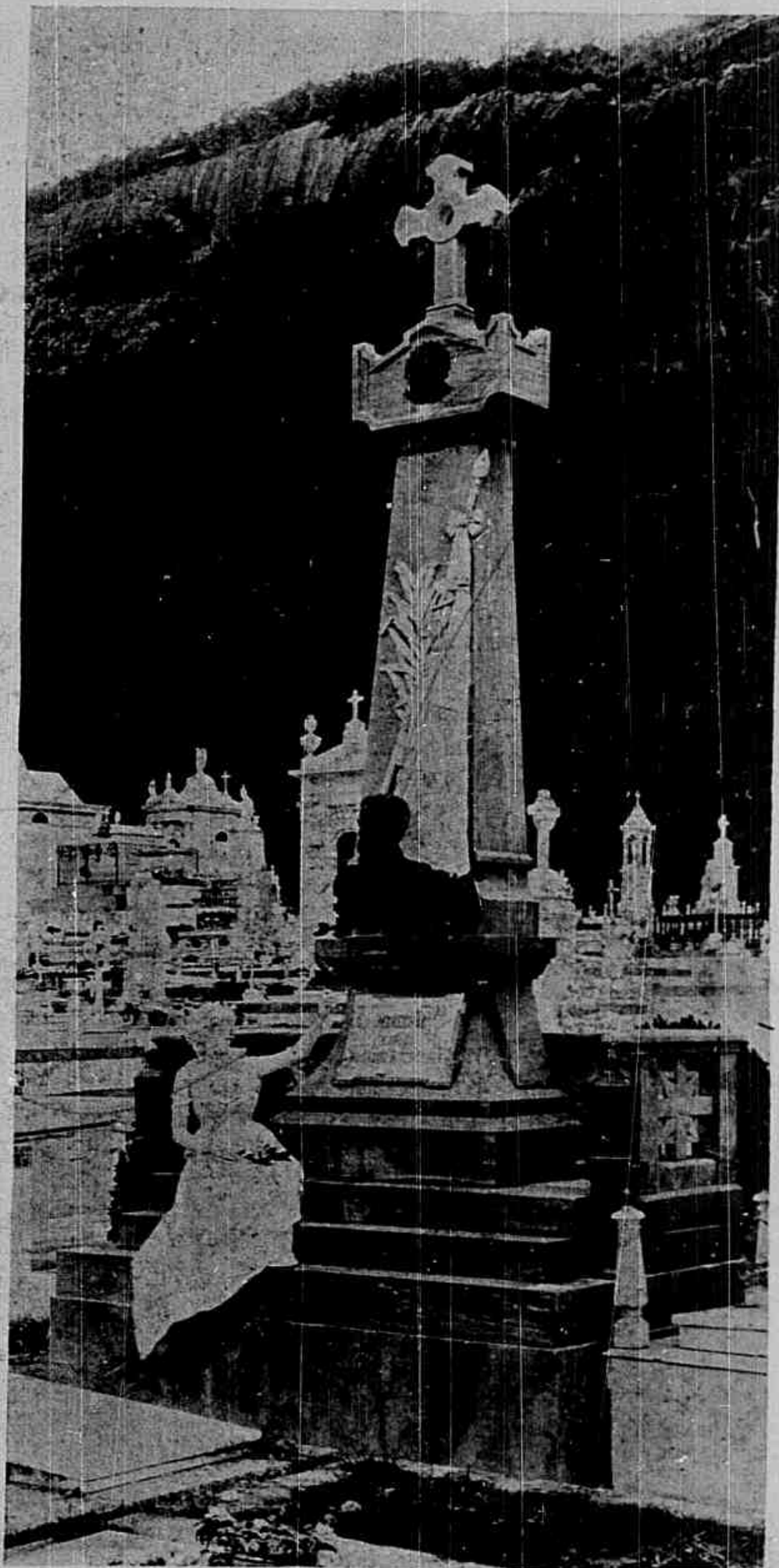
Forçando a estreiteza d'esta arte de copia, Benevenuto Berna procurou o monumento. Para o concurso de uma estatua de Carlos Gomes, aberto pelo Estado de S. Paulo, enviou duas *maquettes*, e já tem erigidos dous mausoléos no cemiterio S. João Baptista, em Botafogo.

Do concurso, em que obteve boa collocação, sei pouco, e este pouco melhor convem ás notas d'uma biographia que ao feitiço d'este artigo.

Os dous monumentos funebres, que são de sua auctoria, o do marechal Machado Bittencourt e o do dr. Souza Ribeiro, attestam a sua probidade artistica, provando dedicação ao trabalho e o interesse pôsto no completar a obra que assigna. Ambos obedecem ao classico composito de formas architectonicas e motivos d'esculptura, e o primeiro, sem duvida menos original que o segundo, tem, sobre este, um elance sereno de linhas que lhe dá o quer que seja de elevado á sua idealisação e de grave simplicidade á sua apparencia.

Não insisto em dizer d'elles porque o monumento funebre, em geral, raramente me emociona; é um genero sedição que, podendo contar maravilhosas creações, embaralhou-se nas usanças delineadoras e nos mistiforios decorativos, devido grandemente á incultura esthetica dos que o mandam construir, e quando não repete estafados assumptos de allegoria sentimental, cae numa irritante bugiganga de ornamentação.

Prefiro restringir-me á noticia, que ora tracejo, sobre o moço trabalhador cujo nome epigraphou estas linhas, e que, assim aguardo, um dia verei assignando uma obra destinada ao Futuro.



Novembro de 1904.

BALLADA

Em vão quero extinguir o meu tormento,
 Em vão quero esconder meu grande mal...
 Todos os dias, a qualquer momento,
 Elle apparece, estúpido e brutal!
 Gilvaz atroz, o meu! Atroz signal
 Este que, em minha face, noite e dia,
 Aos outros mostra esta melancolia,
 Abre as janellas para minha dor,
 Descobre, ao fundo de minha alma fria,
 Meu desgraçado, meu funesto amor...

E tanto desejava o esquecimento,
 O olvido, a noite negra e glacial,
 Onde, occulto, ficasse o soffrimento...
 Tanto nas minhas faces, afinal,
 Queria ver o aspecto triumphal
 De uma grande e saudavel alegria!
 Tanto, ser como os outros em queria!...
 Mas descubro, tomado de pavor,
 Como tenaz, terrivel ironia,
 Meu desgraçado, meu funesto amor!

Vivo, por isto, neste abatimento,
 Nesta immensa tristeza sem equal,
 Vendo o desenvolver, pausado e lento,
 D'esta vida tristonha e funeral...
 Por isto, amo o silencio sepulchral,
 As solidões, as sombras, a apathia,
 Onde, nunca, ninguem conseguiria
 Surprehender o meu pranto, nem transpor
 O logar onde móra e me injuria
 Meu desgraçado, meu funesto amor...

OFFERTA :

Alma que, para sempre, estás sombria,
 Não queiras apressar minha agonia.
 Guarda dentro de ti (triste penhor!)
 Máu grado a angustia que te desvaria,
 Meu desgraçado, meu funesto amor...

(*Das Medalhas e Legendas*).

OSCAR LOPES.

Abril, 1904.

ESTYLOS EM ARCHITECTURA

III

ESTYLO GREGO

«Entre as diversas aptidões fundamentais da nossa intelligencia, as «faculdades scientificas e philosophicas» são seguramente, em quasi todos os homens, as menos energicas de todas. Por isso tambem, a influencia immediata dellas sobre a vida real, quer publica, quer privada é de ordinario muito menor do que a das «faculdades estheticas», a seu turno sobrepujadas a este respeito, pelas «faculdades industriaes ou praticas», cuja actividade continua, a um tempo mais facil e mais urgente, deve ser commumente preponderante.»

(AUGUSTO COMTE—Systema de Philosophia Positiva—VI volume, pgs. 224-225.)

A cabana, morada rustica dos povos agricolas, typo caracteristico das habitações campestres; é o *alpha* do estylo grego.

O homem primitivo, almejando cada vez mais melhorar e progredir, animado dessa ancia crescente de conquista e aperfeçoamento, abandonou os valles em procura dos planaltos, trocou as baixadas apertadas e estreitas, pela extensão ampla, folgada, indefinida e, ahi, no cimo da terra e começo do espaço, bebendo a largos haustos a luz, abrangendo com o olhar o horizonte illimitado, construiu esse modesto e singelo abrigo, harmonico nos alinhamentos rectos de suas faces e correcto no aprumo da esquadria—a cabana.

O lavrador primitivo, rude mas não selvagem, originario do Peloponeso, constructor da choupana agreste, foi sem duvida o primeiro architecto.

E d'essa tosca construcção campesina, inicio do sentimento artistico da humanidade, attestado na harmonia das proporções, surgiu, imponente e grandioso, esse estylo admiravel, caracterizado pelo aprumo das linhas, das pilastras e columnas; gloria da velha Attica e deslumbramento d'essa Athenas grandiosa, berço da civilisação, das lettras e das artes.

A *columna* é a base do estylo grego, e d'ella se origina o *atrio* e o *vestibulo*.

As columnas gregas são constituídas pelas tres ordens: *dorica* (dorico de Pestum e dorico denticular) *jonica* e *corinthia*.

A ordem dorica surgiu a principio em Pestum, logo depois na Thessalia e posteriormente na Phocida; passando mais tarde, aperfeçoada e completa, para a Etruria.

O dorico primitivo ou *ordem de Pestum*, guarda algumas reminiscencias de origem egypcia, sendo a columna caracterizada pelo formato tronconico. Grossa e baixa ella eleva-se directamente do chão, como as columnas egypcias, sem base e pedestal, tendo um capitel de formato simples e sobre o qual assenta directamente a architrave, vindo em seguida os frisos decorados com triglyphos.

A ordem, apparentando no conjuncto robustez e força, tem linhas severas e elegantes e metopas ricamente lavradas em forma de baixo relevo.

O *dorico denticular* derivativo do precedente, conserva as architraves e frisos da primitiva, differindo porém, na columna apoiada em base e pedestal, mais elegante e graciosa; sendo o fuste nesta columna, coberto de caneluras, mais alto e delgado.

O capitel, ornado de uma série de molduras elegantes, affasta-se do typo primitivo, sendo caracterizado pelos denticulos no cornijamento.

A columna jonica caracterizada pelas duas volutas do capitel, foi criação dos jonios.

A raça jonica é uma das quatro do ramo grego primitivo (*Doricos, Eolios, Jonios e Achaicos*), e a que mais pronunciadamente se desenvolveu no ponto de vista artistico.

Os jonios habitavam as immediações do isthmo de Corintho, lingua de terra que separa a Morea da Grecia propriamente dita, e situado entre os golphos de Athenas e Lepanto; d'ahi emigraram na direcção norte do Peloponeso em procura de Achaia, antiga Egelia e de Attica, antiga Ogygia.

O principado de Achaia, constituído pelos ducados de Athenas e de Thebas, tinha por capital Patras centro do movimento intellectual do paiz, e onde, em 146 antes da era Christã, surgiu a columna jonica.

Os jonios adoptaram, como distinctivo caracteristico da columna, duas volutas no capitel, rememorando essa ornamentação a cerimonia dos sacrificos offerecidos em holocausto a Diana em seu templo no Epheso. O animal sacrificado naquella época era o carneiro; as volutas representam os chifres recurvos desse animal.

Leonce Reynault admite a voluta como originaria do formato dos toucados das athenienses nas festas voluptuosas consagradas a Baccho, Apollo e Diana; outros porém dando ao formato intensões moraes, ligam a espiral das volutas á crença da transmigração das almas e á fórma curva das urnas funerarias das sepulturas, em geral ornadas por columnas jonicas.

Nos circos antigos, onde os divertimentos consistiam em jogos athleticos, as columnas jonicas figuravam nas ornamentações, traduzindo a tendencia da raça jonica, robusta e forte, para a luta e para o prazer; d'ahi a interpretação voluptuosa dada ás volutas e a origem do nome.

O pedestal jonico, mais esbelto que o dorico, compõe-se de seis modulos, tendo a base mais um plintho e o fuste caneluras semi-circulares; e, finalmente, o capitel de formato simples e gracioso é encimado pela ornamentação das volutas.

Os gregos aziaticos adoptavam de preferencia essa columna, como attesta, além de outros, o templo de Diana em Epheso incendiado por Erostrato, reconstruido posteriormente, e mais tarde quasi destruido por completo pelos Godos.

Na Grecia europea o mais notavel exemplo jonico, é o templo da Victoria (*aptera*), construido no seculo de Pericles.

A columna Corinthia, teve origem em Corintho, cidade situada junto ao golpho do mesmo nome e nas proximidades de Attica; sendo attribuida a Collimacho, esculptor de Corintho, a criação do capitel d'essa columna.

O capitel primordial originario do Egypto, ornamentado com folhas de palmeiras daquelle paiz, foi depois substituido por folhas de acantho, herva gigantesca oriunda da cidade de Acantho, no Egypto, e mais tarde transplantada para Corintho.

A origem e conformação do capitel corinthio, de incontestável belleza e elegancia esthetica, lendaria em toda a Grecia, é assim resumida por Vitruvio:

Tendo fallecido em Corintho uma donzella de extraordinaria formosura, seus paes ornamentaram a singela sepultura com um vaso riquissimo, farto de folhagens e flores perfumosas, e, para impedir que mãos profanas subtrahissem as plantas, collocaram sobre o vaso pesada pedra; a força exuberante da vegetação conseguiu, porém, ramificar-se exteriormente atravez das fendas e arestas, contornando o vaso de formosas e vicejantes folhas de acantho.

Poucos são os monumentos em Athenas ornados com columnas corinthias, devido á pouca durabilidade dessas construcções delicadas em extremo, e incapazes de resistir aos estragos do tempo.

O monumento choragico de Lysicato de forma circular, terminava em zimbório sustentado por columnas corinthias; esse edificio tambem denominado—*Lanterna de Demosthenes*—era destinado á guarda da tripeça ganha no campeonato de córos dos habitantes de Lysicato.

Modernamente os architectos admittem apenas tres ordens de columnas: a dorica, a jonica e a corinthia. A toscana está cahindo em desuso e a composita raramente se emprega.

A ordem dorica, rigorosamente sem base nem pedestal, tem o fuste em geral apoiado directamente sobre o respaldo das construcções; sua característica é a simplicidade aliada á força e á solidez.

A ordem jonica, consubstanciando os sentimentos de alegria e as manifestações egoistas da vaidade feminina, acompanha quasi sempre as *cariatides* no conjuncto harmonico das ornamentações; sua característica é o prazer.

A applicação d'essa ordem predomina principalmente nos edificios destinados a theatros, casinos, clubs, casas de banhos e em dependencias de habitações luxuosas.

A ordem corinthia resume o sublime nas ornamentações externas e internas; sua característica é a elegancia aliada á riqueza.

O criterio e o escrupulo deverão predominar na escolha e emprego dessa ordem, unicamente destinada ás construcções grandiosas de apurado gosto, e que satisficam por completo a todas as condições technicas exigidas em construcções architectonicas.

Convém por isso empregar-a o menos possivel, dispensando-a sempre que a delicadeza do trabalho e o apuro da construcção, não consigam sobrepujar o luxo pretencioso de edificações pedantescas e ridiculas.

A escolha de uma ordem para ornamentação de determinados edificios, é dependente da *adaptação*—e esta por sua vez função da altura do pé direito e do intervallo disponivel das fachadas.

O *intercolumnio* é o espaço cheio, intercallado entre os vãos das faces exteriores das paredes, e corresponde aos intervallos.

Em relação á altura as ordens comprehendem tres partes: *entablamento, columna e pedestal*.

O entablamento decompõe-se em *cornija, frizo e architrave*; a columna em *capitel, fuste e base*, e finalmente o pedestal consta de *cornija, dado e base*.

O intervallo disponivel das fachadas regula a largura das columnas, sendo esta dependente das dimensões do *modulo*.

O modulo é sempre igual ao raio da columna junto á base, sua divisão é igual a 12 ou 18, conforme a ordem a que pertence.

A adaptação das ordens architectonicas nas construcções, prende-se tambem á superposição de accordo com os pavimentos.

Nas decorações, em regra, deve-se evitar as superposições, adoptando-se sempre que for possivel um unico typo de columnatas; tornando-se porem indispensavel a superposição, neste caso deve-se exigir sempre a collocação das ordens mais fortes como a *toscana* e a *dorica* no pavimento terreo, e nos outros as ordens mais leves e delicadas, como a *jonica*, a *corinthia* e sua variante a *composita*.

As columnas em geral afusão um sexto do modulo junto ao capitel, deve-se por isso nas superposições dar ás ordens superiormente collocadas, largura na base do fuste igual a que a columna inferior apresenta no capitel; e, se a ordem fôr de pilatras, caso em que os fustes não se afusam, a largura da columna superior deverá ser um sexto menor que a inferior.

A columna corinthia tem o pedestal mais elevado que a jonica, a base mais delicada nas molduras, e o fuste, adornado com caneluras, mais alto e elegante.

O capitel corinthio, caracterizado pelas folhas de acantho, é distincto de todas as outras ordens, e comprehende duas filas de folhas de acantho acompanhadas de caulicos donde partem duas volutas pequenas convergentes para o centro e duas maiores voltadas para os extremos; um florão enfeixa o conjuncto, no centro do qual está esculpido um golphim.

Entre as ornamentações imponentes do estylo grego, destacam-se as *cariatides*, que, muitas vezes nesse estylo, substituem as columnas ou são ladeadas por ellas.

As cariatides são figuras representativas das mulheres de Caria, cidade do Peloponeso na Asia menor que conjunctamente com a Coréa e a Lydia, constituem a Jonia.

Tomada a cidade pelos Persas alliados aos Gregos, foi toda a população masculina passada a fio de espada e as mulheres prisioneiras, levadas em captiveiro, foram obrigadas a executar todos os serviços ainda os mais rudes, vestidas com os trajes e adereços de gala.

As cariatides commemoram esta traição e a vingança que della tiraram os Gregos; encontrando-se magnificos modelos dessa ornamentação, no salão de bacharelados do externato do Gymnasio Nacional.

Os gregos no entanto, dispensavam ás mulheres certas deferencias, patenteadas visivelmente nos actos publicos, entre outros, nas festas dedicadas a Minerva e denominadas *Athenéas*.

Nas marchas triumphaes com que, geralmente, eram precedidas estas festas, as mulheres occupavam a vanguarda dos cortejos, sendo ladeadas por guardas de honra dos filhos do trabalho, representados pelos proletarios.

O templo da Virgem, o mais importante monumento da Acropole, obra de Phidias e denominado communmente *Parthenon*, vasto, elegante e rico; era destinado as festas consagradas á victoria alcançada por Minerva contra Neptuno, representativas do predominio dos sentimentos affectivos sobre os instinctos masculinos.

Os jogos olympicos forneciam outros tantos exemplos, não só d'essa primazia do sexo feminino, como também das honras e preitos rendidos ás artes.

Por ultimo, os sacrificios das *Vestæes*, acompanhados das cerimoniaes do ritual, eram outros tantos attestados vehementes do respeito e do amor pela mulher.

No *Diccionario das religiões* de Bertrand, encontra-se o seguinte trecho referente ás vestæes:

«As *Vestæes* Sacerdotizas de Vesta, eram virgens e formavam o voto por trinta annos. Não deviam ter o minimo defeito physico; exigia-se pelo contrario que fossem as mais bellas e formosas de corpo... Eram livres da autoridade paterna.

As vestæes que violavam o seu voto eram punidas mais severamente do que as que tinham deixado apagar o fogo sagrado. Numa Pompilio as condemnava a serem apedrejadas; Festus refere uma lei posterior que ordenava que fossem degolladas. Crê-se que Tarquinio Prisco foi o primeiro que estabeleceu o uso de enterral-as vivas.

Essas execuções terriveis não foram tão frequentes como se poderia imaginar, pois essa ordem que durou cerca de onze seculos sómente contou vinte vestæes convencidas de incesto; d'estas, treze foram enterradas vivas e sete pereceram por diversos generos de supplicios, a sua escolha.

As vestæes eram indemnizadas do constrangimento e dos deveres penosos do seu estado, por privilegios gloriosos e honras extraordinarias; assim não só podiam testar em vida dos paes, como também possuíam todas as prerogativas de que gozava em Roma uma mulher que tinha dado tres cidadãos ao Estado.

Os bens além de lhes pertencerem em particular, ellas podiam delles dispor por venda ou doação sem intervenção de curador.

O criminoso por ellas encontrado em caminho do supplicio, ficava livre immediatamente.

No reinado de Theodorico essa ordem foi abolida e fechados todos os templos.

A antiga Grecia teve ainda a primazia na substituição completa da polygamia pela monogamia, verdadeira homenagem aos sentimentos moraes do sexo affectivo.

As festas do trabalho, verdadeiras marchas e manifestações civicas, nas quaes os trophéos emblematicos eram representados por apetrechos e instrumentos agricolas, caracterizam assaz as tendencias manifestas desses povos á elevação do proletariado.

Foi com effeito na Grecia antiga que as industrias attingiram extraordinario desenvolvimento, patenteado principalmente no progresso da arte de construir e na architectura; assim, o estudo da gravidade para a estabilidade das construcções, de accôrdo com as leis estabelecidas por Newton, era conhecido na Grecia em applicações practicas: um corpo solto no espaço cae forçosamente em terra em virtude do seu proprio peso; principio primordial da lei de gravidade applicado pelo architecto grego para a determinação dos empuxos verticaes e horisontaes, e dos pontos de equilibrio para o traçado da curva das pressões no estudo da estabilidade.

As resistencias ás pressões verticaes, contra o empuxo ao peso da construcção amparando os pontos de apoio do edificio, eram offerecidas pelas columnas.

As columnas destinadas a principio tão sómente á sustentação do edificio, foram mais tarde empregadas

conjunctamente para ornato e resistencia; dando-se-lhes formas variadas e elegantes, de accôrdo com as ordens e typos das construcções.

A industria agricola, preferida pelos gregos, tendia a desenvolver o raio de acção de sua influencia proveitosa e benefica; assim, as colheitas do trigo e do linho, com primazia nas culturas, eram festivas e alegremente annunciadas, com todas as honras conferidas a esses productos da alimentação e do vestuario; para isso a deusa Ceres possuía um templo na *Acropole* fronteiro ao de Minerva.

As manufacturas ainda em embryão, manifestavam com tudo inicio promettedor nos tecidos e trançados, originarios das rocas e fuzos de madeira tosca. As tunicas e os mantos das vestiduras talares, attestavam as tendencias d'essa industria promettedora.

O estylo grego bellamente representado nas grandiosas edificações da antiga Grecia, desde a *Acropole* de Athenas até o *Parthenon* de Phidias, é sumptuoso e nobre, magestoso e severo, erecto em suas fórmãs, imponente no conjuncto e symetrico nos detalhes.

Modernamente, além do imponente edificio do Louvre de Pariz, o estylo grego encontra no Rio de Janeiro representação codigna na bella fachada da Academia de Bellas Artes, na do Museu Nacional e na vetusta frontaria da Egreja do Carmo.

Este estylo, porém, surge imponente na simplicidade do conjuncto e na singeleza das linhas, entre as construcções industriaes, nesses edificios despídos de ornamentação, alegres e ligeiros, onde a linha recta se impõe desde as horisontaes das cumieiras, frechaes e eixos transmissores, até as verticaes das columnas, pilares e para-raios. E' nessas moradas das artes e das industrias, que vive e se agita essa classe tão desprezada e esquecida, honrada e boa, trabalhadora e forte; classe emfim do proletariado, que mais tarde ou mais cedo, esmagando essa maioria inconsciente de pedantocratas ignorantes e politiqueiros pretenciosos, ha-de impor-se pelo direito, vencer pela justiça e incorporar-se pela razão no seio da sociedade moderna.

Essas fabricas e essas officinas, essas usinas e laboratorios, monumentos imponentes e severos, destacando-se no espaço pela fumarada das altas chaminés; são outros tantos marcos milliarios d'essa bella estrada social, por onde um dia passará a humanidade satisfeita e feliz, em demanda do ideal da paz e da concordia, confiante e crente no futuro predomínio industrial da Terra.

Do interior d'esses estabelecimentos, do *brouah* ensurdecido d'esses machinismos em movimento, surgem os obreiros da humanidade, trabalhadores da paz, fortes e alegres, puros e correctos como a linha recta do estylo grego.

E' incontestavelmente, porém, d'essa classe trabalhadora e humilde, do seio d'esse operariado rude e pobre, mas intelligente e activo, que surgem espontaneas as mais bellas manifestações altruistas, predomínio dos sentimentos puros, innatos nos corações immaculados e caracteres impolutos; e oriundos d'esses ensinamentos sublimes que tem o amor por principio, a ordem por base e o progresso por fim.

A TATUAGEM DO RIO

A tatuagem é hoje na Europa uma questão de moda. Eduardo VII, esse parisiense de Londres, tatuou-se, fez pintar no braço esquerdo uma ancora e um dragão, e a corte e outras pessoas illustres, que talvez apenas esperassem o exemplo real para segui-lo, acompanharam logo o rei de Inglaterra e Imperador das Índias no divertido exercício de colorir o corpo. As chronicas citam entre as senhoras lady Randolph Churchill e a celebrada actriz Ellen Terry, que traz no braço um coração em chammas com o nome do querido a arder... Entre os cavalheiros, depois de Eduardo ter no braço o symbolo do imperio dos mares e da voracidade colonial ingleza, não ha nenhum que não possúa esse adorno sub-epidermico. E' a ultima forma da tatuagem a frivolidade mundana. Desde os mais remotos tempos vemol-a a transformar-se, distinctivo honorifico entre uns homens, ferrete de ignominia entre outros, meio de assustar o adversario para os bretões, marca de uma classe para os selvagens das ilhas Marquezas, vestimenta moralisadora para os incolos da Oceania, signal de amor, de desprezo, de odio, barbara tortura do Oriente, baixa usança do Occidente. Na Nova Zelandia é um enfeite; a Inglaterra universalisa o adorno dos selvagens que colhem o *phormium tenax* para lhe augmentar a renda e Eduardo com a ancora e o dragão no braço esquerdo é só por si um problema de psychologia e de atavismo.

A tatuagem no Rio faz-se o mais variado estudo da credence. Por elle se reconstrõe a vida amorosa e social de toda a classe humilde, a classe dos ganhadores, dos viciados, das fufias de porta aberta, cuja alegria e cujas dores se desdobram no estreito espaço das alfurjas e das chombergas, cujas tragedias de amor morrem nos cochicholos sem ar, numa praga que se faz de lagrimas. A tatuagem é a inviolabilidade do corpo e a historia das paixões. Esses riscos nas pelles dos homens e das mulheres dizem as suas aspirações, as suas horas d'ocio e a phantasia da sua arte e a crença na eternidade dos sentimentos—são a exteriorisação da alma de quem os traz.

Ha tres casos de tatuagem no Rio, completamente diversos na sua significação moral: os negros, os turcos com o fundo religioso e o bando das meretrizes, dos rufiões e dos humildes que se marcam por crime ou por ociosidade. Os negros guardam a forma fetiche, além dos golpes sarados com o pó preservativo do máu olhado usam figuras complicadas. Alguns, como o Romão da rua do Hospicio, tem tatuagens feitas ha cerca de vinte annos que se conservam nitidas, apesar da sua côr—com que se confunde a tinta empregada.

Quasi todos os negros tem um crucificado. O feiti-ceiro Ononenê, morador á rua do Alcantara tem do lado esquerdo do peito as armas de Shangô, e Felizmina de Oxum a figura complicada da santa d'agua doce. Esses negros explicam ingenuamente a razão das tatuagens. Na corôa imperial hesitam, coçam a carapinha e murmuram num arranco de toda a raça, num arranco mil vezes secular de servilismo inconsciente:

—Eh! Eh! Pedro II não era o dono?

E não se photographam com um pavor surdo como se fosse crime usar essas marcas symbolicas.

Os turcos são musulmanos, maronitas, schismaticos, judeus e nestas religiões diversas não ha gente mais cheia de abusões, de receios, de medos. Nas casas da rua da Alfandega, Nuncio e Senhor dos Passos, existem, sob o soalho, feitiçarias estranhas, e a tatuagem forra a pelle dos homens como amuletos. Os maronitas pintam iniciaes, corações, os schismaticos tem verdadeiros *eikones* primitivos nos peitos e nos braços, os outros trazem para o corpo pedaços de paramentos sagrados. E' por exemplo muito commum turcos com as mãos franjadas de azul, cinco franjas nas costas da mão correspondendo aos cinco dedos. Essas cinco franjas são a symbolisação das franjas da *talesh*, vestimenta dos *Khasan*, nas quaes está entrançando a fio d'ouro o grande nome de Ihaveh.

A outra camada é a mais numerosa, é toda a classe baixa do Rio, os vendedores ambulantes, os operarios, os soldados, os criminosos, os rufiões, as meretrizes. Para marcar tanta gente a tatuagem tornou-se uma industria com chefes, sub-chefes e praticantes.

Quasi sempre as primeiras licções vieram das horas de inactividade na cadeia, na penitenciaria e nos quartes, mas eu contei só na rua Barão de S. Felix, perto do Arsenal de Marinha, e nas ruelas da Saude cerca de trinta marcadores. Ha pequenos de dez, doze annos que sahem de manhã para o trabalho, encontram os carregadores, os doceiros sentados nos portaes.

—Quer marcar? perguntam; e tiram logo do bolso um vidro de tinta e tres agulhas.

Muitos portuguezes cujos braços musculosos guardam coroas da sua terra e o seu nome por extenso, deixaram-se marcar porque não tinham que fazer.

—Que quer V. S.? O pequeno estava a arrelhar. Marca moço, marca! E tanto pediu que poz p'ra ahi os risquinhos.

Os pequenos, os outros marcadores ambulantes têm um chefe o Madruga, que só no mez de abril deste anno fez tresentas e dezenove marcações. Madruga é o exemplo da versatilidade e de significação myrionima da tatuagem. Tem estado na cadeia varias vezes por questões e barulhos, vive nas ruas da Conceição e S. Jorge, tem amantes, compõe modinhas satyricas e é poeta. E' d'elle este primor que julga verso:

Venha quanto antes D. Elisa
Emquanto o Chico Passos não atija
Fogo na cidade...

Homem tão interessante guarda no corpo a synthese dos emblemas das marcações:—um Christo no peito, uma cobra na perna, o signo de salomão, as cinco chagas, a sereia, e no braço esquerdo o campo das proprias conquistas. Esse braço é o prolongamento ideographico do seu monte de Venus, onde a chiromancia vê as batalhas do amor. Quando a mulher lhe desagrada e acaba com a chelpa, Madruga emprega leite de mulher e sal de azedas, fura de novo a pelle, fica com o braço inchado, mas arranca de lá a côr do nome.

Emquanto andou a fornecer-me o seu profundo saber, Madruga teve tres d'essas senhoras, a Jandyra, a Josepha e a Maria. A primeira a figurar debaixo de um coração foi a Jandyra. Um bello dia a Jandyra desaparecia dando lugar a Josepha que triumphava em cima, entre as chammas. Um mez depois a letra J sumira-se e um M dominava no meio do coração.

Os marcadores têm uma tabella especial, o preço fixo do trabalho. As cinco chagas custam 1\$000, uma rosa 2\$000, o signo de Salomão o mais commum e o menos comprehendido porque nem um só dos que interroguei o soube explicar, 3\$000, as armas da Monarchia e da Republica 6\$ a 8\$ e ha Christos para todos os preços.

Os tatuadores têm varias maneiras de tatuar; por picadas, por incisão, por queimadura sub-epidermica. As conhecidas entre nós são as incisivas nos negros que trouxeram a tradição da Africa e, principalmente, as por picadas que se fazem com tres agulhas amarradas e embebidas em graxa, tinta, anil ou fuligem, polvora, acompanhando o desenho prèvio. O marcador trabalha como as senhoras bordam.

O dr. Ladisláu Cavalcante, da Bahia e o reporter Ernesto Senna estudaram, o primeiro com os recursos de scientista e o segundo com a sua irrequieta curiosidade, a tatuagem nas prisões. Senna, fazendo um livro sobre as nossas correccionaes teve de dar extenso espaço á tatuagem que na vida da penitenciaria symbolisa a saudade, o amor perdido, as ligações reclusas e nasce naturalmente do ocio; o dr. Ladisláu na sua these tem a *priori* uma theoria, parte de onde devia começar, dando a tatuagem como característica do criminoso. Sob este ponto de vista exclusivo um homem marcado é um ser perigoso, quando a tatuagem é em regra geral um atavismo da especie.

Andei com o Madruga tres longos mezes pelos meios mais primitivos, entre os atrazados moraes e nesses atrazados, a camada que trabalha braçalmente, os carroceiros, os carregadores, os filhos dos carroceiros, deixaram-se tatuar porque era bonito e são no fundo incapazes de ir parar na cadeia por qualquer crime. A outra, a perdida, a maior, o oceano da malandragem e da prostituição é que me proporcionou o ensejo de estudar ao ar livre o que Ernesto Senna e o dr. Ladisláu estudaram na abaçada atmospheria das prisões. A tatuagem tem nesse meio a significação do amor, do desprezo, do amuleto, da posse, do preservativo, das idéas patrioticas do individuo, da sua qualidade primordial.

Quasi todos os rufiões e os rufistas do Rio têm na mão direita, entre o polegar e o indicador cinco signaes que significam as chagas. Não ha nenhum que não acredite derrubar o adversario dando-lhe uma bofetada com a mão assim marcada. O marinheiro Joaquim tem um Senhor crucificado no peito e uma cruz negra nas costas. Mandou fazer esse symbolo por esperteza. Quando soffre castigos, os guardiões sentem-se apavorados e sem coragem de soval-o.

— Parece que estão dando em Jesus!

A sereia dá labia, a cobra attracção, o peixe significa ligeireza n'agua, a ancora e a estrella o homem do mar, as armas da Republica ou da Monarchia a sua comprehensão politica. Pelo numero de corôas da monarchia que eu vi, quasi todo esse pessoal é monarchista.

Os lugares preferidos são as costas, as pernas, as coxas, os braços, as mãos. Nos braços estão em geral os nomes das amantes, phases inteiras, como por exemplo esta phrase de um soldado de um batalhão de cavalla-

ria: *viva o marechal de ferro!*..., desenhos sensuaes, corações. O tronco é guardado para as coisas importantes, de saudade, de luxuria ou de religião. Hei de lembrar sempre o Madruga tatuando um funileiro, desejoso de lhe deixar uma estrella no peito.

— No peito não! cuspiu o mulato, no peito eu quero Nossa Senhora!

Mas a vida no seu feroz egoismo é o que mais nitidamente ideographa a tatuagem.

As meretrizes e os criminosos nesse meio de beccos e de facadas têm indeleveis idéas de perversidade e de amor. Um corpo d'esses, nú, é um estudo social. As mulheres mandam marcar corações com o nome dos amantes, brigam, desmancham a tatuagem pelo processo do Madruga, e marcam o mesmo nome no pé, no calcanhar.

— Olha, não venhas com presepadas meu macacúano. Tenho-te aqui, desgraça! e mostram ao malandro, batendo com o chinello o seu nome odiado.

E' a maior das offensas: nome no calcanhar, roçando a poeira, amassado por todo o peso da mulher...

Ha ainda a vaidade imitativa. As barregãs das viellas baratas têm sempre um signalzinho azul na face. E' a pacholice, o *grain de beauté*, a gracinha, principalmente para as mulatas, e as negras fulas que o consideram o seu maior attractivo. Quando envelhecem, as pobres mulheres mandam apagar os signaes — porque querem ir limpas para o outro mundo, e a Florinda, ha pouco falecida, que rolara quarenta annos nos bordes de S. Jorge e da Conceição dizia-me dias antes de morrer.

— Ai meu senhor, isto é para os homens! Quando se fica velha arranca-se porque a terra não vê e Deus não perdôa.

Grande parte d'esses homens e d'essas mulheres têm o delirio mais sensual, fazem os nomes queridos em partes melindrosas, marcam os membros delicados com punhaes, lampadas e outros symbolos. Neste caso eu tenho o Antonio Doceiro, um lindo rapazito que foi bombeiro depois de ter rolado pelo mundo e a Annita Páu. Ambos têm desenhos curiosos por todo o corpo e a pobre Annita mostra no calcanhar por extenso o nome do pae de seus filhos e traz em cada seio a inicial dos dois pequenos como numa eterna offerenda — a sua unica offerenda de mãe aos desgraçados perdidos...

Num meio de tão fraca illusão, onde as missangas substituem os *penditifs* d'arte e a vida ruge entre o Desejo e o Crime, depois de muito ver os pobres entes marcados como uma cavahada, — a cavahada da Luxuria e do Assassinio, começa a gente a sentir uma concentrada emoção e a imaginar com inveja o prazer humano, o prazer carnal, que elles terão ao sentir um nome e uma figura debaixo da pelle, inalteraveis e para todo o sempre.

Talvez por isso Ellen Terry, a tragica, acompanhando a moda do Rei Eduardo, incrustasse na sua carne de camelia um coração e o nome do amado, para que lhe ouvisse correr o sangue enquanto viva fosse e soubesse mais intimamente dos mysterios do seu grande amor...

JOÃO DO RIO.

O HYDROMEL

DESDE o primeiro vagido até ao ultimo suspiro a vida é um conflicto feroz entre o homem e a natureza. Para os vencedores o premio da victoria é a felicidade—a maior somma de gosos, de tendencias physiologicas, satisfeitos.

Tiburcio Moreira nascera predestinado para vencer. De musculos fortes, governados por nervos bem afinados, crescera dominando até attingir á exuberante virilidade, são de corpo e alma. Faltava-lhe porém, a suprema conquista—o amor ultimo, na sua fórmula definitiva—resolvendo o problema da vida, a fixação dos destinos do homem.

—A escolha da mulher para esposa—dizia-me elle num dos nossos longos serões de meiga intimidade—é operação difficil, complicadissima, quando tentamos precipitar a evolução natural dos processos physiologicos. Conduz-nos ao erro irreparavel ou a resultados incompletos. Melhor que a vontade mais disciplinada em pleno equilibrio de razão e sentimento, agem os instinctos, guiados pelas affinidades electivas, em busca da creatura, que nos deve completar numa integridade superior, perfeita, fecunda, nessa harmonia deliciosa, que concretisa o ideal da existencia.

—Mas...—interrompi eu—tudo isso é platonico. Si não empregas os meios não chegarás aos fins...

—Defronto uma difficuldade preliminar—continuou elle num tom quasi lamentoso.—Tu conheces, inteiramente, as minhas idéas, a minha philosophia, theorias por ventura exóticas, mas radicadas no meu cerebro como cardos em intersticios de rochedos. Ellas provêm de uma tenaz cultura imprimindo á florescencia do meu espirito habitos inquebrantaveis e uma firme orientação, que não poderei desviar. As idéas, como os rios caudalosos, cavam no cerebro sulcos profundos e extravasam assoladoras ante os obstaculos que lhes oppomos. Eu me consagrei ao principio como um poeta, mais tarde como pensador e, definitivamente como fanatico, ao sublime culto da fórmula; apaixonei-me pela ineffavel sensação da linha correcta, pela intensidade forte e palpitante da cor e da luz. Este estado d'alma exige que a creatura, destinada ao meu consorcio, seja a personificação das minhas idéas—formosa de corpo, bella de espirito, a perfeição na fórmula e na essencia, satisfazendo todos os appetites do meu temperamento de artista, todas as condições do meu ideal de philosopho, sendo um idolo para o meu culto de fetichista...

—Mas a belleza—arrisquei eu—não é somente a fórmula, o traço, a insidiosa harmonia de linhas que nada valem sem o realce subjectivo...

—Que devemos perceber—continuou elle cada vez mais animado—pela commoção, por esse choque mysterioso que denuncia o encontro de duas almas impellidas pelas affinidades uma para a outra.

—Estás seduzido por Schopenhauer, meu caro. Nós temos dois prismas de vario colorido: aquelle pelo qual olha a concupiscencia vesga, ferozmente libertina, e aquelle que serve ao coração. Todas as mulheres se nos antolham bellas para o saciamento do desejo ephemero: uma unica, porém, saciará o nosso amor. E essa talvez não seja o typo de perfeição ideal, que a tua phantasia em vão procura... Não se escolhe esposa como quem escolhe um quadro; nem a formosura viva é o que os

poetas sonham e os artistas fixam em télas immortaes, obras primas, calcadas, quasi sempre, sobre modelos mercenarios, cuja pericia não póde fingir os tons divinos da castidade, da innocencia. Por isso é que nas Virgens dos grandes mestres transluz certa sensualidade mystica, que não desejaras fosse o traço caracteristico da tua esposa.

Tiburcio agitava impaciente a cabeça num gesto de piedosa ironia.

—Eu não admitto, não comprehendo o amor sem esthetica—affirmou elle num profundo tom convicto.

—Não é possivel amar sem o impulso da impressão da fórmula; não se ama um monstro...

—A formosura, meu caro, é ephemera, uma allucinação passageira dos sentidos ou vem depois da maturidade da mulher. Imaginas que encontras o ideal das exigencias da tua esthetica intolerante, denunciado pelo tal choque do encontro das duas almas irmãs. Todo o teu ser estremece num ésto de victoria pela conquista do bem supremo. Mas a natureza, eterna inimiga das nossas theorias, te apparelha surpresas, acerbas decepções, o fiasco dos teus planos, porque ninguem póde prever as transformações que o amor vae produzir na mulher escolhida, vigorosa, encantadora, e, todavia, incompleta. Passada a embriaguez da posse, que é o cadinho do affecto expontaneo, sincero, tua mulher vae adquirindo fórmulas mais amplas; as angulosidades da virgem desaparecem sob carnações fortes, que a maternidade tornará exuberantes, inteiramente diversas das tuas preconizadas linhas correctas, meigamente delgadas, dos teus contornos graciosos. Dá-se, ás vezes, que mulheres-feias ficam bellas e estas se deformam em monstros adiposos ou num esqueleto medonho. Gordas ou magras, quaesquer que sejam as modificações da chrysalida, depois das revelações do casamento, a verdade é que o amor não as percebe. A mulher amada será eternamente bella aos nossos olhos, onde perdura em fixação inapagavel a poderosa impressão primitiva. Essa evolução do organismo, engendrando decepções e surpresas, explica os naufragios conjugaes. Maridos apaixonados chegam a detestar as esposas deformadas, ou aquellas, cuja belleza se expande com o casamento. Num como noutro caso, o amor não presidiu á escolha, feita sob a pressão de um impulso lascivo. O coração não se engana jamais.

—Pois eu,—observou Tiburcio com emphase—ou encontro o meu typo, ou, para evitar aquellas decepções, me sepulto num enlace de conveniencia.

* * *

Seis mezes depois nos separamos; mas os nossos affectos, as nossas idéas continuaram alimentados por uma correspondencia regular, que foi o conforto do meu exilio, enquanto vicejaram as debeis flores da saudade. Afinal as cartas de Tiburcio se espaçaram rapidamente até cessarem de todo. Ia-me inquietando isso, quando recebi algumas linhas de explicação do silencio.

«Dentro de dois mezes caso com a Eudoxia de Abreu. Está realisado o meu sonho. Faze o possivel, meu velho, para voltares e testemunhares a minha completa ventura.

Teu do coração

Tiburcio.»

Procurei em vão, nas minhas reminiscencias das rodas amigas, essa... Eudoxia, que me provocava arrepios antipathicos.

—O infeliz—pensava eu—desenganado de achar a fórmula impeccavel, vendeu-se miseravelmente.

E aquelle nome horrivel me matracava lugubre dentro da cabeça, como um clamor indignado. Seria, talvez,

alguma menina ingenua, saída do collegio, uma roceira em villegiatura na côrte, uma viuva rica, flor de cemitério desabrochando em tentadora evidencia da abertura do testamento do defuncto.

* * *

Não annunciei ao Tiburcio a minha volta ao Rio de Janeiro. Cheguei num dia humido e triste. Denso nevoeiro encapuchava as montanhas e uma chuva fina e peneirada cahia sem rumor, enlameando as ruas sombrias, quasi desertas.

A's seis da tarde estava eu na chacara do amigo, que me abriu a porta, mal comprimira o botão electrico.

—Que deliciosa surpresa — exclamou Tiburcio abraçando-me com effusão — Quando chegaste?

—A's duas horas. Fui deixar a bagagem e... aqui me tens...

—Muito obrigado, meu velho. Tu és a joia dos amigos...

É conduziu-me a sala de espera, um ninho de conforto e arte, immerso na penumbra.

—Minha mulher — disse-me elle, indicando um corpo indeciso, esguio e molle recostado no sofá de velludo carmezim.

Avancei hesitando; e, mal os meus olhos curiosos distinguiram a cabeça que emergia das ondas de rendas do amplo roupão de flanela creme, resmunguei horrorizado:

—Tua mulher?!...

Ella se mexeu como uma cobra preguiçosa, estendendo a mão fina e alva que parecia mão de cadaver; mas, em vez de hirta, gelada, encontrei-a macia e morna. Basta rodilha de cabellos muito lustrosos e negros enquadra-lhe o rosto oval. Sob a arcada dos supercilios, fortemente traçados fulguravam os olhos amortecidos em voluptuoso cansaço. O nariz fino e comprimido parecia haurir, dyspnetico, um perfume imperceptível.

—Já lhe queria muito — murmurou ella, retendo a minha mão.

A voz lhe saia da bocca breve e corada, em melodioso tom grave, algo rouco.

Percebi que Tiburcio me observava sorridente, sofrego por surprehender a minha impressão.

—Tiburcio não cessava de falar-me do senhor... Cheguei a ter ciúmes... — E' o melhor dos amigos — repliquei para dizer alguma cousa, para furtar-me ao embaraço, em que me enleirara, absorto na contemplação d'aquelle rosto, que lembrava as mysticas e suaves cabeças de Henner. Lamentava com magoa a treda sorte do amigo Tiburcio, o naufragio das theorias do estheta, inimigo de mulheres magras, amarrado para sempre áquelle espectro. Como devera soffrer o pobre homem, tão duramente castigado, se não houvera renunciado ás suas theorias!...

Ao annuncio do jantar, Eudoxia ergueu-se dolorida, com esforço. Não era muito alta, mais excedia á craveira das encantadoras mulherzinhas da nossa raça. Sob as longas prégas do roupão de flanela creme, profusamente ornado de rendas subteis, se advinhavam em vago relevo os seios, os quadris e a ligeira saliencia do ventre fecundado, augmentando-lhe o diametro da cintura de abelha. Moveu-se, andou, deslisou como uma sombra em graciosos movimentos felinos, e offereceu-me o braço com gestos de espontanea meiguice.

Tiburcio registava, sempre sorrindo, o meu estupor ao lado d'aquella creatura morna, feita de arminho, toda macia e malleavel, rescendendo uma essencia subtil e capitosa, que me electricava.

* * *

Durante o jantar, o appetite do meu estomago torturado pelo intragavel cardapio da mesa de um vapor nacional, sopitou o meu acanhamento.

Servindo-me com carinho delicadas iguarias de gente sobria, Eudoxia conversou adejando sobre varios assumptos; pediu-me impressões de costumes exóticos, da viagem ao Norte, discordando de mim, ás vezes, reprehendendo-me com fingido amúo, quando eu arriscava algum paradoxo. Ao terminar o jantar eramos como velhos camaradas. Eu já achava o espectro de mulher amenisado com evidentes traços de humanisação, classificando-a um mixto de phantasma e feiticeira, tal era o encanto irresistível de suas maneiras expontaneas, o effeito magico de sua voz cantante.

—Tenho aqui — pensava eu — uma prova das minhas theorias. A fórmula nada vale; mes o Tiburcio sempre affirmou convicto, irreductível que não bastam attributos moraes para contentar o amor, que é carnívoro.

—Muito bem — exclamou Eudoxia, ouvindo tilintar a campainha. — Vou ter com as minhas amigas. Os senhores ficam fumando. Permitto ao meu maridinho o abuso de um charuto, um só... E' verdade... la-me esquecendo de servir-lhes o hydromel.

Eudoxia despejou em dois minusculos copos cinzelados um licor de topazio diluido; e, fisingando com uma pinça de prata pequenos cubos de crystal, immergiu-os no fulvo liquido, sorrindo quasi sarcastica, como se propinasse um veneno.

* * *

—Então — inqueriu Tiburcio — quando a esposa desapareceu. — Que dizes da minha escolha?...

—Gosto não se discute... — respondi com proposito de o contrariar.

—Vamos, franqueza de amigo... Que te parece a minha adorada Eudoxia?...

—Tem muita graça... maneiras distinctas... elegantissima...

—E... quanto ao physico?...

—Tu eras inimigo feroz das mulheres magras... eras cultor apaixonado da fórmula, fetichista da linha, da côr... Ora, é forçoso affirmar que Eudoxia não concretisa o teu ideal...

Indifferente á minha insinuação, Tiburcio continuava a sorrir.

—Olha — tornou elle — esqueces o hydromel. Á tua saude!...

Levei, machinalmente, o copo aos labios e o repelli, violentamente, como se provasse o toxico da feiticeira, que hallucinára o meu desgraçado amigo.

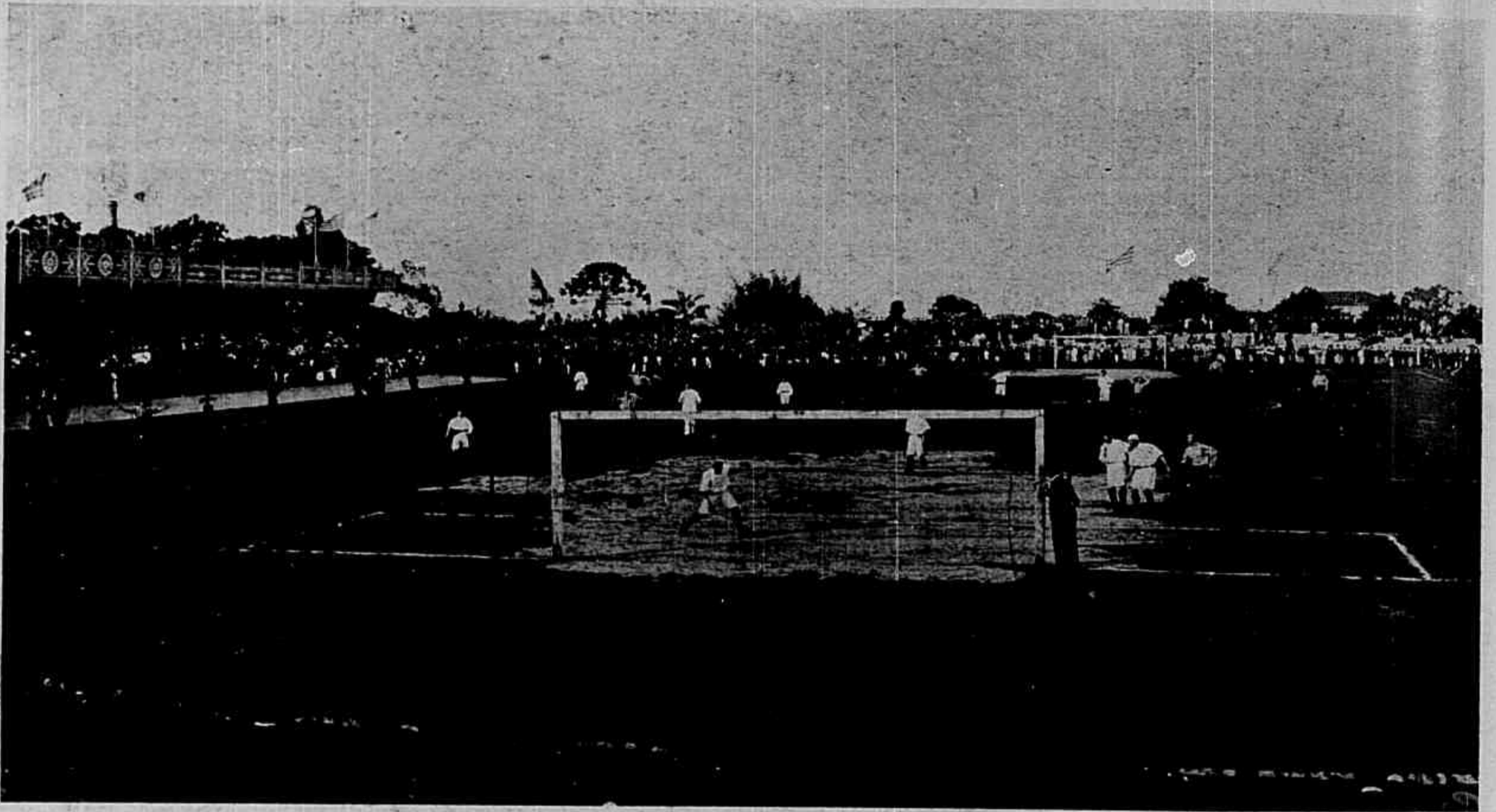
—A primeira impressão é essa — observou Tiburcio. — Bebe mais; sorve-o aos goles, como se deve beber o hydromel.

Para me animar elle esvasiou, lentamente, o seu copo, e ficou num extase de goso saciado. Segui-lhe o exemplo. O licor tinha um sabor amargo, depois se aqueceu como oiro candente sem queimar, transformando-se num elixir delicioso, quando os meus labios tremulos tocaram os pequeninos crystaes quasi derretidos. D'essa exquisita e suavissima sensação arrancou-me Tiburcio exclamando submisso:

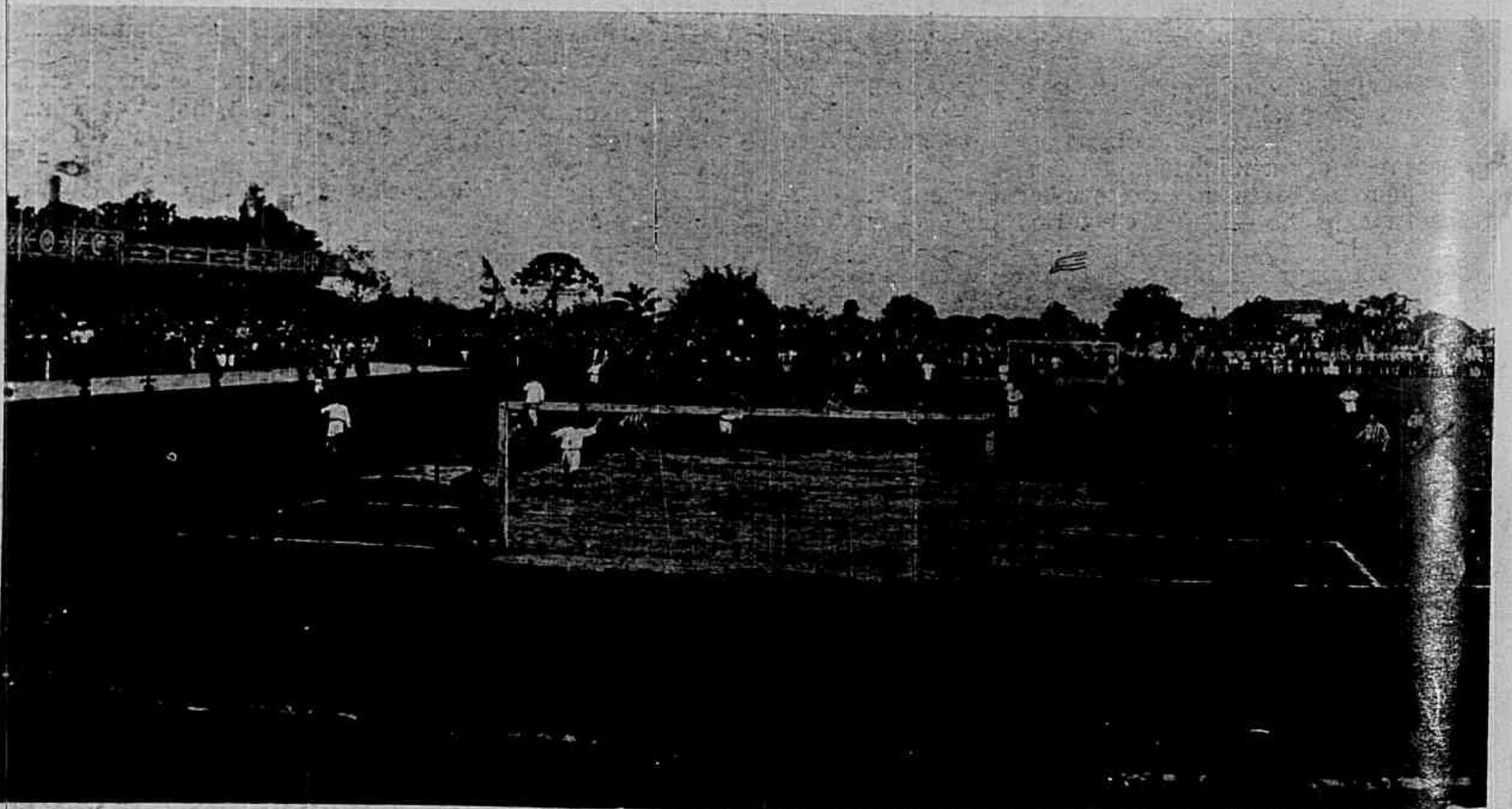
—Tinhas razão, meu caro amigo. A mulher amada não é o que os olhos vêm; não é a linha; não é a fórmula; é o diamante escondido nas entranhas da terra; é o hydromel, cujo sabor magico está nos purissimos crystaes, ignorados no fundo da taça.

MATCH ENTRE O CLUB ATHLETICO PAULISTANO E SÃO PAULO ATHLETIC CLUB

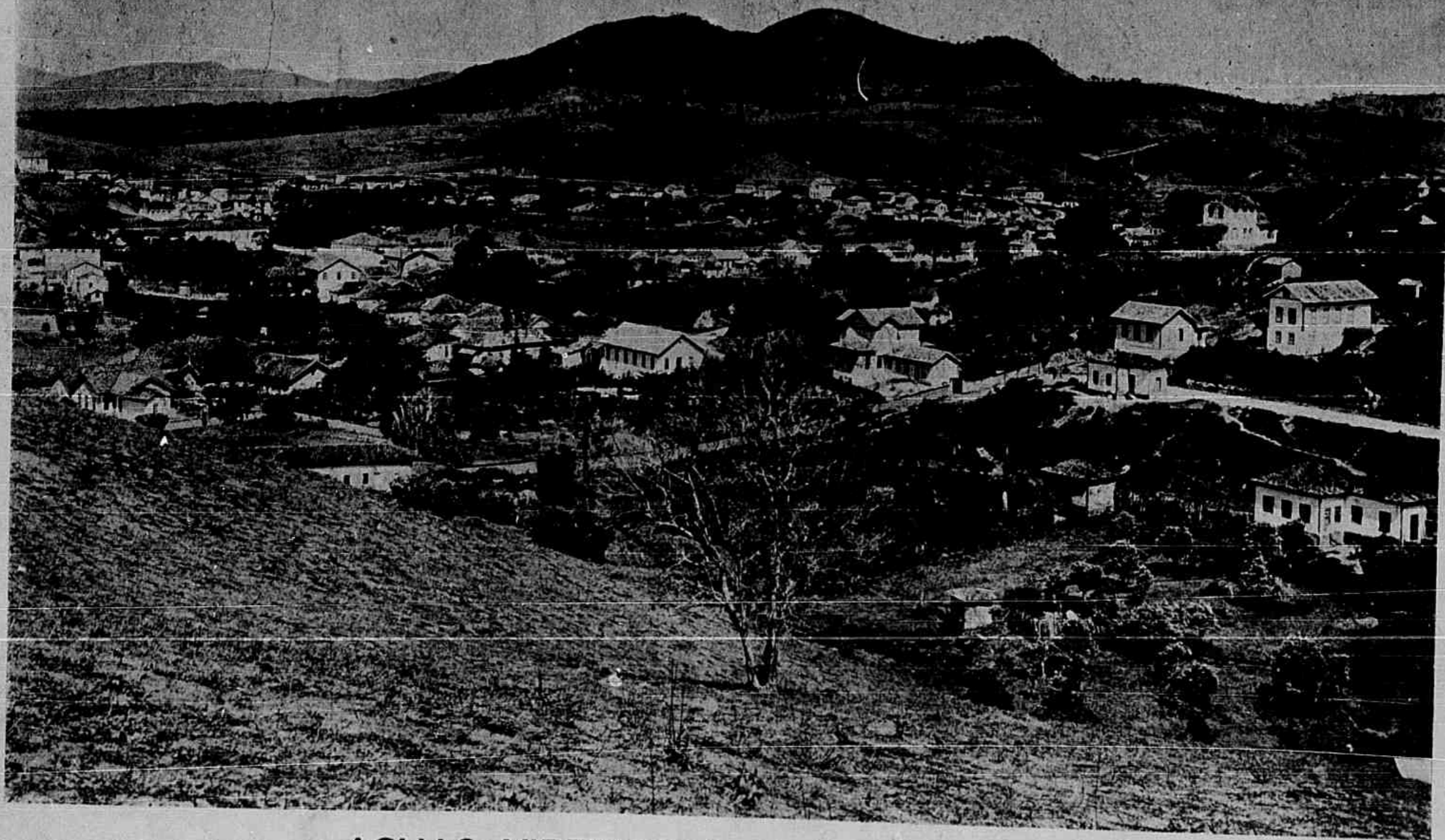
TAÇA - 1904



GOAL FEITO PELOS INGLEZES



GOAL FEITO PELO PAULISTANO



KOSMOS

AGUAS VIRTUOSAS (LAMBARY) MINAS

O Monumento de Goethe em Roma

O monumento de Goethe, inaugurado recentemente em Roma, eleva-se grave e magestoso, na brancura do seu marmore escolhido, entre o arvoredado da historica Villa-Borghese.

E', certamente, muito superior ao de Victor Hugo, cujo modelo em gesso, á espera de marmore definitivo, se inaugurou no jardim da Villa Medicis, onde reside a Academia de França, por occasião da visita do Presidente Loubet á Capital italiana. Com mais razão, sem duvida, que o poderoso poeta da *Lenda dos Seculos*, em cuja obra tão vasta pouca ou nenhuma influencia esthetica da Italia se logra discernir, está eternizando assim o progenitor glorioso de *Fausto* e *Werther*, o intellecto omnimodo e quasi illimitado que sonhou a união da antiguidade com a alma moderna, o genio allemão que considera a data da sua entrada em Roma como a do seu segundo nascimento, e de Roma falou sempre, até as tardes de extrema velhice, como de um novo paraiso terrestre. Breve, espera-se, virá fazer-lhe companhia Shakspeare, esse rival de Deus na criação de um mundo, que da Italia tomou a inspiração para muitos dos seus mais fortes e mais celebres dramas; já que é idéa quasi triumphante a de honrar em Roma, metropole do universo culto, aquelles poucos vultos supremos que nos dominios do espirito humano occupam as mais altas culminancias da poesia.

A Villa-Borghese foi optima-mente escolhida para morada do monumento de Goethe; pela amplitude, pela situação elevada, pela riqueza dos bosques e das fontes, é uma das mais bellas de Roma; o nome que tem a torna uma das mais famosas; e ainda melhor que o nome, a opulenta galeria de quadros e estatuas que nella existe. Goethe se sentirá muito bem, seguramente, nesse asylo de frescura e sombra tão frequentado por pares amorosos, na visinhança das obras dos artistas antigos e dos seus grandes emulos da Renascença, que elle com tanta penetração, com tanto fervor, soube comprehender e admirar.

O autor do monumento, que foi offerecido á Cidade de Roma pelo Imperador Guilherme II, é o já celebre esculptor allemão Eberlein. O trabalho esplendido

embora não isento de defeitos e desigualdades, como em geral se nota nas creações de Eberlein (*) confirma a justiça da sua crescente reputação. Todavia, ao lado de applausos entusiasticos, tem excitado criticas acerbas e injustas. Entra nisso por muito a facilidade revoltante com que os profanos, os chamados *mundanos* em especial, sentenciam em tom magistral e dogmatico sobre cousas que não entendem e que nem tiveram tempo de examinar, cuidando destruir assim com um breve gesto concepções que consumiram annos de vida e labor. Eu acho que antigamente havia mais lucidez e segurança no criterio esthetico geral; sabia-se apreciar melhor a obra

(*) Sobre Eberlein publiquei um estudo no «Jornal do Commercio» de 22 de Maio d'este anno.



MIGNON E O HARPISTA

de arte, e era mais facil o accôrdo nesse sentido entre a maioria da gente: por que os artistas julgavam segundo a competencia e a experiencia adquiridas, e o povo segundo a natureza. Hoje quasi todos pretendem julgar por theorias precipitadas e mal aprendidas, ou snobismo. A *meia-cultura* moderna acabou com o que havia mais espontaneo e sincero na humanidade! E a maior responsabilidade d'esse desastre cabe aos jornalistas...

Precisamente jornalistas sem preparo sufficiente foram dos que mais sôffregos se metteram a *demolir* o monumento de Gœthe. Alguns artistas *italianos* os ajudaram nesse mister, em parte por que não comprehendem o talento germanico de Eberlein, em parte — parece incrível! — por mesquinhos ciumes nativistas; aborreceram-se porque o Imperador encarregou do monumento o *seu* escul-

ptor official, em vez de o confiar a um d'este paiz... Esses, porém, deviam ser cautelosos nas suas palavras, sobretudo diante dos estrangeiros: pois bem se lhes poderia responder que, na verdade, para que Roma tivesse um bello monumento *moderno*, foi necessario que um allemão o fizesse!...

Deixando de lado toda a especie de exagerações, procurarei, ajudado pelas photographias que o *Kósmos* reproduz, dar uma impressão serena sobre a nova obra de Eberlein, relevando as qualidades que a distinguem, e as restricções que é justo oppôr-lhe. A linha geral do monumento é bella, robusta e harmoniosa; de qualquer ponto de vista que o espectador se colloque, os contornos attrahem e satisfazem os olhos. Outro dote ainda mais excellente que cumpre louvar é a unidade *moral*,

por assim dizer, de todo o conjunto. O monumento é bem concebido, fortemente ligadas as suas partes, e a mesma seiva de vida corre por todo elle, como por uma arvore de varios e vigorosos galhos. Está ahi, em verdade, um hymno de pedra: Eberlein é poeta de merito, os seus versos são apreciados na Allemanha; é além d'isso, como artista, um homem de pensamento, e revelam-nos as suas creações capitaes, ricas de complexo e pujante symbolismo. Um esculptor sem taes qualidades não seria apto para bem executar o monumento de Gœthe.

Alguns detalhes de mau gosto, porém, enfraquecem aqui e ali a optima impressão geral. O capitel composito que serve de pedestal é mal escolhido, embora acuradamente trabalhado quanto á technica. D'esse capitel sai, por traz da figura do Poeta, um tronco ou uma lasca de carvalho: porque e para que? Se de ter tomado por pedestal um capitel (podia ser *outro* capitel, comtudo) o artista se justifica, a meu ver com razão, por haver querido representar o Poeta, moço, na idade em que veio a Roma, contemplando de entre fragmentos antigos a Cidade eterna (e de facto, pormenor que poucos talvez notaram, pedaços de cornijas, frisós e columnas jazem ao acaso junto aos diversos grupos de personagens), essa razão historica e realista torna incomprehensivel o carvalho sem folhagem, brotado não se sabe como, em cima de uma pedra lisa. Mas ha outro motivo mais sério para condemnal-o: é ser elle muito feio e desgraçoso ali. Censuram alguns na figura do Poeta a



IFIGENIA E ORESTE

cabeça um pouco pequena demais; é de ver que nisso Eberlein se cingiu á conhecida tradição grega. Censuram-lhe outros a sua expressão de grande serenidade; não sómente, porém, a serenidade é um dos attributos typicos de Gœthe, mas parece-me boa norma esthetica esta — que quando os grupos lateraes de um monumento se distinguem por attitudes fortemente apaixonadas, a da figura central deve, quanto possivel, ser nobremente calma.

Ora, os grupos lateraes aqui estão nesse caso. São todos tres formosissimos. Vêdes *Mignon e o Harpista*. Notareis, talvez, uma certa idealisação. Mas, como Eberlein me explicou, nesta *Mignon* e nesse *Harpista* não quiz elle reproduzir restrictamente, pessoalmente, as duas creações celebres do *Wilhelm Meister*: deu-lhes maior amplitude e maior significação symbolica: em *Mignon* representou a *feminilidade* joven, melancolica e saudosa, no *Harpista* a tristeza da Poesia numa alma ciclica; de facto, *Lothario* aqui tem a classica physionomia de *Homero*. Mas, naquella imagem de menina e moça, tão pura e suave, que a seu lado se levanta, com os olhos perdidos no infinito, não ha uma pungente suggestão de nostalgia, e não parece que lhe vai voar dos labios a immortal canção:

«Conheces o paiz onde o limoeiro cresce...?»

Do outro lado vêdes *Ifigenia e Oreste*. Na primeira, além da notavel belleza plastica da mulher, observa-se o gesto maravilhoso, inexcidivelmente caracteristico da sacerdotisa na tragedia antiga que Euripedes tratara e Gœthe renovou com genio talvez maior. E' essa a dor grega, a dor sagrada, a dor humana diante da Fatalidade inexoravel e divina. No irmão que se lhe dá a conhecer, que esconde a cabeça no seu regaço, como a fugir ás Fúrias que o perseguem, e ao remorso do horrendo matricido, ha que admirar a energia do movimento e a modelação magnifica de quem longamente tem estudado e amado Miguel Angelo.

Emfim, o terceiro grupo representa *Fausto e Mefistofeles*.

Ambas as figuras são vigorosas e euristicamente combinadas. A expressão do Demonio ali parece-me porém, exagerada. E' antes a do Diabo das lendas medievas, ululante e repugnante, que a do Tentador creado por Gœthe, espi-rituoso, ironico, sceptico, cynico, e, apesar de tudo, muitas vezes quasi sympathico... Além d'isso, por que representou Eberlein o *Fausto* na velhice, quando já lhe puzera tão perto o *Harpista* na mesma idade, tanto que as duas estatuas se parecem e causam uma impressão de monotonia? E porque excluiu do monumento o

doce typo tão humano, tão commovente e poetico de *Margarida*, a mais popular das creaturas de Gœthe? Assim, nessa glorificação da obra do grande allemão, falta absolutamente o *Amor*, que nella tem tão larga parte. O monumento ganharia cento por cento se no terceiro grupo vissemos *Margarida e Fausto*, ambos jovens, beijando-se na scena immortal do jardim de Martha, ou despedindo-se angustiosamente na lobrega tristeza do carcere. A omissão dos dois amantes eternamente vivos na memoria das gentes é que constitue a meu ver o mais grave defeito do monumento, defeito insanavel — e imperdoavel, cumpre dizel-o, sobretudo a Eberlein, a um artista que, como já observei, além de esculptor, é poeta de merito e homem de pensamento.

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO. ✓

Roma, 21 de Setembro de 1904.



FAUSTO E MEFISTOFELES

CANTO REAL

Rígida, heril, soberba, numa altura
Inaccessível quasi, ergue o frontal
Para o azulado céo, sua moldura
Única, para o resplendor astral,
A cidadella em mármore rozado!
Sinistramente fulgem pelo eirado
De esguia e branca torre de marfim
As almenaras, sobre as quaes, por fim
Fluctua, ovante, num deslumbramento,
Longo, escuro, luzente e de setim
O augusto pavilhão largado ao vento!

Chegam conquistadores na planura:
Passa um pennacho de elmo e côr de um brial,
Ora o fulgor de esplendida armadura,
Ora um broquel de ouro polido! Qual
Fero, arrogante em seu arnez dourado,
Qual, cavalgando rapido, estribado,
Com alta lança, e em alto, aureo sellim;
Esse de pique, aquelle de espadim...
Todos olhando com desvairamento
A cidadella em que revôa emfim
O augusto pavilhão largado ao vento!

Um, animado de vontade impura,
Obedece ao espirito do mal;
Outro, só por audaz desenvoltura,
Por um capricho, ou por inveja tal
Que, em se julgando um bem-aventurado,
Fátuo, vem affrontar o duro Fado!
Este o suborno tenta com o sequim,
Esse, emboccano o estridulo clarim,
Deseja impor-se pelo atrevimento...
E indifferente ao estúpido motim
O augusto pavilhão largado ao vento!

Impassível a tudo, luz, fulgura
A cidadella com seu porte real!
Um halo iriado cinge-lhe a estatura
De claridade sobrenatural!
A multidão de um lado e do outro lado
Supplica, pede, e clama iroso brado...
Mas como a vis frechadas um fortim,
Como a Lua aos ladridos de um mastim
Serena e linda pelo firmamento,
Se desdobra, sereno e lindo assim,
O augusto pavilhão largado ao vento!

Por entre a turba que paixão escura
Move, por entre o embate sem igual
Em que, cada Senhor, tão só procura
Derrubar a prosapia do rival,
Um Poeta chega, o olhar alevantado,
D'Alma tirando um canto soluçado,
Lyra ornada de cravo e de jasmim...
Chega e vê acenar-lhe no confim
Do horisonte, com desvanecimento,
Como uma aza de estranho Cherubim,
O augusto pavilhão largado ao vento!

OFFERTA

Noiva, sem ouro ou arma no talim,
Por te vencer de muito longe vim
Só com o do verso melodioso accento...
Minha! E soltas a coma sobre mim:
O augusto pavilhão largado ao vento!

J. M. GOULART D'ANDRADE.

São José

(LEENDA CHRISTAN)

(A R. B.)

I



o velho cura morava na aldeia, e só muito raramente, com mais sacrificio do que esforço, arrastava a sua velhice pachorrenta e a sua discreta virtude até o borborinho da grande cidade tão cheia de fortuna e de miseria, eternamente escabujando no volutábrio do vicio. Chamava-se Bernardin, e era um homem de altura mean, quasi gordo, com um ar sadio de campo, olhos pequeninos e claros, cabellos brancos e faces ainda de punicea cor, onde começava a sulcar o valle das rugas.

A sua casa no campo era o certo abrigo dos pobres, porque nunca lamento ou supplica, somno, tristeza ou fome tinham ficado esquecidos á soleira como cães sem dono e sem destino. A amigo ou estranho, era sempre de bom rosto que o velho dava pouso. Era uma singela casa no meio de um tosco jardim onde chorava a múrmura e sonora queixa de um regato; e esse regato era de certo a unica lamentação que repetidamente passava á sua porta. Na primavera as flores perfumavam toda a casa; brancas santas e alvos santos de gesso e de marmore surgiam do oratorio durante os tres mezes da suave estação, como flores nascendo de flores; no inverno, quando o céu era griz e os caminhos eram brancos, á bocca do seu calorifero vinham os pobres aquecer-se do rude frio.

O doce Bernardin, homem simples e bom, sem a enredada sabedoria dos magnos sacerdotes, sem largos vôos de imaginação, pouco se aprofundára em dogmas e conceitos; cumpria fielmente as leis de Jesus com a mesma facilidade innocente com que um fructo sae de uma flor. Assim, não maldizia porque de ninguem se queixava; era esmolér porque se condoia de quem era pobre e tinha fome; não mentia por ignorar que outra coisa além dos beijos e da verdade podesse poisar em humana bocca,—nem mesmo as abelhas que esvoaçavam em torno dos labios de Platão; não praguejava porque de nada serve a blasphemia; não odiava porque todos o

amavam; era casto porque tinha bons pensamentos. Lera pouco durante a longa existencia; sabia que no principio Deus creou o céu e a terra, depois separou a luz e a treva... Não conhecia historias de raças e de conquistas, nem chronicas de guerras religiosas, nem falsidades e manhas d'inimigos. A Inquisição com todos os supplicios e todas as victimas era uma especie de lenda para amedrontar os atheus, assim como o papão era uma fantasia para intimidar as creanças; o Papa era um padre muito santo e muito sabio que morava em Roma; Roma era uma cidade visinha de sua França. Com o latim do Seminario dizia missa, fazia citações ao amigo pharmaceutico, pregava ás vezes no pulpito e ensinava declinações e conjugações: *ancilla—ancillæ; fero, fers, tulli, latum, ferre...*

Gostava de passar bem porque dizia que não era santo; e quando sentado á mesa, com a porta aberta para quem tivesse fome e quizesse entrar, tendo dado esmola e distribuido pães (mais pão do que conselhos), orava e acalmava o estomago com o pão que é o corpo, com o vinho que é o sangue de Jesus, muitas vezes pensava:

—Coitadinha de São João que comia gafanhotos!...

Era tranquillo e meigo; qualquer soffrimento lhe causava pena, para toda esturdia encontrava uma desculpa, e para os crimes tinha sempre um perdão.

Certa vez, numa tormentosa noite de inverno, quando lá fóra cahia o gelo e rugia a furia do sudoeste degladiando as arvores núas, elle deitado, accommodado começava a dormir; de repente escancarou-se a porta e entrou pelo seu quarto um homem todo coberto de sangue e de medo.

—Meu Padre!

—Que é, filho?

—E o assassino tremendo como si já estivesse deante da machina sinistra e fatal da guilhotina:

—Matei meu irmão!

O Padre Bernardin olhou-o, mal comprehendendo as suas palavras loucas.

—Teu irmão?

—Sim, meu irmão!

Com uma infinita calma e uma suave ternura, o velho sacerdote accrescentou:

—Que horrivel crime, meu filho! Deus te perdõe!

Persignou-se,—e como tinha somno continuou a dormir.

Toda a aldeia o estimava; havia moças que baptisára e casára; quando sahia, já se apoiando a um tremulo bordão, as mulheres vinham dos casaes á porta, á espera de sua benção, e elle passava sem se apressar e sem se admirar, como si estivesse em casa ou como si a aldeia fosse a continuação de sua casa. E quantas vezes, quando havia lua no céu, as creanças se reuniam á sua porta, e o Padre, ingenuo e bom começava com a sua voz repousada e tranquilla:

—Era uma vez uma camponeza que se chamava Joanna...

II



Foi nos primeiros dias de Fevereiro que uma vez, por uma tarde fria, quasi á hora da noite, um homem pobremente vestido de calça e blusa, com uma especie de gorro de operario, entrou em casa do Padre Bernardin. A classe terminára. Bernardin estava só no seu quarto, quando duas pancadas discretas resoaram á porta. Tão habituado estava o Padre a todas as visitas, que nem de leve se admirou, e calmamente disse:

—Entre!

O homem tão modestamente vestido de marceneiro penetrou no seu quarto.

—Meu Padre, eu sei que vae amanha á cidade, e lhe venho pedir um favor.

Tanta doçura havia nas palavras do desconhecido, tanta certeza, tão amavel e boa era a sua physionomia, que o velho sacerdote teve a exquisita vontade de lhe beijar as mãos.

—Mas como soube que eu vou amanha á cidade?

O carpinteiro tirou o gorro, passou a mão pelos cabellos e pela barba castanha, e falou com uma voz persuasiva:

—Não lhe posso dizer ao certo como tive noticia de sua visita amanha a Paris; mas o que é verdade é que ha mais de quinze dias eu ando á sua busca para lhe pedir a graça a que vim. Sempre, infelizmente tem havido desencontro entre nós; aqui estou, porém; e mesmo que o Padre quizesse adiar a viagem, é tão caridoso o que lhe vou pedir, que certamente accederá á obra de tanta misericordia e caridade!

—Fale, irmão!

—Depois de amanha é o Carnaval; é a loucura da embriaguez e da orgia. N'um dos centros mais populosos e vergonhosos da cidade móra uma pobre peccadora que ha seis mezes definha, vencida pelo mal terrivel da tuberculose. A casa em que habita é muito mais que suspeita; desde Janeiro até São Sylvestre estrebucha entre as quatro paredes uma horrenda bacchanal; é lá a reunião dos vadios, dos alcaiotos, dos companheiros do vicio, dos sodalicios da orgia. E' a villança da intelligencia e do character, a pandega pulha e ignobil de bordel e de taverna! A creatura de que falo muito me interessa; parece-me que no matto, descobri um remedio que si não é cura, é ao menos um alivio ao doloroso mal dos pulmões. Mas me diga, irmão: eu, um pobre carpinteiro posso entrar assim de blusa, sem chamar a attenção numa casa de tanto peccado e tanto luxo? O meu amigo é um sacerdote; e para que não desperte

suspeita, quando levar o remedio ouvil-a-á em confissão, pois a creatura, enfermiça ha muito, anda agora a morrer. Bastará que chegue á sua casa ás dez horas da noite, quando os rapazes e as mulheres sahirem em algazarra para o ruido do Carnaval. O seu quarto é no segundo andar, n'um corredor, terceira porta á esquerda. Vá, meu irmão, e fique certo de que faz uma grande obra de caridade. Vá, ella o espera!

E o marceneiro deu a rua e o numero da casa.

Com tanta firmeza elle falára que o Padre não pensou em pôr a menor objecção; apenas com um sorriso que a tristeza severisára, indagou:

—E o remedio que lhe devo dar, onde o encontro?

Quedou-se alguns instantes pensativo com o sobrececho carregado o desconhecido; parecia que uma grande magua lhe lancinava a alma; por fim, murmurou:

—Irmão, ella já está desenganada pelo medico!

—Sim, mas o seu remedio descoberto no matto?

O carpinteiro meneou a cabeça negativamente.

—E' inutil levar-lhe remedio! Vejo que é tarde! Leve-lhe a extrema-uncção!

Bernardin curioso ainda perguntou si elle a vira ultimamente.

—Não, eu nunca a vi!

Até hora alta da noite os dois homens conversaram; um do outro se agradara na simplicidade que os fazia parecidos; e era tão sympathica a convivencia dos seus espiritos que nem um reparou na madrugada que vinha nascendo no céu...

III



Paris estava no deslumbramento da festa louca. Explodiam por toda parte orchestras de assovios, faiscavam

illuminações, retumbavam clamores de orgia. Já passavam os grupos para os bailes numa ruidosa algazarra a que se sentia o vinho. Era o dominio do regabofe e da troca, da pandega desconjunctada, da pilheria, da chalaça, da chacota, da laracha, do insulto mascarado a que se chama geralmente espirito... Passavam *pierrots*, arlequins, *clowns*, dominós; todo mundo tinha uma physionomia mais ou menos mascarada; tilintavam guizos, sacodiam-se canções lascivas de bordel. Era o Carnaval. Era a intriga elegante para a gente fina, era a pilheria boçal para os rudes; eram os vinhos de Champagne para os ricos e *clubmans*, era a agua-ardente para os pobres e goliardos. Para muitos era a verdade. Vinham os grupos e os carros de todas as ruas e penetravam ruidosos nos *boulevards* festivos. A grande, a gloriosa, a immortal cidade parecia toda entregue á momice e á graçola do estruendo. Onde estava o grande cerebro de Paris produzindo por centenas de edições, em milhares de brochuras a seiva fecunda do seu grande espirito pelas artes e pelas sciencias? Onde os cursos em que se aprendem todos os conhecimentos do saber humano, em que se prevêm todas as hypotheses, em que se investigam todas as causas, e se determinam todos os efeitos? Paris descansava; o Carnaval se estendia sobre a opulenta cidade como um grande polvo que abre os tentaculos...

Cahia a neve; choviam polychromias de *confetti*; e pairava no ar um cheiro de harém, e subia no espaço um perfume de absyntho...

As dez horas da noite, de uma casa da rua des *Petitits Correaux* sahiu um grupo alegre de mascarados e mascaradas; carruagens se approximaram; houve uma grulhada de vozes, uns risos e uns gritinhos nervosos, um ar de coxixo e segredo que ha sempre entre mascaradas para que toda gente saiba que elles se conhecem entre si; depois um ajuntamento de curiosos, e os carros partiram. Aquelle trecho da rua ficou por um instante silencioso; nesse momento, um carro modesto parou; desceu o Padre Bernardin acompanhado pelo acolyto, e os dois entraram na casa d'onde haviam partido os mascarados. Defronte, um homem de blusa de operario e que parecia um marceneiro, rondava.

IV

O velho Bernardin sentiu-se contrafeito ao penetrar naquelle corredor, ao subir aquella escada onde pairava um ar de mysterio e de orgia, onde havia pouco roncavam deboches e bebedeiras, onde passaram homens sem fé e mulheres semi-núas, e onde elle entrava agora com Jesus-Christo para dar a extrema-unção a uma moribunda. Mas lembrava-se das palavras do seu visitante: «Ella o espera!» Ella o esperava; mas onde? Todas as

salas estavam vasias; por toda parte, em vez de remedios, jaziam garrafas esgotadas de vinhos. Seus pudicos olhos surprehndiam interiores deshonestos de alcovas lascivas... O acolyto lembrou que era no segundo andar, terceira porta á esquerda. Subiram uma nova escada, chegaram ao corredor; mas pairava o mesmo silencio, descansava o mesmo abandono. O velho padre estava receioso; temia que entrasse alguém e o visse conduzindo o Salvador áquella casa de peccado e de vicio! E si voltassem de repente aquellas mulheres e aquelles homens? De certo o desrespeitariam, tontos pela loucura da bebida e do Carnaval. Foi com uma vaga esperança de fugir áquella casa sem fé e sem Deus, que elle disse ao companheiro:

— Parece que nos enganamos! Não ha ninguem na casa!...

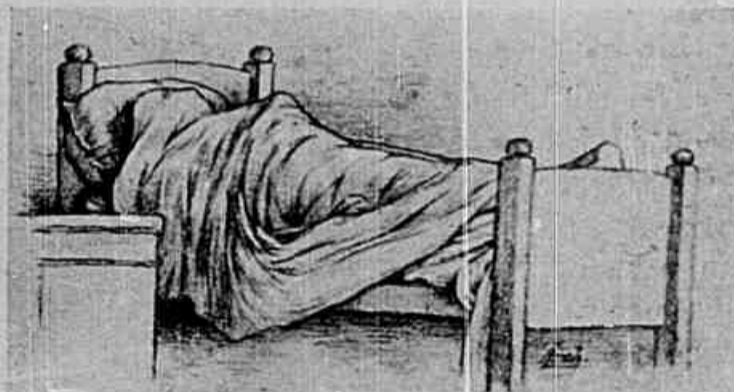
Mas este não respondeu: com a mão em concha sobre a orelha, parecia ouvir attentamente.

— Que é que fazes?

— Não está ouvindo um rumor que parece um gemido?

Effectivamente aos ouvidos do Padre chegavam agora uns dolorosos e abafados ais. Encaminharam-se mais para a porta, e bateram de leve; ninguem respondeu; outra vez, com os nós dos dedos, Bernardin de mansinho fel-a resoar; tambem não houve resposta, mas aos dois amigos pareceu que o sussurro cessára. Por fim o rapaz entreabriu a porta, e o Padre entrou sósinho.

V



Longo tempo durou a confissão.

Quando o Padre abeirou-se do leito da enferma, quando ella o viu, não mostrou o menor espanto nem o mais ligeiro sobresalto; apenas nos seus grandes olhos muito fundos e soffredores, fulgiu rápida e fugace uma scintilla de alegria. O velho sacerdote olhou em volta de si. O quarto era pequeno, mas conservava um luxo atrevido e convencional de velludos e de setins; o leito largo, fôfo, sensual era encimado por um baldaquino de seda vermelha como sangue; e á cabeceira, pregado á parede, um grande espelho reflectia o quadro triste de uma doente quasi na agonia. O Padre que vencêra facilmente a vergonha de entrar naquella casa suspeita, escrupulisou deante d'aquella crystal de serralho, luzente e obsceno, e desviou os castos olhos. Perto da porta um



divan ostentava a sua côr vermelha tambem; havia espalhadas duas ou tres cadeiras largas; o lavatorio estava cheio, transbordando de frascos seccos de essencias e caixas vasias de pó de arroz; ao lado um atril onde descansavam os tres volumes do *Chevalier de Faublas* e uns numeros velhos de *Sans-Gêne*, *L'Indiscret*, *Culotte Rouge*, *La Dame aux Camélias*, e uma historia de Napoleão I; perto da cama estava a mesinha; havia frascos de remedio,—e uma vela illuminava uma pequena e tosca imagem de S. José. Bernardin, com uma voz tranquillada deu as boas noites á rapariga, e indagou solícito:

—Sente-se melhor? Gemia tão baixinho que mal pude ouvil-a!

Ella fez um esforço cansado e murmurou com tristeza:

—Tinha medo de incommodar os que se divertiam! Já hontem quizeram mandar-me para o hospital! Diziam que eu ia estragar-lhes o entrudo... Não me queriam dar um confessor! Mas eu sempre tive a esperanza de não morrer com tanta culpa!

E olhou com um ar devoto para a imagem de São José...

—Pois aqui estou, minha filha, para ouvil-a e perdoal-a!

A pobre creatura ficou com os olhos rasos de lagrymas felizes; e com a voz tremula indagou curiosa:

—Diga-me, meu Padre, conhece-me? Como soube que eu estava doente?

—Um homem que foi á minha casa e me falou do seu estado... Não o conheço; creio que é um carpinteiro.

—Talvez queira fazer o meu caixão...

—Talvez queira salvar-a, minha filha!

Ella contou-lhe a sua historia. Era a mesma de sempre, dolorosa e banal; era a seducção estúpida de um homem covarde; depois da posse vinha o gualdipério immediato; era a primeira quéda no lôdo e na lama do vicio, o espectro da fome apparecendo, e por fim a rendição completa, o aluguel do seu corpo, a prostituição da sua alma.

O Padre escutava-a em silencio, ancioso pela obra da graça e do perdão; ouviu-lhe ainda todos os feios peccados, e absolveu-a. N'esse momento a vela se apagou.

Quando conseguiu de novo acendel-a, reparou com um vago tremor que a estatua de São José tinha cahido, e que a rapariga estava morta...

VI

Muitas horas passára no quarto da moribunda; quando chegou á rua reparou que era hora alta madrugada. Por todos os lados ainda estrugiam gritos alegres de carnaval.

O carro aproximou-se; Bernardin deu um derradeiro olhar á triste casa onde ficára abandonado um cadaver, e entrou com o acolyto para a carruagem. Vinham pela rua carros alegres, illuminados a fogos de bengala; era o grupo de mascarados que regressava. Os animaes fustigados partiram, e elle pensou:

—Ahi voltam os doidos para o cemiterio!...

Para traz não tinham ainda ficado dez metros, quando ao aceno de um desconhecido, a caleça parou. Era o marceneiro; e assim disse:

—Muito obrigado, meu Padre, por ter vindo! Coitada, ella morreu!

Foi só; caminhou e desapareceu na sombra. Mas o Padre Bernardin, dando ordem para de novo partir, pensou que havia qualquer coisa de extranho n'aquelle homem tão pobrememente vestido de operario; pareceu-lhe que havia uma luz refulgente e tranquillada nos seus olhos; e suppoz um instante que em fim aquelle carpinteiro talvez fosse São José...

Rio — 1904.

THOMAZ LOPES.

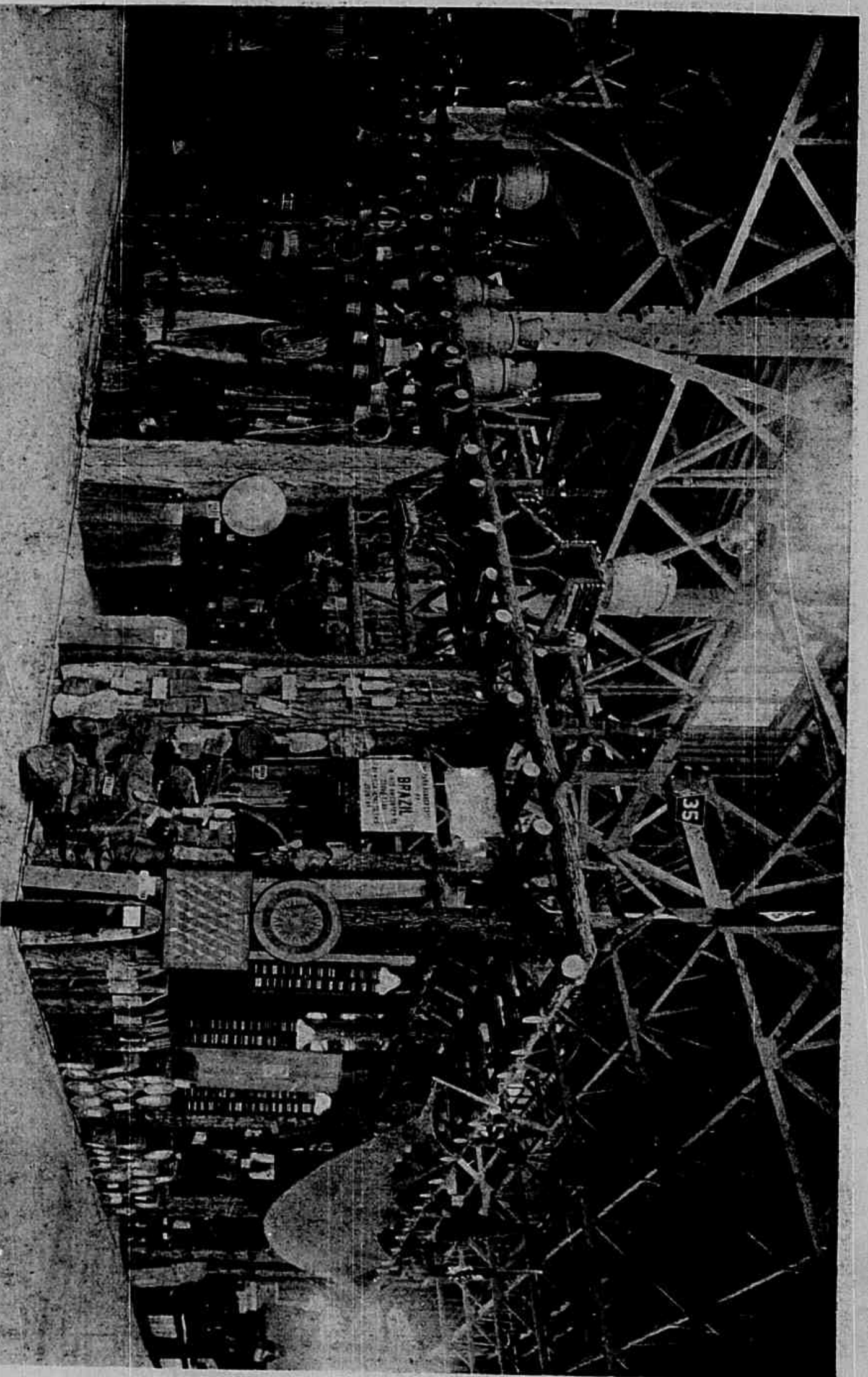
(*Historias da Vida e da Morte.*)



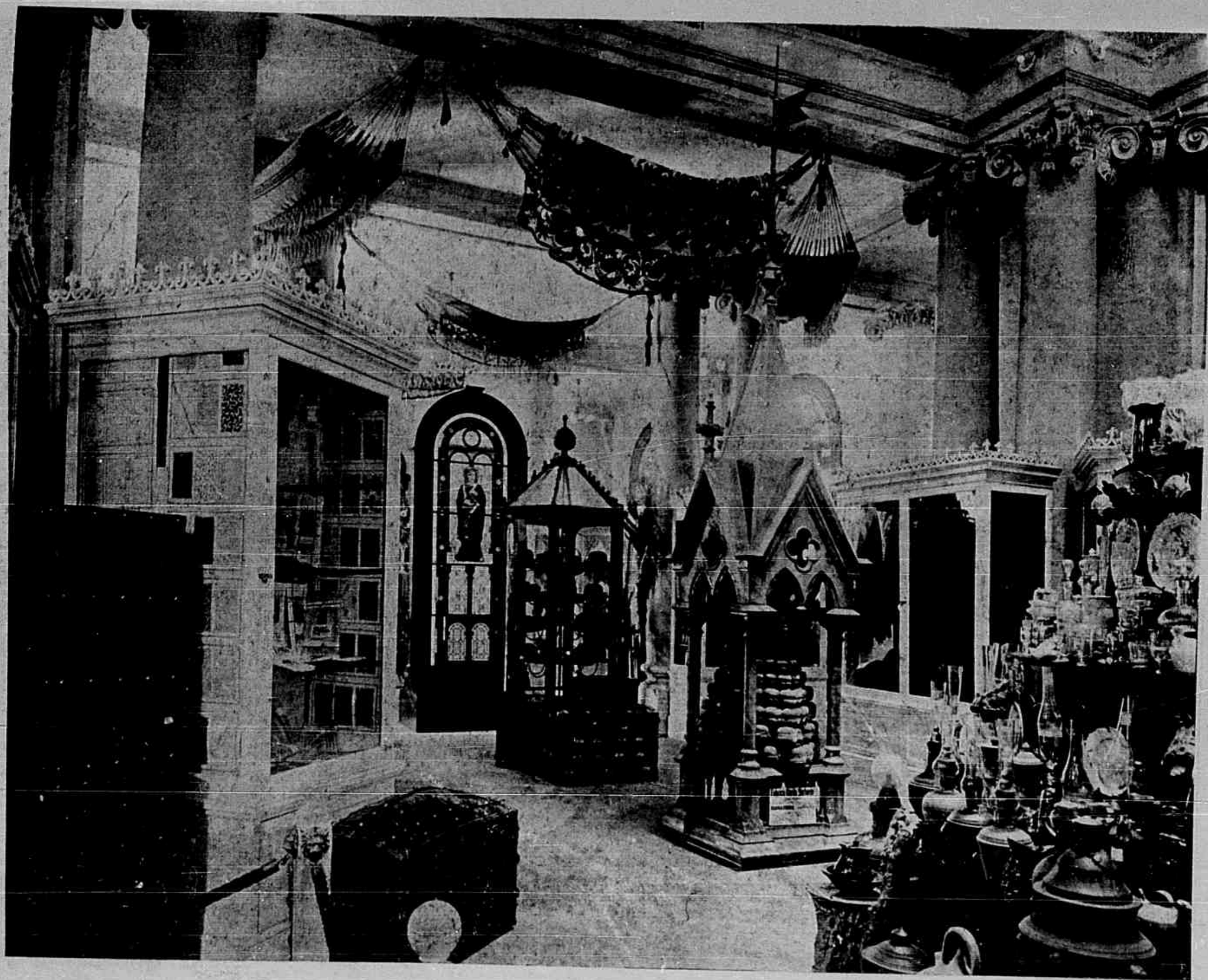
EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE VARIAS INDUSTRIAS



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE FLORESTAS, PEIXE E CAÇA



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE AGRICULTURA



SECÇÃO DO BRAZIL NO PALACIO DE FLORESTAS, PEIXE E CAÇA

KÓSMOS

A AVENIDA CENTRAL

A idéa de romper-se uma ampla arteria através da cidade do Rio de Janeiro surdiu na mente esclarecida e forte do Ministro da Industria, o Dr. Lauro Müller, ao mesmo tempo que da phase de elaboração passava para a realidade o grandioso plano de melhoramentos do porto, obedecendo assim aos elevados e patrióticos intuitos do actual Governo de alliar-lhe trabalhos que viessem aproveitar efficaçmente ao saneamento da cidade.

Localizadas as obras do porto, agora tão auspiciosamente iniciadas, ao longo dos exiguos bairros da Saúde e da Gambôa, que uma cinta de collinas graniticas segrega da grande agglomeração cidadan, apenas permitindo communicarem entre si apertadas gargantas, através das quaes desde as primeiras edificações após o periodo colonial se foram estabelecendo, estreitissimas e angulosas, as ruas da Prainha e da Imperatriz, e posteriormente a da America; e participando da mesma acanhada e vetusta feição as vias que a ellas se ligavam,—imprescindivel apparentava-se a solução immediata do arduo problema de melhorar a viação, no sentido de se dar o mais franco e largo accesso por terra aos valiosos e vastos estabelecimentos commerciaes projectados, ao mesmo tempo satisfazendo aos instantes reclamos da hygiene publica.

A abertura de uma larga rua arborizada por entre os quarteirões centraes da cidade constituiu-se de facto, assim como o prolongamento do canal do Mangue até ao mar, parte integrante do programma de melhoramentos a executar-se com o producto do emprestimo de..... 8.500.000 £, lançado em Londres, em virtude de disposição expressa da lei de meios, e de accordo com o relatório que a illustre commissão de engenheiros, nomeado *ad hoc*, apresentou sobre o magno assumpto, sendo então a execução desses trabalhos contemplada no orçamento geral das obras, com verbas que ascendiam á importancia de quasi oito mil contos de réis.

Passou a grande arteria projectada a ser designada com o nome de «Avenida Central»,—denominação esta por certo provisoria, até definitiva sancção de um nome que mais condiga com o brilho de sua concepção,—para distinguir-se da avenida marginal do novo porto e das que correrão de ambos os lados do canal do Mangue, prolongadas até aos futuros caes.

Achando-se então iniciada pela Prefeitura a realização de um vasto plano de melhoramento da viação e embellezamento da cidade, com o prolongamento da rua do Sacramento, que, já presentemente effectuado, intercepta as ruas longitudinaes da velha cidade até á de Floriano Peixoto, e continuando pela rua Camerino, antiga da Imperatriz, convenientemente alargada, deve alcançar a Praça Municipal, e portanto o local dos novos caes; por outro lado prestando-se a rua da America, em parte excavada no rochedo, apenas para unir a rua de Santo Christo e cercanias com a Cidade Nova, e devendo, porfim, no extremo do projectado caes, ao Norte, ligar-se este com os bairros de Sant'Anna e do Engenho Velho pelas já mencionadas avenidas do Mangue e com a freguezia de São Christovão pelo prolongamento da dilatada rua, que tem este nome, não havia senão o largo da Prainha, no extremo Sul dos logares alcançados pelos melhoramentos

do porto para servir de ponto de partida á Avenida Central.

Lavrado o contracto para a execução dessas obras com a firma C. H. Walker & C., e organizada a commissão encarregada de fiscalizar-o, o digno Ministro da Industria commetteu especialmente ao Dr. Paulo de Frontin, um dos mais conspiciuos membros da commissão, que elaborára o schema definitivo daquellas obras, o encargo de estudar a melhor directriz da grande avenida projectada, tendo em vista não só o elevado fim que vinha preencher e as condições technicas a que deverá obedecer, como tambem o valor das desapropriações dos predios, cuja demolição se tornava necessaria a ser ella rasgada por entre os antigos quarteirões, com a folga imprescindivel para accommodar convenientemente os novos edificios. Pouco depois foi creada a Commissão Constructora da Avenida Central, sendo o Dr. Paulo de Frontin muito acertada e merecidamente nomeado para dirigil-a.

A primeira questão a resolver consistia na determinação da largura da Avenida Central e da feição que a deveria caracterizar. Peneirando através de blocos de compacta edificação e destinada a intensa circulação de vehiculos de todas as classes e ao transito não menos activo de uma multidão de peões, desde logo se inferia que os seus caracteres tinham de assemelhar-se aos dos *boulevards* de Paris, cuja largura total regula ser de 30 metros geralmente, distribuida pela calçada central carreteira e por amplos passeios, ao lado dos predios, cada passeio ornado com um renque de arvores de mediano porte. E' assim não só a incomparavel arteria que se desenrola da Madeleine á Bastilha, vindo substituir os baluartes que envolviam a antiga cidade,—circumstancia esta, donde proveio o nome com o qual ficaram designadas estas bellas ruas arborizadas—; como tambem tem identico character a mór parte das novas arterias, que transformaram radicalmente aquella vasta metropole, como por exemplo o Boulevard Sebastopol, que com o de Strasbourg estende-se em linha recta desde o rio Sena até á gare de l'Est, e possui a referida largura, cabendo 14 metros á calçada central e 8 a cada um dos passeios lateraes. Este é, por assim dizer, o typo classico de avenidas, apropriadas ao intenso transito de uma grande cidade, e posteriormente imitado por muitas municipalidades, sendo interessante para nós aqui mencionar entre ellas a de Buenos Ayres, onde se ostenta com largura tambem não excedendo a indicada, a garbosa Avenida de Mayo, formada com grande dispendio de capitaes pelo ampliamiento de uma das antigas e uniformes ruas que, cruzando-se com outras em angulo recto, dão logar ao systema em xadrez, tão peculiar ás cidades sul-americanas.

A Avenida Central foi dada a largura de 33 metros, cabendo 7 a cada um dos passeios lateraes, ornados estes por uma fila de arvores, distantes 1,25 metros do meio fio, e sendo toda a parte central destinada á circulação dos vehiculos; mas a largura relativamente consideravel de 19 metros da calçada permittiu dispôr de distancia em distancia refugios circulares ou oblongos, de dous metros no sentido transversal da Avenida, com grande proveito não só para a segurança dos transeuntes pedestres ao cruzar a rua, atravancada de carros, como tambem para a ornamentação por meio de motivos decorativos, como sejam columnas de illuminação ou arvores, arranjo este que, no dizer do architecto Camillo Sitte é talvez a invenção mais grandiosa e mais original na arte moderna

de edificar cidades. Quanto a dar á avenida maior largura que a escolhida convem ter em mente que nas circumstancias que aqui se reúnem, cada metro que elle accrescesse, importaria na despeza adicional talvez de oito centos contos com as desapropriações principalmente.

Justifica-se demais plenamente, por considerações de outra ordem, a perfeita conveniencia do typo adoptado. Não se tratava, com effeito, no nosso caso de converter em alamedas, antigas fortificações, como aconteceu em muitas cidades europeas; em Vienna, por exemplo, onde depois de se demolirem os seculares bastiões, que circundavam a cidade interna, após o enchimento dos vallos e a consecutiva edificação dos *glacis*, immensa explanada, que a separava dos populosos suburbios, estabeleceu-se o Ring, a soberba avenida circular com 57 metros de largo, ladeada em todo o seu percurso dos mais bellos specimens da architectura contemporanea; ou em Antuerpia, que póde justamente orgulhar-se de possuir um dos typos mais aperfeiçoados da moderna viação, a Avenue des Arts, a qual desenvolve-se em forma de meia ellipse sobre cerca de quatro kilometros de extensão, com largura de 60 metros, distribuida por uma calçada central de 16 para o transitio dos carros, seguida de duas aléas com duas filas de arvores cada uma e 9 metros de largura, reservadas aos passeantes a pé ou a cavallo, mais duas calçadas para o serviço local dos vehiculos e finalmente os passeios junto aos predios.

Nem tão pouco offerciam-se aqui antigas estradas de rodagem, muito largas e ornadas de altas arvores, ou espaçosos tractos de solo, baldios ou ermos ainda de construcções, velhos jardins, bosques ou propriedades campesinas dos arredores de certas cidades, animadas de forte e progressiva expansão, onde com despeza relativamente diminuta tornou-se exequível a criação de amplissimas vias, arborizadas ou ajardinadas, como succedeu em Paris com a grandiosa Avenue des Champs Elysées, que, partindo da praça de la Concorde atravessa extensos jardins de recreio e prosegue em linha recta e com a largura de 77 metros até a praça circular de l'Etoile, em que está erigido o monumental arco commemorativo das victorias do primeiro imperador dos Francezes, d'elle irradiando doze avenidas, entre as quaes a do Bois de Boulogne com a largura excepcional de 142 metros; ou como em Lisboa o exemplo mais recente da Avenida da Liberdade, construida com a largura de 90 metros em lugar do velho Passeio Publico e prolongada até as alturas do Valle de Pereiro, mediante grande monta de terraplenagem sobre solo d'antes mal ou pouco edificado. Em Bruxellas a magnifica Avenue Waterloo, de 84 metros, que em mais da metade da largura é occupada de aléas com seis renques de arvores, e como as precedentes pertence ao typo de avenidas de luxo, destinadas antes ao passeio, ao recreio, ao sport, que a um pesado transitio de vehiculos de todas as classes e de todos os mistéres.

Longe se estava agora tambem dos raros casos de delinear-se e arruar-se em terreno inculto e de pouco valor, uma nova cidade, como La Plata, na Republica Argentina, construida sobre solo arenoso, em perfeito xadrez, com numerosas praças e amplas avenidas; ou entre nós Bello Horizonte, a formosa capital de Minas Geraes, mais futura, mais higienica e mais pittoresca, assente como está em terreno declivoso e ao sopé de alta montanha, sendo que as suas avenidas teem a largura de 35 metros, (menos a de Affonso Penna, com a de 50, dimensão talvez excessiva), e cortam diagonalmente os quadros formados pelas ruas de 20 metros, assim corri-

gindo-se defeitos inherentes ao systema rectangular. Em condições analogas acha-se a nossa futura avenida marginal do porto, pois que ella surgirá do espaço ainda occupado pelo mar, podendo por esta razão ser contemplada, na faixa dos novos cães com a largura de 40 metros, a qual permite a collocação de uma aléa central com duas fileiras de arvores; assim como podem ser-lhes equiparadas as alamedas, que beiram o canal do Mangue pelas duas margens, tanto na antigo trecho de 1818 metros, como no seu prolongamento em construcção na extensão de 1516; levantadas, n'um e n'outro, sobre paúes e mangues, aquelle com 80 metros de largura, abrangendo os 12 do canal, e ostentando quatro filas de palmeiras imperiaes, e este, com 90 metros, devendo receber de cada lado do canal, alargado para 20 metros, uma linha de arvores dessa especie, e cada avenida marginal ter mais dois renques de arvores copadas.

Na escolha da melhor directriz, partindo a Avenida Central do largo da Prainha, o seu objectivo natural occorria ser um dos largos da Carioca ou da Mãe do Bispo, hoje praça Ferreira Vianna, limitados respectivamente pelos morros de Santo Antonio e do Castello; no primeiro caso cruzaria muita obliquamente as ruas longitudinaes entre as do Hospicio e da Assembléa, e desembocando na Carioca, a grande arteria prolongar-se-ia, tortuosa e mais acanhada, pela rua Treze de Maio, quanto alargada conforme o projecto que a Prefeitura já levou a bom termo, e em seguida pela rua Chile até ao mar; no segundo caso melhorariam as condições de intercepção com as ruas longitudinaes, mas o traçado geral apresentaria um desvio, confundindo-se a avenida em seu extremo Sul com a referida rua Chile.

No bemfazejo intento de permittir o acesso mais franco das correntes aereas, saneadoras e refrigerantes, e o seu derramamento pelas estreitas ruas da velha cidade, impregnadas por um ambiente estagnante e viciado, preferiu-se lançar com a resolvida amplidão a nova arteria em linha recta, de mar a mar, desda a Prainha até um ponto do litoral intermediario entre a praia de Santa Luzia e o Boqueirão do Passeio Publico. A definitiva direcção lhe foi fixada de modo que a margem occidental tocasse em seus extremos os grandes edificios do Lyceo Literario Portuguez e do Convento de N. S. da Ajuda, nos cantos NE e SE respectivamente, sendo que a margem oriental ficava adstricta por um lado ao córte de uma ponta rochosa do morro de São Bento, sobre a qual fôra em tempo construida uma escadaria para o acesso ao reservatorio d'agua, situado no alto, e por outro lado ao desmonte de uma aba do morro do Castello, coberta de compacta edificação na subida ingreme da ladeira do Seminario.

A solução assim dada ao melhoramento capital da viação urbana no centro commercial é a mais racional de quantas haviam sido aventadas, porque melhor atende ao conjuncto de condições a que se tinha de satisfazer; isto é:

1º—abrir o caminho mais curto e de execução mais facil entre os sitios affectos ás obras do porto e o extenso litoral, que se desenrola entre a praia de Santa Luzia e a de Botafogo, servindo a bairros populosos e ricos, e ao longo do qual era projecto antigo da Prefeitura, construir uma via de communicacão exterior, projecto este presentemente remodelado em forma de uma avenida arborizada e ajardinada de inexcédível belleza.

2º—arredar pelo modo mais singelo e economico possível, os obstaculos naturais e os que têm sido com o tempo creados pelo homem, oppostos a uma efficaç e desempedida ventilação;

3º—traçar a nova arteria com a orientação mais vantajosa em relação aos ventos dominantes, ao mesmo tempo não descurando a conveniente insolação a offerecer aos edificios que se forem nella erigindo de um lado e d'outro.

Sendo incontestavel o asserto concernente á primeira condição, cabe aqui lembrar sómente, quanto á segunda, o antigo projecto do arrazamento do morro do Castello, meio radical, por certo, de destruir-se por completo o maior estorvo levantado á acção benefica dos ventos, o qual foi outr'ora objecto de uma concessão federal, hoje encampada pelo Governo; no entanto as colossaes despezas que acarretariam a expropriação dos immoveis e o enorme movimento de terra necessarios, assim como a longa duração dos respectivos trabalhos eram incompativeis com os recursos de que para tal fim agora dispõe o governo, e com a grande rapidez que se queria imprimir á execução.

Em apoio da boa orientação da Avenida Central ligeira referencia é conveniente aqui fazer-se ao regimen local dos ventos; a sua direcção determinada pelos pontos obrigados do traçado, que acima deixámos assinalados, é de 19º15' para Leste, olhando-se para o Sul; aproxima-se pois bastante do rumo SSE. Ora resulta das observações anemoscopicas feitas durante longo período ser esta precisamente o vento que prevalece e sopra com mais constancia nesta cidade, seguindo-se-lhe de perto o NW e logo após o SE; e se agruparmos os ventos comprehendidos entre S e SE por um lado e os de N a NW por outro lado, cuja linha mediana corresponde com pouca differença á direcção da Avenida, temos que os primeiros podem ser representados na frequencia annual em média com a porcentagem de 42,3 e os ultimos com a de 26,7, e reunindo-os mais das 2/3 partes, portanto, da totalidade annua; este resultado provem da alternancia caracteristica dos ventos daquelles rumos, que diariamente se manifesta com grande regularidade, uns soprando de tarde como viração ou brisa do mar e os outros como terral ou brisa de terra da meia-noite em diante. No decurso do anno varia aquella relação com a declinação do Sol, sendo que de Novembro a Abril, isto é nos mezes mais quentes cresce a proporção dos ventos maritimos, que são os mais puros e refrescantes, ao passo que na outra parte do anno preponderam os que sopram de terra. A viração é geralmente mais intensa que o terral, mas raramente a sua velocidade atinge a 12 metros por segundo; ao rondar diario do vento e por vezes em substituição aos do quadrante de NW apparecem intervallos mais ou menos longos de calma, cuja duração total não excede comtudo em média a 12,6 % do anno; a um periodo de calma mais demorado e anormal succede vento mais forte, tempestuoso ás vezes, cujo rumo póde ser qualquer, mas sendo mais commum nestes casos o SW ou o NE. Nas condições assim descriptas, claro é, que a orientação dada á Avenida Central com relação aos ventos reinantes é extremamente favoravel.

Vejamus agora as particularidades da exposição aos raios solares, quanto edificios aos que serão construidos ao longo da avenida, e os seus effeitos sobre a propria via, dada a direcção desta e tendo em consideração a latitude geografica da cidade e o movimento apparente do sol, devido quer á rotação da Terra em volta do eixo, quer

á translação desta em sua orbita. Suppondo ser de 18 a 20 metros a altura normal dos edificios e descontando-se o tempo durante o qual, logo após do nascer do Sol ou antes do seu occaso, estão os predios de um lado da via, total ou parcialmente ensombrados pelas fachadas dos fronteiros, acha-se que por occasião do solsticio de Dezembro a insolação dos predios dos dois lados da Avenida durará pouco mais que 5 horas por dia; e desde essa epoca em deante até o equinoxio e em seguida até o solsticio de Junho a insolação dos predios da margem oriental irá gradualmente diminuindo até durar sómente 3 horas, ao passo que a dos predios da margem occidental pouco se modificará, decrescendo apenas a pouco menos de 5 horas por dia. Quanto á propria avenida para resguardar os peões da ardencia dos raios solares, haverá sempre, e principalmente na estação calmosa, alguma sombra projectada pelas construcções, ora de um lado, ora do outro, alem das intermittencias obumbradas pelas arvores.

Assentadas a direcção e a largura da Avenida Central e estudada sobre a excellente carta cadastral da cidade a faixa de solo edificado que era preciso occupar e aplainar para dar passagem á grande via e assegurar com a conveniente largueza a reedificação, o Dr. Paulo de Frontin ao assumir em 23 de Novembro do anno passado a direcção geral do Commissão Constructora, concebeu um vasto e bem organizado plano de acção para a realização do grande empreendimento dentro em brevissimo prazo, pondo-o logo em pratica com a denodada energia e lucido discernimento de que é dotado. O plano visava o conjuncto dos varios trabalhos e multiplas cogitações, desde as negociações para a expropriação dos immoveis e para a venda em lotes dos terrenos adquiridos, os trabalhos de demolição dos predios e do desmonte nas abas dos morros e os meios de remoção ininterrupta do entulho e do material excavado de maneira a acompanhar *pari passu* o andamento da derrubada; até o exame não só das condições technicas e dos requisitos hygienicos, a que devem satisfazer as novas construcções, como tambem o estudo dos melhores moldes architectonicos a seguir sem ferir as posturas municipaes vigentes, nem discordar dos predicados de grandiosidade e de belleza que harmonizem com os caracteres da futura via, sendo que tal aspiração deu o feliz ensejo para o brilhante e bem succedido concurso das fachadas. Alem disto importava attender ao trabalho de demarcação dos predios projectados segundo planos approvados pela Commissão, antes mesmo que a faixa da Avenida estivesse de todo desembaraçada da velha casaria; proceder ao exame da melhor concordancia, em planta e em elevação, da Avenida com as ruas existentes, prestando a devida venia ao plano de melhoramentos da viação urbana, organizado pela Prefeitura; e finalmente envidar o estudo das condições de escôamento superficial e da remoção subterranea das aguas de chuva, e as investigações sobre o melhor modo de ligar-se as diversas canalizações de agua potavel, dos esgotos e do gaz corrente com as respectivas rêdes, que funcionam na cidade e são actualmente, pela mór parte, objecto de revisão e de reforma.

Em um anno de afanoso e incessante trabalho é bem patente o maravilhoso resultado já alcançado. Nos dous primeiros mezes completam-se os accordos com os proprietarios de quasi todos os predios, na forma de trans-

ferencia da propriedade por valor não excedente dos limites estabelecidos na recente e providencial lei de desapropriação por utilidade publica, ou de simples permuta por algum lote dos terrenos da Avenida, com ou sem indemnização. Começa em 29 de Fevereiro a faina das demolições que se vae alastrando a toda a zona expropriada, á medida que se multiplicam os meios de transporte; a 8 de Março festeja-se solemnemente o lançamento da pedra fundamental do primeiro edificio, em terreno adquirido pelo abastado industrial E. P. Guinle e compreendido entre a Avenida, a rua do São Bento alargada e a rua Acre, antiga Prainha; investe-se em seguida a pedreira do morro de São Bento, e só muito mais tarde, quando as circumstancias permittiam a cessação do transito pela ladeira do Seminario, o corte do morro do Castello. Passam-se seis mezes e novos festejos se realizam, commemorando o anniversario da nossa independencia, achando-se derruidas mais de quinhentos predios e aberta uma ampla brecha entre o Boqueirão do Passeio e o largo da Prainha, pela qual é traçado o eixo da grande via e lançada uma linha de carris de ferro para tracção electrica, com um unico desvio motivado pela conservação dos grandes predios dos importantes commerciantes Hasenclever & C. até que possam elles transferir-se para o bello edificio em construcção na Avenida entre as ruas General Camara e São Pedro.

Importaram todas as despezas até hoje effectuadas com as desapropriações para a abertura da Avenida Central a avultada quantia de 28368 contos de reis, pouco superior, no entanto, á metade da verba affecta a este mysterio no orçamento geral das obras de melhoramento aqui comprehendidas pela União; a tal monta vem porem contrapôr-se a somma dos valores dos terrenos até agora alienados na importancia de 2174 contos, alem do producto da venda dos materiaes das demolições. Dos 590 predios desapropriados, pela mór parte de pessima estrutura e absolutamente destituídos dos requisitos hygienicos, muito pouco resta ainda derribar; e dentre os escombros já vae surgindo nova edificação; há com effeito agora 16 predios em construcção, sendo provavel que não tardará a iniciação de outros nos lotes já occupados em numero de 67, dos quaes foram vendidos 22 e permutados 39,—entre aquelles o do Club de Engenharia e entre estes os do Theatro Municipal, a Companhia Jardim Botânico e das empresas jornalisticas d'*O Paiz* e do *Jornal do Brazil*; cinco lotes foram cedidos em usufruto a instituições particulares, que são o Lyceo de Artes de Officios, a Policlínica, os Clubs Militar e Naval e a Companhia Docas de Santos; e finalmente sobre um grande terreno muito bem situado, no cruzamento da avenida com a rua Visconde de Inhauma, será levantado um novo edificio destinado á Caixa de Amortisação, estando de mais resolvido que a Bibliotheca Nacional terá collocação condigna sobre a via magna, assim como o magestoso Pavilhão Brasileiro que ora figura honrosamente na exposição internacional de São Luiz e dentro em breve virá tambem abrilhantal-a.

O serviço de remoção do entulho proveniente das demolições corria a principio morosamente em consequencia não só das difficuldades da circulação pelas estreitas ruas da cidade, como da longitude dos logares onde esses materiaes, juntamente com a terra excavada dos morros, podiam ser depositados sem inconveniente ou antes com grande vantagem na formação de aterros; rapidamente, porem, se foi desenvolvendo, quando aos meios de transporte, que de prompto se offerciam,—sendo por terra carroças, caminhões e vagonetes sobre

carris e por agua saveiros, rebocados por lanchas a vapor—, accresceu o concurso inestimavel da Companhia Jardim Botânico, a qual ia penetrando por entre as ruinas das casas parcialmente destruidas, com os seus trilhos e com o seu systema de tracção electrica, e porfim trafegava, noite e dia, por meio de comboios, puxados por carros-motores adequados, transportando até á praia de Botafogo na distancia media de 4800 metros cerca de 900 metros cubicos nas 24 horas.

Elevam-se até ao presente a mais de 160000 metros cubicos as quantidades transportadas, tendo sido 55400 empregados proveitosamente no aterro da Praia Formosa, 8900 lançados no Boqueirão do Passeio, assim dando-se inicio á construcção da Avenida á beiramar, e emfim cerca de 96000, que foram completar com desusada rapidez o grande terrapleno, que a Prefeitura empreendeu na praia de Botafogo, no desempenho do grandioso plano de embelezamento nesta parte da cidade. Do volume total provieram 46000 metros cubicos do corte da Ladeira do Seminario e 8189 do morro de São Bento, em grande parte excavados em rocha; os restantes 106000 representam os destroços da derribada, excluindo uma grande quantidade de matações de pedra, que se acham arrumados em montes regulares, e serão aproveitados, quer nas novas construcções, quer no calçamento da Avenida.

O illustre Chefe da Commissão Constructora, no empenho de activar sem tardança a reedificação, antecipando o seu inicio, antes mesmo de estarem as demolições tão adiantadas que permittissem de um dos extremos da futura via perceber o outro, imaginou um processo engenhoso, logo posto em pratica, de fixar sobre o terreno, ainda parcialmente impedido por predios, não derribados ainda, os alinhamentos dos dois lados da Avenida e com isto poder-se demarcar os lotes ajustados ou cedidos, e portanto os alicerces das novas construcções. De um ponto da armação de madeira, mirante ou girão, levantado acima do grande edificio do Lyceo Literario Portuguez correspondendo á aresta vertical ou canto de SE, visou-se com um teodolito por cima dos innumerables telhados um alto poste collocado junto ao canto NE do Convento da Ajuda; e na direcção visado alguns pontos foram sendo escolhidos acima dos sobrados mais altos, á medida que se entrava em accôrdo com os respectivos proprietarios e que a demolição de uns permittia descortinarem-se á vista os mais adequados á operação, sendo então nelles construídos outros tantos mirantes, centrados convenientemente. A linha aerea assim obtida corresponde ao lado de Oeste da Avenida, sendo que de cada uma das estações do alto se podia projectal-a sem discrepancia alguma ou pelo menos com uma aproximação inferior a dous centímetros, sobre o terreno, em trechos já parcialmente desembaraçado dos escombros. Em um bloco de casas da rua do Hospicio attingido pela Avenida e propicio ao levantamento topographico passou-se em angulo recto e na distancia de 33 metros de uma das estações elevadas da linha occidental para outra, que foi tambem estabelecida em um mirante; e deste ponto fixou-se pelo processo seguido o lado de Leste. Mais tarde, sobre o terreno já aplainado, foi traçada uma linha intermediaria, egualmente distante das precedentes, que ficou pois sendo o eixo da Avenida Central; permanecendo ainda de permeio no trajecto, temporariamente, a casa de Hasenclever & C., conforme ficou dito, sobre ella erigiu-se um grande mirante, cujo centro coincidia sobre o eixo da grande via, O comprimento da



DR. PAULO DE FRONTIN

ENGENHEIRO CHEFE DA COMISSÃO CONSTRUCTORA DA AVENIDA CENTRAL

linha axial, contado entre a rua Acre e o seu limite ao Sul verificou-se ser de 1795 metros, sendo que a distancia entre o caes das obras do porto e o da Avenida á Beiramar será de 1956 metros segundo o mesmo alinhamento.

Cumpria então proceder-se ao nivelamento do terreno já desbravado, com o fim de determinar a gradiente a dar-se á Avenida, para que concordasse com as alturas encontradas nos calçamentos das ruas atravessadas. Verificando-se uma differença do nivel de 2,^m66 entre o ponto culminante na praça Ferreira Vianna e a rua Acre e de 1,72 em direcção ao outro extremo, resultaria uma rampa e uma contrarampa de cerca de 0,^m002 e 0,^m005 por metro respectivamente, circumstancia esta que collocava a futura via em excellentes condições de declividade para o effeito do escôamento das aguas de chuva; entretanto a sensível discordancia existente nas altitudes das ruas interceptadas, conforme se póde observar no perfil longitudinal, impediu a adopção de inclinações

uniformes; assim é que, fixando-se de accôrdo com a Prefeitura a cota culminante da Avenida em 4,^m50, junto ao futuro Theatro Municipal, em 3,^m50 a da Avenida á Beiramar, e tomando-se no extremo Norte a cota dos caes do porto, que é 2,^m40, a gradiente estudada, para melhor coadunar-se com a superficie calçada existente, apresenta forçosamente variedade de declives com alguns patamares intercalados. D'ahi não resulta aliás, como é sabido, prejuizo algum ao escôamento das aguas, desde que nos trechos de nivel se attribuem declividades ás sargetas nos dois sentidos até os proximos ralos, collocados a intervallos adequados, e que a isto se agregue uma canalização subterranea em condições apropriadas a uma rapida circulação das aguas até os pontos de descarga. Nota-se no perfil que algumas das ruas longitudinaes terão de ser um pouco alteadas, nomeadamente as de Visconde de Inhauma e de São Pedro, de 0,^m27; mas d'ahi não provirá tão pouco inconveniente sério, porquanto a altura das soleiras dos predios que ficam

nas immediações da grande via permite tal transformação; além de que é projecto da Prefeitura alargar algumas das referidas ruas, tendo dest'arte de reformar os respectivos calçamentos.

Na prosecução do mesmo ideal: o aformoseamento da cidade pela melhoria da viação, não podia a Comissão Constructora deixar de envidar relações bem accordes com a Municipalidade, no intuito de se harmonizarem as vistas e se aperfeiçoarem os planos; assim é que o primitivo projecto de alargamento das ruas do bairro commercial se foi amoldando ao da grande Avenida e contribuindo para a belleza do conjuncto. No cruzamento, por exemplo, quasi em angulo recto, da rua Visconde de Inhauma, ampliada a 24 metros, haverá uma praça circular de 60 de diametro; ao alargamento já anteriormente assentado da rua da Assembléa, accresce agora, alem de outros, o da Sete de Setembro, pela qual no futuro se descortinará mais desafogada a perspectiva sobre os jardins e os monumentos da praça 15 de Novembro. A nova rua de Santo Antonio com 20 metros, enfrentando o edificio da Typographia Nacional de um lado e terminando na Avenida defronte da embocadura do que restará da rua Chile, será ladeada pelos palacetes da Companhia Jardim Botânico e do Lyceo de Artes e Officios, occupando quarteirões inteiros, sendo que o desta benemerita instituição será limitado por um dos lados pela nova rua São Gonçalo, larga de 30 metros, cujo objectivo, no caso de, no porvir, realizar-se o completo arrasamento dos morros do Castello e de Santo Antonio, é de constituir uma grandiosa arteria, devendo communicar entre si em linha recta o bairro da Misericordia, nas immediações do grande Mercado Central projectado, a Avenida Central, as ruas do Lavradio e dos Invalidos e enfim o moderno bairro em que se converterá o morro do Senado, já parcialmente desaparecido.

A completa e radical metamorphose que se está operando entre o largo da Carioca e o Boqueirão do Passeio repercute-se quasi com equal intensidade no outro extremo, começando desde já com o engrandecimento das ruas Acre e São Bento e o prolongamento da rua Municipal, em combinação com a grande Avenida, e finalizando dentro de alguns annos com a transformação que no bairro da Saúde acarretam as obras do porto. Ahi ficarão, no emtanto, bem patentes aos olhos dos que transitarem pela futura Avenida, a travessa Felipe Nery e a ladeira João Homem, testemunhando talvez para todo o sempre, a encruzilhada de apertadas viellas, sem luz nem ar, que out'ora enleava esses sitios.

Volvendo á Avenida Central e aos trabalhos a cargo da Comissão Constructora adduziremos ao que acima ficou dito, algumas considerações e pormenores de construcção, relativas á propria via e aos edificios que serão nella erigidas, baseadas pela mór parte sobre informações obsequiosamente prestadas pelo illustre Chefe da Comissão. A calçada central será abaulada em arco de circulo com a flecha de 0,^m10, donde a inclinação tangencial junto á sargeta de 0,^m02 por metro; os passeios terão declive transversal mais pronunciado um pouco, pois o meio-fio está a 0,^m15 acima da sargeta e há uma differença do nivel de 0,^m17 entre este ponto e outro junto á soleira dos edificios; tambem os meios fios que guardam os refugios sobrepõem de 0,^m15 a superficie calçada da rua. Será de asfalto sobre base de concreto o calçamento da via carreteira, dependendo a preferencia do systema, se o de lençol, ou se o de blocos compri-

midos, da concorrência, já aberta a este respeito; e o dos passeios será provavelmente constituido de ladrilhos de grés, de fabrico nacional, á semelhança do que está feito com grande exito em Bello Horizonte. Para estes trabalhos já se prepara em grande copia a pedra britada necessaria, utilizando-se materiaes provenientes das demolições.

Quanto á arborização ao longo dos passeios a escolha recahirá, segundo parece, no oití ou no jambo, da especie Eugenia Speciosa; a distancia entre as arvores será regulada segundo o talhe e feição da arvore escolhida, e de maneira que não fiquem as fachadas de todo encobertas. Os refugios estarão espaçados entre si 25 metros quando muito; prevalecia a idéa de serem nelles plantadas arvores de copa mais frondosa que a das arvores mencionadas, como o páo-brazil ou a mangueira; mas as contingencias da illuminação electrica obrigarão naturalmente á substituição intercalada das arvores por columnas com duplos focos dispostos lateralmente; talvez mesmo que em consequencia da recentissima decisão, tomada pelo digno Ministro da Industria de estabelecer a tracção electrica no serviço dos suburbios feito pela Estrada de Ferro Central do Brazil, estendendo-se ás avenidas do porto e do Mangue, venha a ser completamente supprimida a arborização axial projectada, para dar logar aos postes que sustentam os fios conductores de electricidade.

A construcção dos edificios obedecerá ás normas estabelecidas pelas posturas municipaes em vigor. Alem do pavimento ao rez-do-chão, terão pelo menos dous andares superiores, de modo que a altura da soleira á cumieira oscillará entre a metade e os dous terços da largura da Avenida. Predio algum poderá ser edificado sem que préviamente sejam submettidos ao julgamento da comissão desenhos detalhados concernentes á planta, á fachada e á disposição interna; e a julgar pela affluencia numerosa e selecta de profissionaes, que accudiram com as suas artisticas producções ao concurso das fachadas, é de esperar com segurança que a Avenida ostentará em proximo futuro uma successão de variados e bellos especimens de architectura.

Após o exame dos caracteres estruturales da grande via, quer á sua superficie, quer em alçado, attentemos ao que deverá ser executado abaixo do solo. As favoraveis condições de declividade segundo o eixo da Avenida parecem indicar que os liquidos a escoar subterraneamente deverão correr nos dois sentidos até o mar; ora apresentam-se desde logo á reflexão e estudo, a tal respeito, questões como estas: Convirá estabelecer ao longo della uma espaçosa galeria visitavel, a qual por sua vez encerrará, convenientemente dispostas, todas as canalizações de agua potavel, de gaz corrente, de esgotos, e com isto convirá tambem construir as derivações de cada especie para os predios através da larga faixa asfaltada? Ou não será preferivel collocar sob cada passeio uma galeria construida nas mesmas condições, para evitar a passagem sob o calçamento estanque e de dispendioso manuseamento, dos tubos do abastecimento d'agua, que podem rebentar sem dar signal á superficie, ou dos encanamentos de gaz, que podem deixar escapar o conteúdo, deteriorando a camada bituminosa? Não será mais racional, aproveitando a amplidão dos passeios, abandonar de vez o systema de galerias de grande secção e assentar sob cada passeio canalizações independentes e juxtapostas, ligando-se nos cruzamentos das ruas com as diversas rédes, as quaes soffreriam as modificações ou as reformas que fossem necessarias? Ou talvez releve adoptar algum syste-

ma mixto, estabelecendo sob cada um dos passeios um conducto, cujo fecho aflore quasi o lagedo, e que despeje pelas suas extremidades as aguas de chuva, directamente para o mar; possuindo, porém, o conducto altura sufficiente para receber tão sómente de um lado o novo encanamento de agua de consumo, que permita fornecer-a com abundancia e pressão aos mais altos edificios e aos hydrantes, destinados aos serviços dos incendios e da irrigação das ruas; ou senão acolher ainda, do outro lado, os *feeders* das correntes electricas, assim evitando-se o emprego do hediondo e por vezes perigoso systema de cabos aereos? A Commissão Constructora, á qual está affecta a resolução deste complexo e interessante problema, saberá sem duvida, sob a inspirada chefia do Dr. Paulo de Frontin e de accordo com a Inspeção Geral das Obras Publicas e a Fiscalização do serviço dos esgotos urbanos, achar a mais acertada combinação para que a Avenida Central se torne um modelo de technica sanitaria, quer na via publica, quer no domicilio.

Lançando a vista sobre a planta da Avenida e sobre o rol de proprietarios ou concessionarios dos terrenos com frente sobre ella, observa-se um começo de distribuição por tres zonas, segundo a natureza dos negocios ou affazeres dos diversos occupantes: selecção que se irá provavelmente accentuando á medida que tiverem destino os lotes ainda não occupados, até prevalecer por fim; correspondendo a esta differenciação, as tres grandes secções da Avenida naturalmente apresentarão caractéres architectonicos distinctos.

Na primeira zona, ao Sul, se alinharão de preferencia as fachadas de aspecto mais severo ou monumental de alguns estabelecimentos publicos e de institutos ou associações de ensino, de beneficencia ou de auxilio mutuo; a Bibliotheca Nacional virá aqui installar-se em terreno ainda não delimitado, assim como, rodeado de jardins se destacará o Pavilhão Brasileiro da Exposição de São Luiz, destinado a ser o Palacio das Exposições Permanentes. Em situação privilegiada, entre a Avenida e a rua Treze de Maio e com frontispicio dirigido para o mar erguer-se-há majestoso, dominando os edificios vizinhos, o Theatro Municipal; qualquer que seja o plano que fôr escollido para a execução entre os dois projectos que mereceram *ex aequo* o primeiro premio em memoravel concurso, a não ser que se organize um plano definitivo, consorcando a belleza architectonica das fachadas lateraes e a brilhante decoração interna de um desses projectos com a incontestavel superioridade do outro, quanto á disposição da sala de spectaculo e as condições de acesso e circulação. As quadras extremas, junto á Avenida a Beiramar ainda não foram cedidas; acham-se ellas também em posição excepcionalmente avantajada para provocar a concepção de bellas unidades architectonicas, pelo facto de disporem de fachadas sobre duas largas avenidas, e dominarem um panorama de incomparavel magnificencia, como é a bahia da Guanabara, na parte compreendida entre o morro da Gloria e o costão de Santa-Cruz, e abrangendo de permeio o Corcovado e a entrada da barra; este local está por certo reservado á fundação de monumentaes estabelecimentos de hospedagem, de diversões e balneares.

Em contraste frisante com a esthetica da futura edificação, permanecerá entretanto a pesada e feia mole, que é o Convento da Ajuda, impressionando a vista antes como se fosse um deprimente carcere, que um recinto de devoção religiosa; a não ser que em tempos vindouros o

extenso casarão passe por uma profunda metamorphose artistica, dando quiçá abrigo á Universidade, *alma mater* que o Brazi! não possui ainda, mas que forçosamente surgirá um dia!

Defronte do Convento da Ajuda continuam ainda as excavações do morro do Castello, cujo estado actual está fielmente representado no presente numero do *Kósmos*; derruidos os numerosos predios da antiga Ladeira do Seminario e da rua Chile, quasi totalmente extincta, desvendou-se á vista do povo que diariamente transita por esses logares, o immenso cortiço, situado sobre uma esplanada nas fraldas do morro, a que está reduzido o historico Seminario de São José. O progresso já alcançado no desmorte, a circumstancia de não restarem senão poucos predios de particulares nesta parte da collina e no alto apenas o antigo forte de São Januario, pertencente á União, e enfim a carencia de material para aterro por parte da Prefeitura, na execução da Avenida á Beiramar, deixam antevêr que o córte do morro proseguirá ainda por muito tempo até atingir pelo menos os muros de recinto do antigo Collegio dos Jesuitas, que se vê no desenho á esquerda. Desta maneira se poderia abrir, com grande vantagem para as communicações com a praia de Santa Luzia e o Hospital da Misericordia, uma nova rua, que partiria da Avenida em ponto fronteiro á fachada principal do Theatro Municipal e symmetricamente alinhada em relação á rua Evaristo da Veiga, alcançando no outro extremo a rua de Santa Luzia, junto á igreja do mesmo nome, assim conseguindo-se ao mesmo tempo mais uma perspectiva para a Avenida em direcção á ilha de Villegaignon, tendo como fundo do quadro o litoral accidentado das cercanias de Niteroi. E se porventura a obra de embellezamento da cidade, ao mesmo tempo que do saneamento, fôr por diante em progresso incessante, o velho Collegio dos Jesuitas, construcção acachapada e de miserando aspecto, desaparecerá para dar lugar a um palacio, envolto de jardins, de terraços e de escadarias, que melhor e mais honroso destino não poderia ter senão o de agasalhar a nossa Academia e o Museo das Bellas Artes.

Em frente ao Theatro Municipal permanecerá a pequena praça, hoje denominada Ferreira Vianna, que foi cubiçada pelas commissões incumbidas de erigir as estatuas do jurisconsulto Teixeira de Freitas e do Marechal Floriano Peixoto, sendo finalmente dada a preferencia pela Prefeitura ao monumento commemorativo deste ultimo. Seja licito agora a um profano em questões de arte, expender a este respeito uma opinião, animado como está de enthusiastica admiração pela obra de regeneração iniciada, embora não espere que seja acolhida favoravelmente pela grande maioria. O espaço que fica disponivel para o elevado fim que se tem em vista em frente ao theatro é um pequeno triangulo, limitado de um lado pela Avenida, de outro pelo prolongamento da rua Treze de Maio e na terceira face pelo tracto de rua indispensavel para o acesso ás portas principaes do edificio; a estatua ali collocada não seria vista de longe pelos que transitam nas ruas que irradiarão por ventura em torno do frontispicio do mesmo, exceptuando-se aquelles que se dirigirem do Sul para o Norte, e por mais sumptuosa, que seja a estatua, o effeito de grandeza seria altamente prejudicado pela magnitude sobranceira do Theatro Municipal. De mais um monumento destinado á memoria de um grande homem convem ser erigido em situação que relembre os seus altos feitos e os logares onde exercia a sua actividade em bem da patria e da sociedade. Nesta conformidade parece que em frente ao

theatro caberia mais acertadamente um motivo decorativo mais modesto, uma fonte artistica, por exemplo, com re-puxos luminosos á noite; e a estatua do grande Marechal e Estadista acharia muito melhor collocação na pequena praça em via de formação no centro da encruzilhada de largas ruas, proximo do local, onde outr'ora existiu a igreja de São Joaquim; ahi sobresahiria com toda a sua magnitude o vulto em bronze de Floriano Peixote, dirigindo a altiva vista para a praça d'armas que se estende em frente ao Quartel General, e para o palacio de Itamaraty, onde prestou os ultimos e relevantes serviços á Nação.

A primeira zona da Avenida Central está affecta, como vimos, de preferencia a monumentaes edificios, attingindo os quarteirões situados entre as ruas de São José e da Assembleia; d'ahi em deante, em mais de 500 metros até os quarteirões comprehendidos entre as ruas da Alfandega e General Camara, estende-se a zona central, que, sem duvida, será caracterizada pelos numerosos armazens de modas e confecções, lojas de armarinho e de perfumaria, officinas para os complexos mistéres do vestuario e do mobiliario, tudo illuminado brilhantemente á noite, e parecerá portanto como que um fragmento dos *boulevards* de Paris.

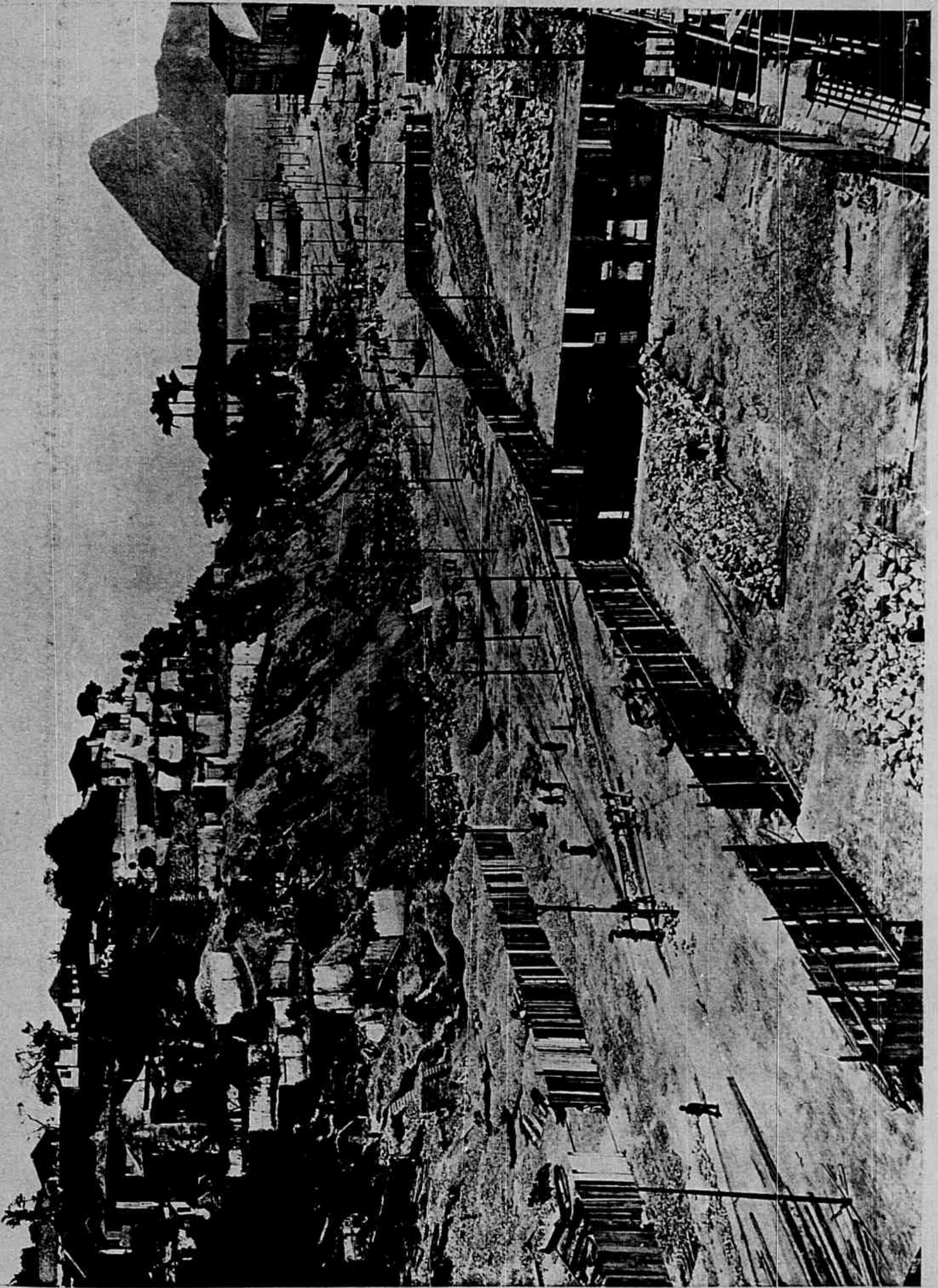
A terceira zona pertencerá ao commercio em grosso, tanto de importação, como de exportação, a ricos e poderosos estabelecimentos bancarios e a sédes de grandes Companhias de viação terrestre e de transportes maritimos. A praça circular, no cruzamento da Avenida com a rua Visconde de Inhauma, de que um dos quadrantes está reservado á Caixa da Amortização convem admiravelmente á localisação de outros imponentes edificios, servindo a fins analogos e construidos portanto segundo estylo architectonico, semelhante e adequado. O minusculo triangulo no cruzamento da Avenida com as ruas

de São Bento e Municipal presta-se a accomodar um pavilhão elevado, ou uma torre, com pequenas lojas no rez-do-chão, e um grande relógio com quatro mostradores, no alto, a guisa de um significativo emblema que lembraria sempre aos transeuntes atarefados o conhecido mote favorito dos commerciantes que cultivam a lingua ingleza.

No extremo Norte a Avenida Central terminará em uma praça formada pela ampliação do largo da Prainha, com perspectiva desimpedida para o mar, em direcção á longinqua ilha do Governador; nesta praça findará simultaneamente o systema de caes acostaveis pelos maiores navios, já iniciado para a realização dos melhoramentos do porto, abrangendo uma faixa de cem metros de largura, a qual encerrará as linhas ferreas marginaes, a série de grandes entrepostos e a imponente Avenida attinente. No ponto em que o eixo desta larga via cruzar com uma linha traçada entre o eixo da Avenida Central e o passeio do lado oriental, de modo portanto, a estar fóra das linhas de arvores e postes electricos, deverá ser erigida a columna artistica, confiada ao habil cinzel do Professor Rodolpho Bernardelli e consagrada pela brilhante e patriotica iniciativa do Club de Engenharia á memoria do Visconde de Mauá; o homem, que seguramente mais trabalhou em prol do progresso material do Brazil e principalmente do Rio de Janeiro, iniciando a construcção de estradas de ferro, lançando as bases para o estabelecimento do telegrapho submarino, executando com vistas ao saneamento da cidade e ao trafego de pequenas embarcações o canal do Mangue, organizando as principaes companhias de navegação a vapor, creando e gerindo as maiores instituições de credito que jamais existiram no Brazil.

ALFREDO LISBOA.





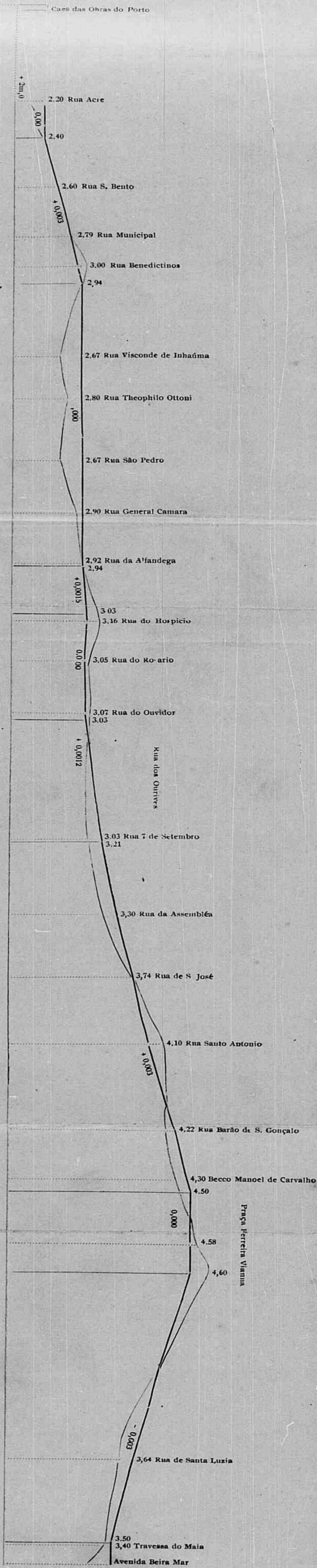
CÓRTE DO MORRO DO CASTELLO

Terrenos adjuvados:

1. Eduardo P. Guinle
2. Castro Silva & Ca
3. A. Lopes
4. Mosteiro de S. Bento
5. E. F. S. Paulo R. Grande
6. Guimarães Irmão & Ca
7. Mosteiro de S. Bento
8. Irmãdade da Candelária
9. Ca Docas de Santos
10. V. de Amoroso Lima
11. J. B. Hasenclever & Filhos
12. Dr. E. Grandinasson
13. Theodoro Ville & Ca
14. Item Soliz & Ca
15. Gustavo J. de Mattos
16. V. O. 3.ª da Penitência
17. Visconde de Sucena
18. M. Machado
19. I. da C. e Boa Morte
20. Alberto de Almeida & Ca
21. D. J. F. Cardoso
22. Guinle & Ca
23. A. Portella
24. V. O. 3.ª da Penitência
25. J. Lima Braga
26. B. Couto
27. Luiz de Rezende
28. P. Sebastião Junior
29. M. Magalhães Machado
30. M. B. Cavanelas
31. Jornal do Brazil
32. Antonio Maria da Costa
33. Dr. H. Ramos
34. J. Ferreira Serpa
35. C. Conterville
36. A. dos E. no Commercio
37. Eduardo P. Guinle
38. Convento da Ajuda
39. Club de Engenharia
40. D. Adélia de Queiroz
41. Gustavo de Mattos
42. D. A. Menges
43. A. M. Passero
44. D. Maria dos Santos
45. M. B. Cavanelas
46. S.ª Casa da Misericórdia
47. Dr. José Parangará
48. A. Jannuzzi & Irmão
49. I.ª N. S. do Parto
50. I.ª da Candelária
51. Polychimica
52. D. A. R. de Oliveira
53. Dr. J. A. de Souza Gomes
54. D. Gracinda F. P. Coutinho
55. H. Garnier
56. Club Militar

AVENIDA CENTRAL

ESCALA 1:4000

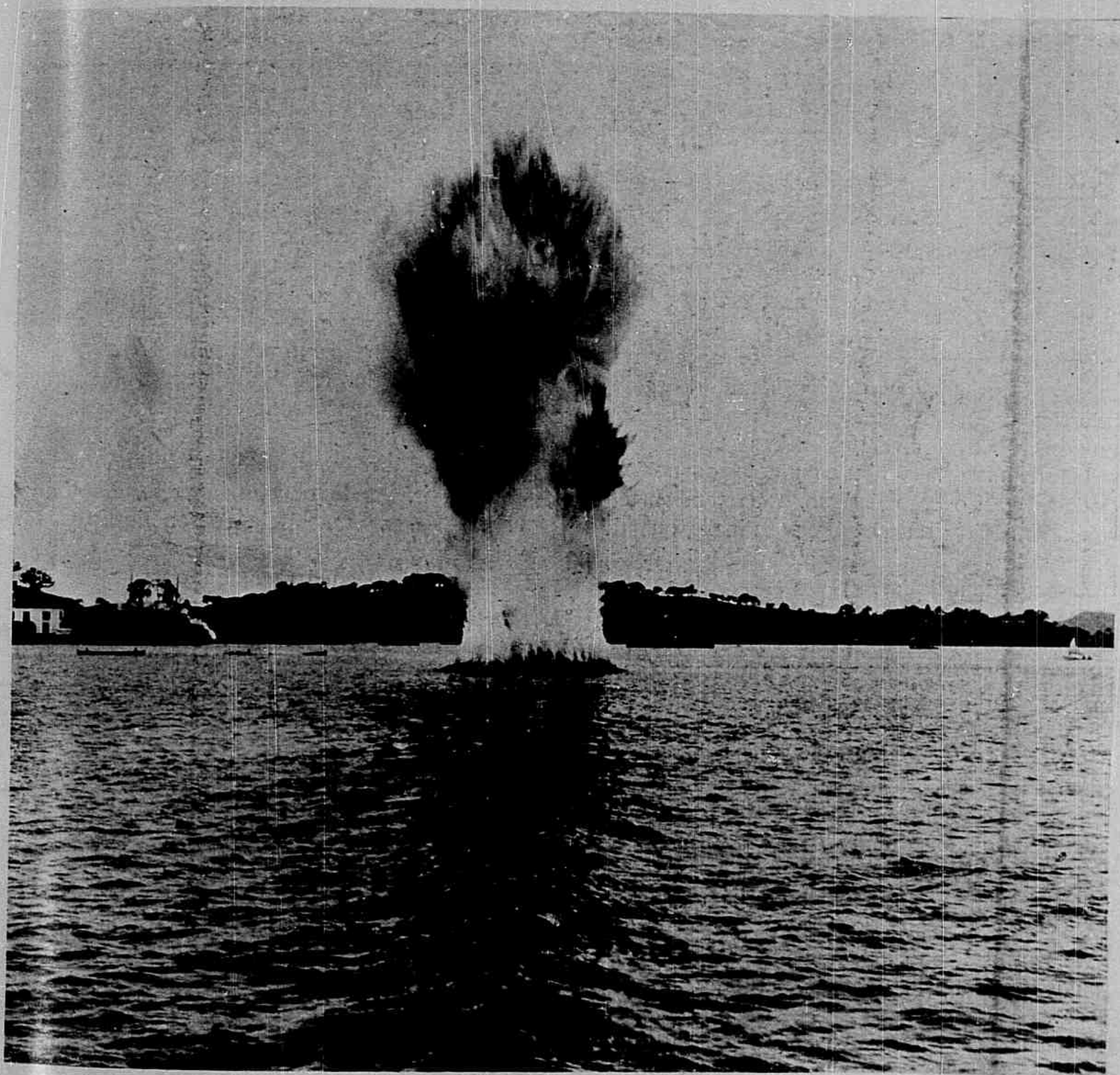


Perfil longitudinal do meio fio
ESCALAS: Vertical 1:50
Horizontal 1:4000

CONVENÇÕES

— Perfil longitudinal do meio fio
— Terreno natural
As cotas referem-se à maré média

GR=14X



A presente gravura representa a explosão de uma mina submarina, em 12 do corrente na ilha do Mocanguê, experiencia realizada sob a direcção do distincto official de marinha 1.º T.º Marques de Azevedo, professor de minas e electricidade—A photographia foi tomada a 250^m de distancia.

A carga da mina era de 50 kg. de dynamite, elevando-se a columna d'agua a cerca de 60 metros de altura.

Aos distinctos commandante e officiaes da Directoria das Torpedeiras, somos gratissimos pelas gentilezas com que nos cumularam, por occasião dessa experiencia.

TYPOS DA ROÇA

v

BATE-PÁU

COMO andasse sem *tacho* até mesmo para comprar um *córenta* de fumo para o pito ou tomar o seu gole de restillo, e estivesse enjoado de cavucar na terra todo o dia, numa toada, bateu p'ra cidade e acceitou ser bate-páu ou meréréca, fazendo parte do destacamento local.

Pega a manjuba com pouca canceira; tem nota na *iubeira* do paletó; e não está cuidando do *solão* que esturrica as plantas, nem do aguão descendo um mundo de chuva que até parece castigo.

Não tem farda. Apertou o cinturão com a *bicha* ahi do lado, e, si o caso é disso, topa também com a riúna. Traja á paisana, e só faz sentinella, quando os "camaradas", andam em escolta pelo municipio, no pega-pega de maludos.

De chapelião de palha, que os presos trançaram, sentado no banco do corpo da guarda, pitando grosso cigarro, o *bate-páu* é o engajado da policia mineira. Desertou da enxada e passou a viver na cadeia, acompanhando os presos que, pela manhã, vão levar ao *corgo* os barris da limpeza dos cubiculos. De cinturão e baioneta, o bate-páu ou meréréca é esturdio; e, encontrasse elle um official, que logo o salvaria com um "bom dia, patrão", como a qualquer patricio.

Filho do lugar, os presos o conhecem, e elle é o Nhô, o Quim ou outro appellido assim familiar.

Nas horas vagas, ferra no truco, quando não no *lasca* e no sete e meio, enquanto nas prisões, os detentos trançam palha assobiando modinhas ou cozem sapatos de couro crú.

Quando não tem serviço, desaperta o cinturão e fica banzando na vida, puxando prosa com os "camaradas".

Ás nove da noite, quando o carcereiro bate a sineta da recolhida e os "negocios", todos se fecham, o meréréca estira o corpo no catre, dormindo somno regalaído, sem que o incommodem ferroadas de pulgas, nem o bodum que tresanda das prisões, fervendo de muquiranas.

Luz mortiça de lampeão de kerozene torna mais triste ainda o corredor da entrada da cadeia, á cuja porta a sentinella cochila, não raro sentada á soleira, assustando-se, ás vezes, com o bater das ferragens dos cavallos peados das mãos, pastando no largo.

Pelo sertão mineiro é com merérécas que se completam os aliás perrengues destacamentos, responsaveis por tantos presos, no geral — a maludagem da terra, parceirada *onça* no crime, que nem estando, annos e annos seguidos nas grades, abranda o facho e deixa de fazer *estrupicios*.

Não se encarregue ao bate-páu de importante diligencia, pois, vendo o negocio preto, é homem p'ra quebrar *pá traz* num carreirão desabotinado, mórmente si a *trapalhada* é com ciganos, gente com quem não gosta elle de sucicar nem de topar.

Faz serviço na cadeia; e, quando embirrar, não tem talvez nem *tété*, afunda na roça e volta a cavucar terra, conservando pela farda e pelo quartel a *giriza* de sempre, de todo o sertanista "de pé no chão", cioso da sua liberdade, sem ter que dar *satisfas* a nenhum malungo.

Até lá, vae pegando a manjuba, e tem seu cobre para o pito, sem muita canceira, tomando conta dos presos, gemendo no páu por cuidarem que é "só afin-cá o ferro e "ficá no bem bom."

Não vê! Elle é que está cá fóra ganjento, de cinturão, os pés folgados nos chinelões de couro, — bate-páu do destacamento da cidade sertaneja.

Juiz de Fóra, 1904.

AZEVEDO JUNIOR.

KOSMOS

PHOTOGRAPHIA BRAZILEIRA



ANTIGO PROCESSO
AINDA EM USO NO
RIO DE JANEIRO

COLLAGEM A SECCO
(PROCESSO DA CASA)

L. Musso & C.

10, Rua da Urugayana, 10

RIO DE JANEIRO

NOVOS PROCESSOS

Charbon Velours e Celoidine

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS
COMMERCIAES CATALOGOS ILLUSTRADOS,
CARTÕES POSTAES COM VISTAS ETC.

24, Rua da Alfandega, 24

RIO DE JANEIRO

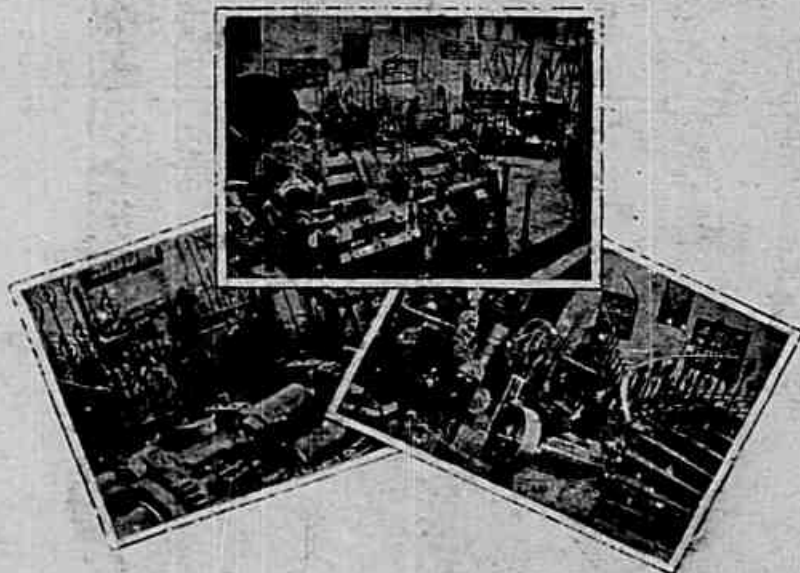
DUBONNET

○ MELHOR APERITIVO ○

FUNDIÇÃO INDIGENA

A MAIS ANTIGA DO BRAZIL

Premiada em varias Exposições Nacionaes e Estrangeiras



FARINHA CARVALHO & C.

FABRICANTES

DE MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIA

*** CONSTRUÇÕES METALICAS ***

GRADES, VARANDAS, COLUMNAS ETC. ETC.

CALDEIRAS, RESERVATORIOS, PONTES ETC.

PORTAS DE AÇO ONDULADO SILENCIOSAS

120, a 126, Rua da Imperatriz, 120 a 126

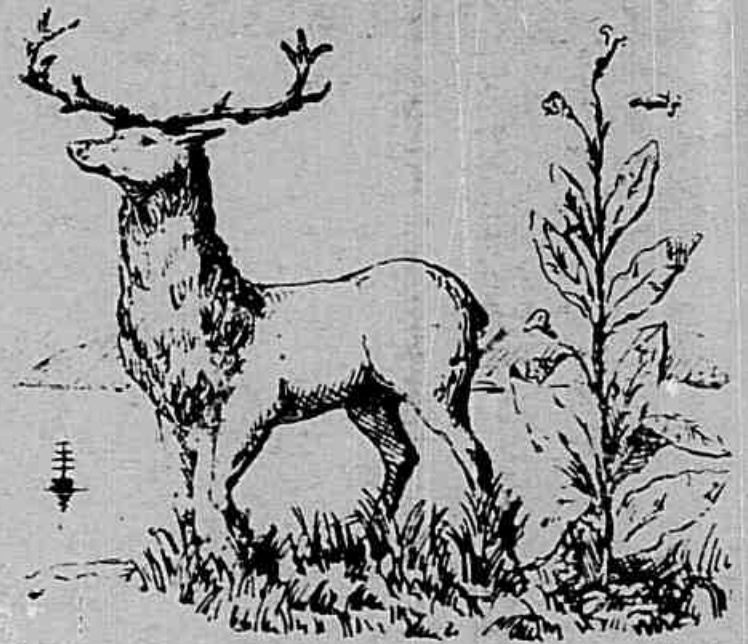
RIO DE JANEIRO

GRANDE MANUFACTURA

DE

FUMOS E CIGARROS

MARCA VEADO



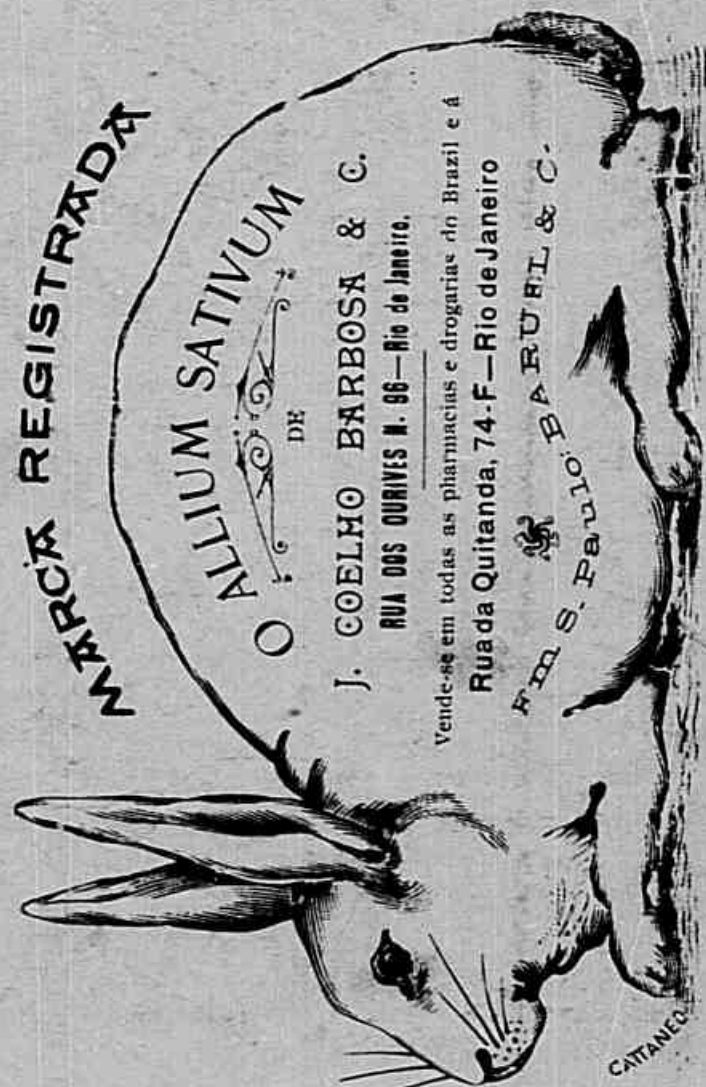
IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

DE TODOS OS ARTIGOS PRECISOS PARA

Fabricas ou Depositos de Fumos e Cigarros

Unicos Proprietarios dos Papeis para Cigarros

LAURITA E CONDOR



MARCA REGISTRADA

ALLIUM SATIVUM

DE

J. COELHO BARBOSA & C.

RUA DOS OURIVES N. 96—Rio de Janeiro.

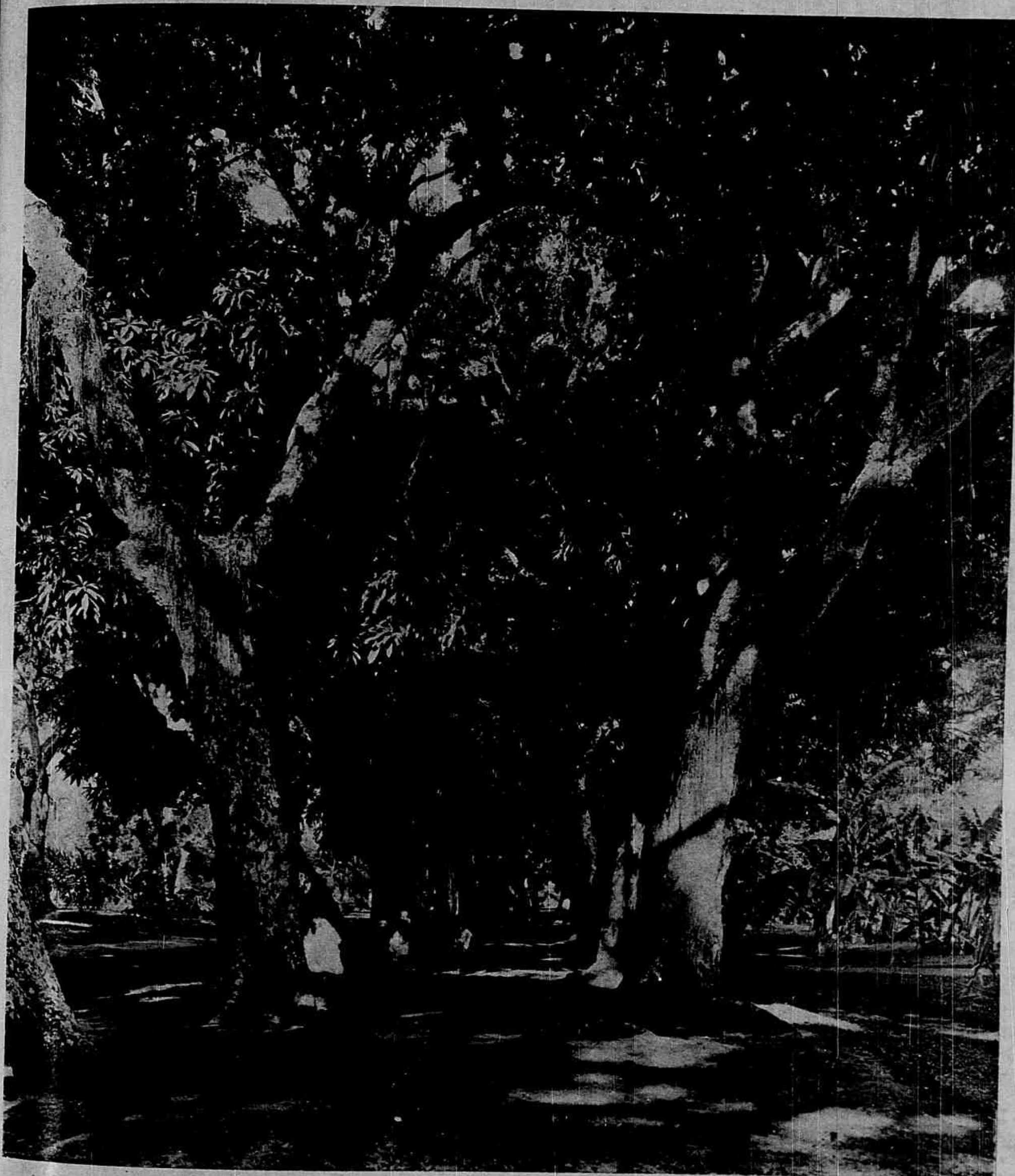
Vende-se em todas as pharmacias e drogarias do Brazil e á

Ruada Quitanda, 74-F—Rio de Janeiro

FR. S. PAULO BARBUI & C.

PREVENÇÃO AO PUBLICO

Do ALLIUM SATIVUM antigo e conhecido na homeopathia, porém pouco ou raramente usado, J. COELHO BARBOSA preparou ha cinco annos de uma forma especial um especifico para curar a influenza e constipações de um a tres dias. Representando agora fabricantes do ALLIUM, prevenimos ao publico que, se quizer ter a certeza de levar para casa um remedio especialmente preparado para estas molestias, devesa exigir o que traz um COELHO pintado.



MANGUEIRAS

JARDIM BOTANICO - RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA
NACIONAL
RIO DE JANEIRO

R